



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Pedro Monteiro Silva

PROPOSTAS DE REQUALIFICAÇÃO CULTURAL E TURÍSTICA  
NA CIDADE DO PORTO CLASSIFICADA COMO PATRIMÓNIO  
MUNDIAL PELA UNESCO

Mestrado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento

Trabalho efectuado sob a orientação da  
Professora Doutora Olga Matos

Dezembro de 2012

## **JÚRI**

Presidente

Prof. Doutor Thomas Brysch  
Professor Adjunto da Escola Superior de Tecnologia e Gestão  
do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Vogais

Professora Doutora Lilana Soares (Arguente)  
Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão  
do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Prof. Doutora Olga Matos (Orientadora)  
Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão  
do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

## Índice

Índice de Figuras .....	III
Abstract .....	IV
Resumo.....	IV
Agradecimentos.....	V
1. Introdução .....	1
2. Metodologia .....	3
3. Centro Histórico .....	5
3.1 Reestruturação Urbana .....	8
4. Inscrição do Centro Histórico do Porto na UNESCO .....	9
5. Classificação (Justificação da Inscrição).....	10
5.1 Caracterização do Centro Histórico .....	10
5.2 Os Edifícios do Centro Histórico do Porto - Descrição .....	12
6. Análise das Características Diferenciadoras da Cidade do Porto.....	20
7. Turismo Cultural e Relação com a Comunidade Local.....	21
7.1 Avaliação.....	21
7.2 Relações com a Comunidade Local .....	22
8. Razões para o Despovoamento do Centro Histórico.....	22
9. Caracterização da Área de Estudo.....	23
9.1 Desenvolvimento Socioeconómico .....	24
9.2 Valorização do fenómeno Trabalho .....	24
9.3 Novos Estabelecimentos Comerciais (Indústrias Criativas) .....	25
10. Promoção da Cidade.....	26
10.1 Promoção Interna .....	26
10.2 Promoção Externa .....	28
11. Território e Urbanismo.....	29
11.1 Ordenamento do Território e Relação com o Sector Terciário - Emprego .....	29
11.2 A Cidade e o Urbanismo .....	30
12. Análise das Entrevistas.....	32
12.1 Recursos disponíveis nas Associações Inquiridas.....	33
12.2 Principais Iniciativas Desenvolvidas pelas Associações.....	34
12.3 Principais Actividades Desenvolvidas pelas Associações .....	34
12.4 Comunicação Entre as Associações com a Comunidade Local e com a Autarquia.....	35

12.5	Actividades Promocionais Dirigidas aos Visitantes.....	37
12.6	Direcção do Público-Alvo das Associações.....	38
12.7	Percepção da Opinião da Comunidade Local das Associações.....	38
12.8	Visibilidade por parte das Associações das Acessibilidades para pessoas com Mobilidade Reduzida .....	39
12.9	Principais Dificuldades das Associações .....	40
12.10	Perspectivas das Associações a Médio e Longo Prazo .....	41
13.	Expectativas da Comunidade Local para a Área Classificada .....	42
14.	Opinião Pessoal dos Entrevistados pelas Associações.....	58
14.1	Pontos Fortes e Fracos da Cidade do Porto.....	58
14.2	Conhecimento da Comunidade Local da Área onde Vive .....	60
14.3	Alternativa ao Pagamento de Bilhetes pela Comunidade Local para os Monumentos da Área Classificada .....	60
14.4	Afastamento do Centro Histórico pela Comunidade Local.....	61
14.5	Interdições ao Trânsito na Zona da Ribeira.....	62
14.6	Importância do Número de Visitantes para a Cidade do Porto .....	63
14.7	Obrigatoriedade com a UNESCO das Entidades da Câmara Municipal do Porto .....	63
15.	Análise dos Monumentos na Área Classificada.....	65
15.1	Filosofia de Gestão dos Sítios Classificados.....	65
15.2	Influência dos Recursos Humanos e da Comunidade Local Imagem e Marketing.....	68
15.3	Importância dos Visitantes.....	70
15.4	Acessibilidade aos Sítios Classificados.....	71
15.5	Serviços para o Visitante e para a Comunidade Local.....	71
15.6	Plano de Interpretação da Área Classificada.....	72
15.7	Programas de Manutenção .....	73
16.	Projecto de Reabilitação e Valorização Turística do Centro Histórico do Porto .....	74
16.1	Características do Projecto.....	74
16.2	Importância Turística do Projecto.....	75
17.	Conclusões .....	77
18.	Recomendações.....	80
19.	Bibliografia .....	83
	Apêndices.....	85
	Apêndice 1: Iniciativas Porto 2.0.....	86
	Apêndice 2: «Porto 2.0» - Um programa para revitalizar a baixa portuense .....	87
	Apêndice 3: Acções do Projecto Porto 2.0.....	88
	Apêndice 4: Portugal Criativo 2011 .....	89
	Apêndice 5: Entrevistas a Responsáveis por várias Associações na Cidade do Porto .....	90

## Índice de Figuras

Ilustração 1: Limites da Área Delimitada do Centro Histórico da Cidade do Porto .....	9
Ilustração 2: Mapa das Freguesias do C. Histórico .....	12
Ilustração 3: Igreja S. Bento da Vitória - Interior.....	13
Ilustração 4: Cadeia da Relação .....	13
Ilustração 5: Torre dos Clérigos .....	14
Ilustração 6: Sé do Porto .....	15
Ilustração 7: Igreja de Sta. Clara .....	15
Ilustração 8: Estação de S. Bento .....	16
Ilustração 9: Muralha Fernandina .....	16
Ilustração 10: Ribeira .....	17
Ilustração 11: Casa do Infante.....	18
Ilustração 12: Igreja de S. Francisco .....	18
Ilustração 13: Sala Árabe do Palácio da Bolsa.....	19
Ilustração 14: Género dos Inquiridos .....	43
Ilustração 15: Idade dos Inquiridos .....	44
Ilustração 16: Habilitações Literárias.....	44
Ilustração 17: Actividade Profissional .....	45
Ilustração 18: Opinião sobre Título de Património Mundial.....	46
Ilustração 19: Estado de Conservação dos Edifícios.....	47
Ilustração 20: Segurança na Cidade do Porto.....	48
Ilustração 21: Nível de Promoção da Cidade do Porto .....	49
Ilustração 22: Qualidade do Estacionamento na Cidade do Porto .....	50
Ilustração 23: Conhecimento do Objectivo da Porto Vivo.....	51
Ilustração 24: Imagem dos Transportes para a Comunidade Local .....	52
Ilustração 25: Imagem da Animação de Rua no Porto.....	53
Ilustração 26: Escassez dos Acessos para Pessoas com Mobilidade Reduzida.....	54
Ilustração 27: Estado de Limpeza na Cidade do Porto.....	55
Ilustração 28: Avaliação da Informação sobre os Monumentos no Centro Histórico do Porto ..	56
Ilustração 29: Avaliação do Horário dos Monumentos do Centro Histórico do Porto.....	57
Ilustração 30: Conhecimento da Comunidade Local do Perímetro da Área Classificada.....	57

## Abstract

This paper aims to describe the importance of communication between the local community and key organizations involved in the management of the city of Porto, UNESCO World Heritage and how its built advert has special relevance and cultural tourism in order to evaluate the image city. We performed a detailed analysis of the existing literature on rules of interpretation and management of World Heritage by UNESCO, followed by analysis, focused on the local community and fund managers, conducted through surveys and interviews. The results suggest some communication problems between those involved, but affirm a positive image of the World Heritage city, manifesting a set of motives, justifying the opportunity to implement ideas and projects for the development of the image of Porto, World Heritage

**Key Words:** World Heritage; Cultural Tourism; Local Community.

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo, descrever a importância da comunicação entre a Comunidade Local e organizações-chave envolvidas na gestão da Cidade do Porto, Património Mundial da UNESCO. Aborda-se com especial relevância a tipologia do turismo cultural, a fim de avaliar a imagem que a Cidade do Porto transmite. Foi realizada uma análise detalhada da literatura existente sobre as regras de interpretação e gestão do Património Mundial pela UNESCO, seguido de uma detalhada análise sobre a Comunidade Local, realizado através de inquéritos e entrevistas. Os resultados sugerem alguns problemas de comunicação entre os envolvidos, mas afirmam uma imagem positiva da Cidade do Porto, Património Mundial, manifestando-se de um conjunto de motivos, justificando a oportunidade de implementar ideias e projetos para o desenvolvimento da imagem do Porto, Património Mundial

**Palavras-chave:** Património Mundial, Turismo Cultural; Comunidade Local.

## **Agradecimentos**

Para a elaboração desta tese foi fundamental a colaboração da Dra. Beatriz Lopes, responsável pela implementação do Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto, Património Mundial. Para além desta foi absolutamente fulcral o tempo dispendido pelas 151 pessoas que se abordaram para a realização do inquérito pessoal, assim como as 4 entrevistas realizadas aos responsáveis por entidades de real importância para a Cidade do Porto, a saber: Dra. Liliana Pinto (Associação Infante D. Henrique), Dr. Braz Pereira (Sociedade Porto Vivo), Eng. Vladimiro Feliz (Porto Lazer) e Arq. Pedro Guimarães (Sociedade de Urbanistas Portugueses).

Gostava também de agradecer aos meus amigos, mas especialmente aos meus pais, pela força que sempre me deram para continuar a lutar pelos meus objectivos, assim como a minha namorada, Juliana Santos.

Por fim, mas sem dúvida o mais importante, o acompanhamento contínuo providenciado pela Doutora Olga Matos, que orientou a realização desta tese.

## 1. Introdução

Este trabalho irá definir propostas para a requalificação cultural e turística na Cidade do Porto, mais propriamente, na zona classificada como Património Mundial pela UNESCO. Pretende-se, com as propostas realizadas, demonstrar que a adopção destas por parte das entidades competentes traria sucesso à cidade do Porto e um maior e melhor desenvolvimento turístico e cultural da mesma.

O objectivo fulcral desta dissertação é ir ao encontro de uma das maiores necessidades turísticas da cidade do Porto: identificar os problemas da cidade e dos seus recursos turísticos, assim como realizar propostas para dinamizar de uma melhor forma os recursos e actividades já existentes, de maneira a que o tempo e a estada média dos turistas seja maior, que os divirta, e sobretudo, que a relação entre a Comunidade Local e os turistas seja tida mais em conta.

Assim sendo, numa primeira fase será realizada uma descrição pormenorizada de toda a história da Cidade do Porto, desde a sua formação, até à sua classificação em 1996. Neste ponto, serão explicadas quais foram as entidades e pessoas que permitiram que a cidade obtivesse a classificação de Património Mundial. Em seguida, analisaremos a área classificada como Património Mundial, assim como se elaborará uma descrição com imagens dos monumentos mais importantes da zona delimitada.

Posteriormente, abordaremos questões relativas à importância da Comunidade Local numa cidade e qual a promoção que a Cidade do Porto realiza junto dos seus públicos-alvo. Para além disto, iremos demonstrar a importância da relação entre a Cidade e o Urbanismo, mostrando detalhadamente algumas das ideias que podem ser realizadas para combater o despovoamento, que está a acontecer no Porto. Neste ponto, será fulcral provar que a Comunidade Local no Porto é fundamental para a vivência da Cidade.

De seguida serão divulgados os resultados dos 151 inquéritos realizados à Comunidade Local, a partir da análise do perfil dos inquiridos, qual é a sua opinião relativa a inúmeros factores de extrema importância para a cidade, como a segurança, a limpeza, o horário de funcionamento dos monumentos, a importância da classificação da cidade como Património Mundial, assim como, aferir se os inquiridos têm conhecimento de qual é a área classificada pela UNESCO. Toda esta análise será realizada, para uma leitura mais simples, através de gráficos detalhados para cada *item*.



Para contrabalançar as respostas que a Comunidade Local efectuou, irão ser também realizadas 4 entrevistas a entidades e associações da cidade do Porto, para verificar e aferir com mais detalhe qual a opinião de cada entrevistado acerca dos pontos já acima referidos. Neste ponto demonstraremos de forma alargada, uma análise pergunta-a-pergunta, entre os 4 entrevistados.

Por fim, revelaremos quais as recomendações ou propostas que através desta análise realizada foi possível aferir, para maximizar os recursos que a Cidade do Porto tem para oferecer, por forma a obter um futuro que será sem dúvida, próspero e com muito sucesso para a cidade do Porto, devido a uma maior simbiose entre a Comunidade Local e as pessoas que visitam o Porto.

Desta maneira, apresentaremos em seguida, quais as propostas para uma requalificação cultural e turística na Cidade do Porto e as conclusões que retiramos após a realização deste trabalho.

## 2. Metodologia

Após a definição dos objectivos para este trabalho, foi estruturada a metodologia para a elaboração de cada um dos seus assuntos que firma-se, sobretudo, nos seguintes pontos:

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a Cidade e o Centro Histórico do Porto. Elaborou-se um plano detalhado de leitura de bibliografia, que sustentou, teóricamente, a elaboração dos primeiros capítulos deste trabalho. Esta pesquisa foi iniciada em Outubro do ano de 2011 e aconteceu, essencialmente, nas bibliotecas de Viana do Castelo e do Porto. Foram também efectuadas pesquisas em vários *websites* relacionados com estas temáticas, nomeadamente, o *site* da UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization e da Câmara Municipal do Porto.

Para além dos endereços acima referidos, foram também consultados o ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, para avaliar as questões de interpretação e apresentação dos sítios classificados e o IGESPAR – Instituto de Gestão do Património, para analisar quais são os imóveis classificados e em vias de classificação na Cidade do Porto.

Posteriormente, para avaliar de forma mais exacta o Centro Histórico do Porto, foram realizadas visitas, *in loco*, ao local, sempre documentadas por fotografias, às quais foi realizada uma análise, para descobrir tudo quanto pudesse ter interesse para a interpretação, avaliação e futuras propostas para a Cidade. Note-se que as fotografias sem fonte são todas do autor.

Depois desta pesquisa inicial foram realizados inquéritos no terreno à Comunidade Local, por forma a conseguir uma apreciação real da avaliação da Cidade do Porto por parte da Comunidade. Estes inquéritos ocorreram durante o primeiro semestre de 2012 e contribuíram para aprofundar o conhecimento da realidade da Comunidade Local, relativamente à Cidade do Porto, mais detalhadamente.

Foram realizados 151 inquéritos à Comunidade Local, dentro das 4 freguesias da área classificada, assim como nas imediações da Cidade, nos concelhos de Matosinhos e Vila Nova de Gaia. Este inquérito foi realizado através de um questionário com 13 perguntas, relacionadas com o Centro Histórico do Porto, tendo como objectivo saber as opiniões dos habitantes do Centro Histórico, quais as medidas que gostariam de ver implementadas, mas também qual a visão dos habitantes da periferia sobre a Cidade.

Para o trabalho ficar mais enriquecido e para saber outro tipo de opiniões, sobre o questionado à Comunidade Local, foram realizadas 4 entrevistas a Associações do Centro Histórico. Estas entrevistas estavam divididas em 6 grupos, sendo que o primeiro grupo, foi realizada a identificação e os dados da estrutura; num segundo grupo, apuraram-se quais os recursos humanos e financeiros de cada Associação. No terceiro grupo, realizou-se uma análise da actividade da organização e no quarto grupo inquiriu-se qual a relação entre a Associação entrevistada e a Comunidade Local. Por fim, o quinto grupo, permitia um enquadramento mais correcto das actividades da associação e o sexto grupo, colocava questões de ordem mais pessoal, tendo estas últimas perguntas, o objectivo de saber a opinião do entrevistado e não o da Associação. Estas entrevistas permitiram avaliar e contrabalançar opiniões, entre as Associações e a Comunidade Local. Os proveitos desta entrevista foram fundamentais para atingir as conclusões que se pretendiam, para criar recomendações e criticas e para perceber de que forma é que as entidades locais se devem comportar relativamente às Comunidades locais existentes.

Há que realçar que na realização dos inquéritos permaneceu o problema de alguns habitantes não estarem disponíveis para responder, uma vez que o objectivo do entrevistador era posto em causa. Nas entrevistas, devido à importância dos cargos ocupados pelas pessoas entrevistadas e à sua escassez de tempo, existiram dificuldades para a marcação das mesmas. No entanto, após todos os contratemplos verificados, foi possível realizar todas as entrevistas em tempo útil.

Por fim, foram realizadas sessões quinzenais de orientação tutorial com a orientadora desta dissertação, que foram cruciais para fazer um trabalho eficaz de investigação, de acordo com os métodos cientificamente aceites.

### 3. Centro Histórico

A nomeação do Centro Histórico do Porto é o resultado de um processo com quase três mil anos de história.<sup>1</sup> Desta forma, “É em pleno período da invasão romana do século II a.C, que se toma conhecimento, pela primeira vez, das designações *Portus* e *Cale*, que referenciavam dois pequenos aglomerados populacionais fortificados nas margens Norte e Sul do Rio que se chamaria Douro (pela cor barrenta das suas águas diz-se). O Toponímio *Portuscalles* tem a alusão mais antiga inscrita em moedas visigóticas.” (Dias e Pretigzer 1999: 22) Esta designação, de *Portuscalles*, teve origem num povoado pré-romano, que deu origem mais tarde ao nome do nosso país, Portugal.

Após algumas invasões que não tiveram o sucesso pretendido, “...com Vímara Peres e a Condessa de Mumadona Dias (Séc. X), reanima-se *Portuscalles*, que começava a entender-se, em termos geográficos, pelas terras situadas entre os rios Douro e Minho”. (*op.cit*:23)

Em 1415, a população portuense apoiou a armada que partiu para a conquista de Ceuta, oferecendo toda a carne disponível, ficando apenas com as tripas para se alimentar, tendo confeccionado um prato saboroso que hoje é menu “obrigatório” em qualquer restaurante. Os naturais ganharam assim a alcunha de “tripeiros”, uma expressão muito mais carinhosa que pejorativa.

Em inícios do século XVIII, uma vez que “A estratégica situação geográfica do Porto, na embacadura de um Rio Atlântico que se inseria nos lugares de escala das grandes rotas marítimas do Norte da Europa, continuaria a ser determinante no desenvolvimento da cidade, no contexto dos Descobrimentos e do carreamento, para a Europa, de riquezas de lugares distantes.” (*idem*) Ou seja, já há muitos séculos atrás que a localização geográfica da cidade do Porto é favorável às trocas comerciais, devido ao Rio Douro, mas também da proximidade da costa atlântica e da Galiza e dos países do Norte da Europa.

No início do século XVIII, “...um acordo com a Inglaterra, o tratado de Methuen, celebrado em 1703, coloca em definitivo, nos mapas comerciais um produto que, com o andar dos tempos se tornaria emblemático da cidade e do próprio país: o Vinho do Porto.” (*ibidem*)

---

<sup>1</sup> Neste ponto, citar-se-á fundamentalmente, os autores DIAS e PRETIGZER (1999), que no seu livro intitulado “Porto – Património Cultural da Humanidade – Espaços e Documentos Classificados pela UNESCO”, que abordam de uma forma detalhada a questão da evolução temporal do Centro Histórico do Porto.

A assinatura deste tratado, foi fundamental para o aumento das trocas comerciais entre portugueses (sobretudo os portuenses) e ingleses. Contudo, não foi só o comércio do Vinho do Porto e a consequente vinda dos ingleses para o Porto que “animaram” estes séculos. “A história do Porto não se pode contar sem se falar de ingleses e franceses. O comércio, com relevo para os negócios do Vinho do Porto, começou por trazer os primeiros, enquanto que o sonho imperial, com as invasões napoleónicas, trouxe os segundos.” “...Um dos mais dramáticos episódios da vida tripeira ficaria ligado a este período de sangrenta turbulência na Europa: a 29 de Março de 1809, as tropas gaulesas, comandadas pelo Marchal Soult, entraram no Porto, provocando o pânico numa grande parte da população, que foge para Gaia pela Ponte das Barcas...o facto é que milhares de pessoas foram caindo, aos magotes nas águas do rio, numa tragédia com um número incontável de vítimas.” (*op.cit:24*)

Depois desta terrível fuga, que marca para sempre a história da cidade do Porto, os franceses mantiveram-se na cidade por algum tempo, uma vez que “...o Marechal Soult, queria como capital do seu “reino” no Norte Português, mas a intervenção dos exército luso-britânico, comandado pelo General Arthur Wellesley, futuro lorde e duque de Wellington, forçou os franceses a bater em retirada...” (*idem*)

Embora tenham ido embora os franceses, a colaboração dos ingleses para esta retirada, teria logicamente segundas intenções. “Enfim, foram-se os franceses, mas ficaram os ingleses, que tinham a respaldá-los os articulados da velhíssima aliança e os negócios do Porto Wine.” (*ibidem*)

No entanto, os “tripeiros” não gostavam muito desta ideia, pois esta foi sempre uma cidade de fortes ideologias, onde as pessoas lutam até ao fim pelos seus ideais, não sendo por acaso, que se chama a cidade “Invicta”. Desta forma, “...cresce a presença e intensifica-se a influência dos ingleses no Porto, mas é por inspiração francesa – a Revolução de 1789 - , que um grupo de liberais funda o Sinédrio, uma associação cujos objectivos imediatos eram fazer regressar do Brasil o Rei D. João I e pôr termo ao autoritarismo inglês. Revoluções, uma nova Constituição, um Parlamento activo, eleições e queijadas convulsões desembocam, após a morte do rei, numa guerra civil, entre os seus dois filhos, D. Miguel, monárquico absolutista e D. Pedro, primeiro imperador do Brasil, que defende a monarquia parlamentar. Com o povo do Porto sublevado (1832), e unido em torno de D. Pedro, prossegue uma luta que só termina em 1834, quando D. Miguel é derrotado e banido.” (Dias e Pretigzer 1999:25)

Assim, no século XIX, a Rainha D. Maria II, atribui o título de “Invicta Cidade do Porto”, cidade única de Portugal, com a atribuição de um “título”. Este símbolo é bastante importante para a marca da cidade do Porto, como factor de diferenciação e simbolismo da cidade no país e no resto do Mundo.

“Com o restabelecimento do liberalismo, aproximam-se os dias da República Portuguesa, num crescendo de entusiasmo que a Invicta desempenha, mais uma vez, papel de protagonismo. Uma revolução abortada, a 31 de Janeiro de 1891, no Porto, onde os novos ideais proliferam, preludia o magno evento de 5 de Outubro de 1910, que marca a deposição e subsequente exílio para Inglaterra de D. Manuel II, e encerra oito séculos de monarquia com o advento do regime republicano.” (*op.cit:25*)

Encontrando-se estabelecida a normalidade na cidade, sem o despoletar de revoluções e guerras, a cidade do Porto apostaria então em construir estruturas capazes de receber os visitantes que vinham do Sul, através da construção de pontes que ainda hoje existem. A implementação destas foi extremamente importante para um conhecimento mais profundo da Cidade do Porto. “Entre as mais significativas transformações urbanas verificadas já no último quartel do século XIX, avulta, no Porto, a construção de duas grandes pontes sobre o Douro, a D. Maria Pia – assim chamada em homenagem à consorte do rei D. Luís, destinada ao trânsito ferroviário, primeira manifestação gigantista das possibilidades da arquitectura do ferro, e a de D. Luís I, com dois tabuleiros, para trânsito rodoviário e pedonal. Um dos mais ilustres engenheiros da época, o francês Gustave Eiffel, foi o responsável pela “ponte do comboio”, enquanto um seu colaborador, o belga Théopluie Seyrig, dirigiu a edificação da passagem dupla (1886).” Graças a todas estas construções realizadas ao longo de muitos séculos, é que muitas pessoas consideram que o Porto, é também conhecido como a cidade “das pontes”. (*idem*)

Desta forma, verifica-se a grande evolução que a cidade do Porto teve ao longo de vinte e três séculos de história. “O Porto, é hoje, na renovada nomenclatura geográfica e administrativa, o Grande Porto. Sinais de tempos novos, de diferentes necessidades. Vai, já, longe a “Vila do Bispo”, mas muito do que caracterizava o burgo do século XIII continua de pé, com dignidade mantida, digno de ser admirado por todos os que têm, do planeta dos Homens, uma visão global feita de riquíssima do pormenor.” (*ibidem*)

Mais recentemente, a cidade do Porto, foi eleita Capital Europeia da Cultura em 2001, recebeu vários jogos do EURO 2004, incluindo o jogo de abertura. A cidade é

conhecida mundialmente pelo Vinho do Porto, o seu Centro Histórico (nomeado Património Mundial pela UNESCO) e eventos mundialmente conhecidos, como o Fantasporto, o Red Bull Air Race, e a grande festa municipal, o S. João.

### 3.1 Reestruturação Urbana

Após se ter abordado a história e a evolução do Centro Histórico do Porto, iremos referir a reestruturação urbana que foi realizada na Cidade.<sup>2</sup> Este aspecto reforçou em muito a importância da cidade do Porto, cidade esta que era muitas vezes apelidada de “Cidade Cinzenta”, a ter uma nova imagem, para a Comunidade Local e para os turistas que a visitam.

“Um dos aspectos mais importantes do Centro Histórico do Porto é o seu cariz panorâmico, graças a um terreno bastante vertiginoso, onde todas as casas tentam-se “empoleirar” em cima das outras para ter a vista mais privilegiada para o Rio Douro. Assim, o Rio Douro foi fundamental para a implantação do povoado romano, como meio de comunicação, mas também de trocas comerciais.” (Câmara Municipal do Porto 2010: 25) Nesta citação, verifica-se a importância que a morfologia de um determinado território possui como factor caracterizador e diferenciador de uma cidade.

“Porém, nem todo o processo de criação do Centro Histórico do Porto foi regular. O terramoto de 1755 despertou consciências para um urbanismo deficiente e desordenado. Nesta altura, surge um homem da confiança de Marquês do Pombal, João de Almada e Melo. A sua acção foi fundamental, principalmente com a criação da Junta das Obras Públicas, por volta de 1760. Mas, no século XIX constata-se que o crescimento da população conduziu ao aumento de construções em altura, ampliações e águas-furtadas.” (*op.cit:25*)

“No século XX, surgem então muitos planos para resolver as questões urbanísticas do Centro Histórico do Porto. Assim, em 1914, surge o Plano de Melhoramentos e Ampliação da Cidade do Porto, no qual a intervenção do britânico Barry Parker, teve um papel decisivo. De 1914 a 1962, verificaram-se dez Planos Urbanísticos que culminaram com o PDM da Cidade do Porto em 1962, da autoria de Robert Auzelle.” (*idem*) Com estas informações, consegue entender-se que para uma cidade chegar ao título de lugar classificado, é necessário um planeamento urbanístico faseado, que seja pensado ao longo de muito tempo. O Planeamento é, então, um modo

---

<sup>2</sup> Aqui, apoiamos maioritariamente a nossa fundamentação, baseando-nos no “Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto”, criado pela Câmara Municipal do Porto, em conjunto com a Sociedade Porto Vivo, sendo a fonte indicada para abordar a questão da reestruturação urbana.

de pensar os problemas económicos e sociais, orientando-se, predominantemente, em direcção ao futuro e dizendo respeito, de forma particular, à relação existente entre os objectivos, as decisões tomadas e as motivações para a compreensão da política e programas a seguir. Sempre que estes princípios são aplicados, pode dizer-se que existe Planeamento. Deste modo, verifica-se que embora já um pouco tarde, a cidade do Porto, abordou estes pressupostos.

Actualmente, a autenticidade e a imagem forte da Cidade do Porto são consequências da protecção que o Centro Histórico tem tido por parte do Município e do investimento realizado para reabilitar os edifícios degradados, embora ainda muitas reabilitações se encontram por realizar.

#### 4. Inscrição do Centro Histórico do Porto na UNESCO

A inscrição do Centro Histórico do Porto na vasta lista do Património Mundial abarca a área urbana consolidada e inserida na muralha fernandina (século XIV).

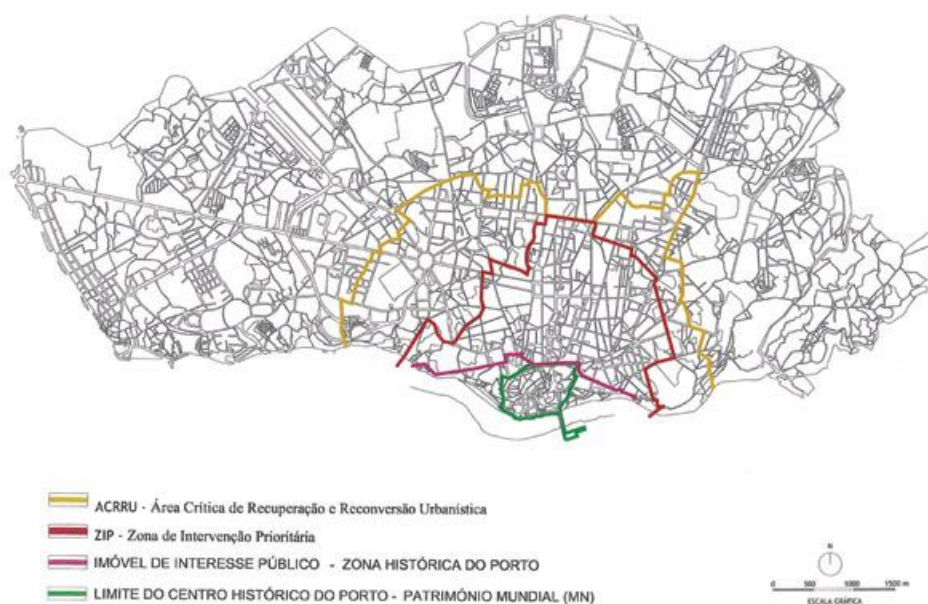


Ilustração 1: Limites da Área Delimitada do Centro Histórico da Cidade do Porto. Fonte: Câmara Municipal do Porto, 2010: 26)

A área de protecção da zona classificada abrange, na margem sul do Rio Douro, a área correspondente a todos os armazéns do Vinho do Porto, e na margem norte, os quarteirões periféricos da Avenida dos Aliados às Fontainhas.

“A tomada de consciência sobre o valor da Cidade Histórica do Porto originou a classificação do IPPAR, como Imóvel de Interesse Nacional de quase toda a zona



classificada como Património Mundial e parte da área de protecção.” (Câmara Municipal do Porto, 2010: 48)

“A autenticidade do tecido urbano do Porto é total, testemunhado mais de mil anos de ocupação com intervenções sucessivas que foram deixando a sua marca. Os edifícios eclesiásticos são outros tantos testemunhos da sua história.” (Câmara Municipal do Porto, 1998: 33)

## **5. Classificação (Justificação da Inscrição)**

“Património Mundial” é uma classificação atribuída pela UNESCO, com o objectivo de “recuperar, proteger e defender a herança cultural e natural do nosso planeta”. (Câmara Municipal do Porto 2010: 27)

Assim, a 5 de Dezembro de 1996 em Mérida, México, a UNESCO tomou a decisão de incluir o Centro Histórico do Porto na Lista do Património Mundial, de acordo com o seguinte critério de classificação:

“Excelente exemplo de um tipo de construção ou de um conjunto arquitectónico ou tecnológico ou paisagístico ilustrando um ou vários períodos significativos da história da Humanidade.” (UNESCO, 1996 – Critérios de Classificação)

Assim, “O Comité decidiu inscrever o Bem como base no IV Critério Cultural considerando que o Bem possui notável valor universal pelo seu tecido urbano e pelos seus inúmeros edifícios históricos que testemunham o desenvolvimento ao longo do último milénio de uma cidade europeia virada para o ocidente pelas suas ligações comerciais e culturais.” (Câmara Municipal do Porto, 1998: 35)

Esta classificação demonstra a importância que a evolução histórica da cidade e as suas trocas comerciais, e por conseguinte, as trocas culturais também são factor decisivo para a classificação da Cidade do Porto como Património Mundial da Humanidade.

### **5.1 Caracterização do Centro Histórico**

O conceito de Centro Histórico tem um forte simbolismo, é o que se entende por “identidade de cidade”, onde se conhecem culturas, costumes e história. Corresponde, normalmente, a um espaço densamente construído e muito compacto, onde se destacam alguns imóveis pelo seu volume e importância patrimonial, artística e histórica e que, por isso, merecem uma protecção e destaque especiais.

O Centro Histórico do Porto possui um tecido urbano que preserva, até aos dias de hoje, um carácter predominantemente medieval. Dada a sua localização excepcional – proximidade do Vale do Douro e do Oceano Atlântico – e situar-se na confluência de diversas rotas internacionais foi palco, ao longo dos séculos, de um vasto número de actividades económicas, nomeadamente na construção naval durante os séculos XIV e XV, na armazenagem e no comércio internacional do prestigiado Vinho do Porto. (Câmara Municipal do Porto, 2010: 33)

“Dois pequenos pólos urbanos caracterizam a sua história ao longo dos tempos: um pequeno núcleo populacional abrigado nas muralhas, em volta de um edifício de carácter religioso – hoje a Catedral – e no ponto topograficamente mais elevado. Junto ao rio, o cais de embarque e desembarque de mercadorias, o centro piscatório, o ponto de atravessamento para a outra margem”. (LOZA, 1995: 43).

A afirmação de Rui Loza, profundo conhecedor e historiador da Cidade do Porto, prova que a Cidade vivia sobretudo das trocas comerciais, graças à sua localização geográfica estratégica, no Eixo Atlântico. O Produto mais comercializado era o famoso Vinho do Porto, que permitia que a Cidade mantivesse durante muitos séculos uma actividade comercial bastante elevada. O comércio permitiu que fossem criados vários núcleos habitacionais, que resultou nas primeiras urbes do Porto.

“Toda a área considerada histórica é constituída por uma malha urbana confinada à linha da muralha fernandina do século XIV, mais alguns arrabaldes próximos, como Miragaia a Oeste, os Guindais e Fontainhas a Este”. (Câmara Municipal do Porto 2010:45). “Na segunda metade do século XVIII, correspondendo ao “iluminismo” do Marquês do Pombal, no Porto representado pelos Almadas, que a cidade é marcada pela construção de importantes edifícios e arranjos urbanos, ainda hoje os mais característicos da cidade. (...) Barroco e do Neoclássico Português”. “O princípio do século XIX é um período de grande agitação social e política (...). A cidade rompe então com a muralha medieval, desenvolve-se novo anel concêntrico”. (LOZA, 1995:44)

Aqui, o escritor sustenta que todo o núcleo urbano da Cidade, desenvolveu-se ao longo da Muralha Fernandina. Com a tendência de Marquês de Pombal na Cidade, foram construídos edifícios que começaram a marcar o estilo arquitectónico do Porto, verificando-se ainda nos dias de hoje a presença do estilo Barroco e Neoclássico.

No século XX, o Centro Histórico conheceu o declínio, onde a degradação do edificado e a marginalização social constituem as faces mais visíveis. Relativamente à

expansão urbana, as actividades financeiras transferiram-se para as zonas circulares, como a Boavista ou Matosinhos. A construção do Porto de Leixões e o encerramento da Alfândega impulsionaram a transferência de serviços relacionados para outros concelhos, deixando o Centro Histórico ainda mais vazio.

No entanto, no início deste século, existem muitos jovens empresários com o objectivo de trazer novamente vida para o Centro Histórico do Porto. A “movida” criada na cidade, através dos estabelecimentos de animação nocturna, foram uma forte alavanca de movimento da cidade, como há muitos anos não se via, mas não foi o único factor. A criação de um comércio personalizado, inovador, indo ao encontro das necessidades específicas da Comunidade Local, e lojas com decoração e material inovador que captam a atenção dos visitantes, são outro dos motores que permite, que a tendência verificada no século anterior tende a acabar.

## 5.2 Os Edifícios do Centro Histórico do Porto - Descrição

O Centro Histórico é a melhor forma de caracterizar e avaliar a “identidade de uma cidade”. Esta referência pode ser utilizada para os cidadãos de um mesmo espaço urbano. Ao invés, para o visitante, é talvez a maior experiência numa viagem a um novo destino, a imagem que obtêm do Centro Histórico, é a imagem que têm da Cidade.

Assim, para uma mais fácil compreensão de todos os edifícios do Centro Histórico, vamos abordar os edifícios considerados mais importantes por áreas.



Ilustração 2: Mapa das Freguesias do C. Histórico

Dentro das quatro áreas que fazem parte do Centro Histórico do Porto, apostou-se no estudo daqueles edifícios que estão mencionados em todos os livros de referência, relativamente ao Centro Histórico do Porto.<sup>3</sup>

Desta forma, em relação à área da Vitória, os edifícios de maior valor arquitectónico e de maior interesse turístico são:

1. Igreja e Mosteiro de São Bento da Vitória: Sendo um monumental conjunto maneirista, impõe-se na paisagem urbana do Porto. Fundado em 1598, começou a ser construído em 1604, pelo Arquitecto Régio Diogo Marques Lucas, discípulo de Filipe Terzi. Contudo, apenas foi concluído no século seguinte. Entre 1716 e 1719, o entalhador Gabriel Rodrigues executou o retábulo-mor, em estilo nacional e os cadeirais do coro. Ao mesmo tempo, Frei Manuel de São Bento reformou os



Ilustração 3: Igreja S. Bento da Vitória - Interior

órgãos do coro alto – que datavam de 1662 -, depois aperfeiçoados por Frei Manuel Domingos de São José Varella durante 3 anos. Os retábulos do transepto são da autoria do mestre-entalhador José da Fonseca e Lima (1755). Já o cadeiral neoclássico da capela-mor foi construído entre 1789-1792. Actualmente, o Mosteiro encontra-se dividido entre os Beneditinos, o Arquivo Distrital do Porto e obras do Teatro Nacional de S. João. É Monumento Nacional desde 1977.

2. Cadeia da Relação: Em 1582, Dom Filipe I concedeu a sua Casa da Relação, tribunal de última instância, ao qual seria anexada uma cadeia. O edifício seria seriamente danificado, aquando do Terramoto de 1755, pelo queurgia reedificá-lo. Em 1767, o celebrado autor da reconstrução pombalina da Baixa de Lisboa, Eugénio dos Santos e Carvalho recebeu a encomenda para o risco do novo edifício. A planta poligonal irregular adapta-se ao exíguo



Ilustração 4: Cadeia da Relação

<sup>3</sup> Esta descrição teve fundamentalmente como base, a informação de Dias e Pretigizer (1999), mas também da Câmara Municipal do Porto, relativo ao “Plano Histórico da Cidade do Porto” (2011), que considera por áreas, os edifícios de maior relevância para a cidade.

espaço que existia entre o Mosteiro de São Bento da Vitória e o pano da Muralha (entretanto demolido). A Cadeia esteve em funcionamento até 1974, apesar dos muitos relatos de falta de condições. Aqui estiveram nomes ilustres, como Camilo Castelo Branco, Ana Plácido, Zé do Telhado ou Alves dos Reis. Na década de 1990, o IPPAR procedeu ao seu restauro, segundo os projectos do Arq. Humberto Vieira. Está classificado como Imóvel de Interesse Público.

3. Igreja e Torre dos Clérigos: Constitui um dos ex-libris da Cidade do Porto, aproveitando o desnível do terreno que lhe salienta o carácter monumental. Foi fundado pela Irmandade dos Clérigos, que havia sido criada a partir da unificação da Irmandade dos Clérigos Pobres com as Confrarias de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Misericórdia e de São Pedro. Instalada na Igreja da Misericórdia, a Irmandade obteve licença para a construção de um templo próprio (1731), cujo projecto foi entregue a Nicolau Nasoni. A obra de pedraria foi arrematada por António Pereira depois substituído por Miguel Francisco da Silva. Em 1746, Nasoni foi admitido como Irmão Secular da Irmandade, em cujo templo seria sepultado. A Igreja foi benzida em 1748; no ano seguinte, começou a construção da Hospedaria e em 1750, da Torre-Sineira. O retábulo-mor, projectado pelo arq.<sup>o</sup> Manuel dos Santos Porto (1767-1780) e o órgão, de Dom Sebastião Ciais Ferraz da Cunha (1774), apresentam-se em estilo rococó. É Monumento Nacional desde 1910.



Ilustração 5: Torre dos Clérigos

Outra das freguesias que fazem parte da área Porto Património Mundial é a Sé, como bastantes edifícios emblemáticos que marcam a história da cidade. Assim:

1. Sé do Porto: Construída a partir do séc. XIX, sobre o templo da civitas de Portucale. De estilo românico, a decoração filia-se na arquitectura francesa de Limousin. O claustro gótico é de 1383 e a Capela de São João Evangelista do séc. XIV. A capela-mor foi ampliada segundo as linhas maneiristas (1606-1610), alterando-se os arruamentos de trás da cabeceira. Também maneirista é a Capela do Santíssimo Sacramento e o Altar da Prata, dos ourives Manuel Teixeira, Manuel Guedes e Bartolomeu Nunes (1631-1682). Entre 1717-1741, fez-se a modernização barroca: sob a

orientação de António Pereira, rasgaram-se janelões e ergueram-se retábulos em talha e estuque; no alçado e construiu-se a galilé; o retábulo-mor é de Luís Pereira da Costa e Miguel Francisco da Silva (1729); Nicolau Nasoni fez os frescos da capela-mor (1731) e trabalhou na galilé (1736) e sacristia; António Vital Rifardo fez os azulejos do claustro, com cenas do livro do Cântico dos Cânticos (1727). Teixeira Lopes (pai) esculpiu o bronze d'O Baptismo de Cristo da Capela Baptismal (1897). Entre 1927 e 1949, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, sob a direcção o arqº Baltazar Castro retirou os elementos introduzidos pela reforma barroca, numa reconstituição idealizada de uma catedral medieva. É Monumento Nacional desde 1910.



Ilustração 6: Sé do Porto

2. Igreja de Sta. Clara: Pela Bula Sacra Religionis (1405), as freiras do Convento de Santa Clara de Entre-os-Rios conseguiram a sua transferência para o Porto. Em 1416 foi lançada a primeira pedra, arrastando-se as obras durante longos anos. Gozou de protecção régia e dos bispos do Porto, acumulando rendimentos e privilégios. A igreja foi construída segundo os cânones góticos, abrindo-se por um portal manuelino, onde dois nichos guardam as imagens de Santa Clara e de São Francisco de Assis. A este portal contrapõe-se um outro maneirista (1697), de acesso aos espaços conventuais, que está sobre a protecção de Nossa Senhora da Conceição. O interior da igreja é de nave-salão, revestida a talha dourada, com trabalhos do mestre-talhador Francisco Miguel da Silva (1730). No altar-mor está um painel de Joaquim Rafael (1821). Com a lei da extinção das ordens religiosas (1834), entrou em longa agonia até à morte da última freira (1901). É Monumento Nacional desde 1910.



Ilustração 7: Igreja de Sta. Clara

3. Estação de São Bento: Construído sobre o Convento de São Bento de Ave-Maria, que fora mandado construir pelo Rei Dom Manuel I, reunindo-se os Mosteiros de São Cristóvão de Rio Tinto (Gondomar), São Salvador de Vila Cova de Sandim (Vila Nova de Gaia), São Salvador de Tuíás (Marco de Canaveses) e Santa Maria de Tarouela (Cinfães) (1518-1535). Ampliado e remodelado ao longo dos séculos, foi uma das principais casas monásticas do País.



Ilustração 8: Estação de S. Bento

Abrangido pela lei da extinção das ordens religiosas (1834), acabou por fechar com a morte da última freira, nos fins do séc. XIX. Depois dos projectos do eng<sup>o</sup> Baer, foi aprovado um estudo do Arqt.<sup>o</sup> Marques da Silva, remodelado em 1899 e 1902. As obras arrancaram logo em 1902. Interiormente, foi decorada com painéis de azulejos de Jorge Colaço (1905), que apresentam cenas históricas, de costume e alegóricas. É Imóvel de Interesse Público.

Outra área que se encontra dentro do território classificado, sendo considerada como o “berço” do Porto, é a freguesia de S. Nicolau, dentro desta, destacam-se os seguintes edifícios:

1. Muralha Fernandina: Mandada construir pelo Rei Dom Afonso IV, em 1336, ficou concluída em 1376, reinando já Dom Fernando I, cujo nome perpetuou. Era constituída por muros altos, intercalados de cubelos e torres e várias portas, localizadas nos eixos estratégicos da Cidade. Na freguesia de São Nicolau, abriam-se duas portas e nove postigos; pela ordem, de Poente para Nascente: a Porta Nova, os Postigos dos Banhos, da Pereira, do Terreirinho, do Carvão e do Peixe, a Porta da Ribeira e os Postigos do Pelourinho, da Forca, da Madeira e



Ilustração 9: Muralha Fernandina

da Areia. Apenas resta o Postigo do Carvão, mas a mais importante de todas foi a Porta

Nova ou Porta Nobre, que Dom Manuel I mandou rasgar sobre um anterior Postigo de Miragaia, de forma a nobilitar a entrada da cidade; apesar de arranjada nos fins do século XVIII, acabou sendo demolida, já no século XIX, fruto das vigentes políticas de modernização urbanística. Em 1777-1778, foram construídos os arcos da Ribeira, transformando-se definitivamente boa parte da antiga Muralha Fernandina. Está classificada como Monumento Nacional desde 1910.

2. Ribeira: Ao longo do Rio Douro, desde cedo se fixaram populações que se dedicariam a actividades com ele relacionadas, estruturando as suas construções segundo um eixo paralelo ao Douro. A existência do Rio da Vila cortou esse eixo dividindo-o em duas secções que viriam a dar origem à Rua da Fonte Taurina e à Rua da Lada. Por outro lado, o vale do Rio da Vila foi aproveitado para através dele se fazer o acesso da Ribeira, área de funções urbanas relacionadas com as actividades



Ilustração 10: Ribeira

piscatórias e comerciais, para o morro da Sé, zona de funções administrativas e religiosas, o que daria origem à Rua dos Mercadores. Este eixo constituía o acesso, não só à parte alta da cidade, mas também a ligação do Douro com as estradas que partiam em direcção a Norte e a Este. É na confluência destes dois eixos que se vai desenvolver um espaço não edificado que os relaciona entre si e os põe em contacto com o Rio Douro: a Praça da Ribeira. A actual Rua Infante D. Henrique, constitui um segundo eixo, mais recuado, paralelo ao rio Douro, cuja abertura decorre dos propósitos reorganizadores do urbanismo ribeirinho pelo rei D. João I. A partir da 2ª metade do século XVIII passa a ser interceptada perpendicularmente na zona Este do seu traçado pela Rua de S. João. Esta rua foi aberta para facilitar o acesso à Praça da Ribeira a quem se lhe dirigia desde o Largo de S. Domingos e a Rua de Santa Catarina das Flores, um dos mais importantes eixos da cidade desde o século XVI. A abertura da Rua de S. João integra-se numa profundamente reforma da Praça da Ribeira que lhe conferiu um aspecto muito semelhante ao actual. Todo o conjunto encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público.



3. Casa do Infante: Antigos aposentos do almoxarife da Alfândega do Porto, o edifício foi construído a partir de 1325, sendo já utilizado como armazéns da alfândega em 1354. Durante o reinado de Dom Fernando I, recebeu a Casa da Moeda, que se manteve em actividade até 1587, sendo finalmente extinta por alvará de 1607 e reactivada em 1688. Em 1394 aqui nasceu o Infante Dom Henrique, facto que tanto orgulharia as gerações futuras de portuenses. Em 1628, primeiro, e em 1656, depois, fizeram-se obras nas



Ilustração 11: Casa do Infante

antigas instalações da Casa da Moeda e da Alfandega, respectivamente. Mas os grandes trabalhos ocorreriam em 1677, com a ampliação do edifício. A partir de 1860, a Casa da Alfandega foi perdendo funcionalidade, com transferência dos serviços para novo edifício, construído em Miragaia. Em 1894, comemorando-se o V centenário do nascimento do Infante Dom Henrique, foi descoberta uma lápide sobre a porta principal. Seguiram-se as campanhas de obras no edifício, que lhe acrescentaram um piso (1923) e restauraram os espaços (1958-1960). Passou, então, a albergar o Arquivo Histórico Municipal do Porto, que haveria de promover nova campanha de obras (2001). Está classificado como Monumento Nacional desde 1924.

4. Igreja de São Francisco: A ordem dos frades menores de São Francisco chegou ao Porto em 1233, no meio da discussão que opunha o monarca ao bispo pela posse do burgo. A construção do conjunto conventual só terminaria em 1410. Na década seguinte, Fernão de Sá e a mulher Dona Filipa da Cunha instituíram o morgado na capela-mor, onde se fariam sepultar gerações de Alcaides-Móres do Porto. O Convento serviu como Casa Capitular da Província Claustal de Portugal até 1568, altura em que se passou a Casa de Observância.



Ilustração 12: Igreja de S. Francisco

Ao longo dos séculos, os mais diversos estilos foram sendo integrados harmoniosamente: gótico, maneirismo, barroco, rococó e neoclássico. Entre os quais, os mais importantes exemplos são: Na Capela dos Carneiros (1534); Francisco Moreira (mestre – entalhador, 1612) e Inázio Ferraz de Figueiredo (mestre-dourador, 1615) no retábulo de São Brás e São José; Manuel da Ponte (mestre-dourador, 1615), no retábulo de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula; Manuel Carneiro Adão (mestre entalhador), no retábulo de Nossa Senhora da Conceição ou da Arvore de Jessé (1719); Luís Pereira da Costa (mestre - entalhador), no retábulo de Santo António de Lisboa (1724); Francisco de Couto e Azevedo (risco) e Manuel da Costa Andrade (mestre - entalhador), nos retábulos de Nossa Senhora do Socorro (1740) e Francisco Pereira Campanhã (mestre -entalhador), no retábulo de Nossa Senhora da Sociedade (1764-1765). Em 1833, os bombardeamentos da guerra civil provocaram um incêndio, que danificou os espaços conventuais. No ano seguinte, a Igreja foi ocupada como armazém da Alfandega. Por essa época, previa-se sua destruição, para abertura de novos arruamentos (1834-1839); salvou-se por intervenção da Rainha Maria II (1839). Está classificado como Monumento Nacional desde 1910.

5. Palácio da Bolsa: Em 1834, o Convento de São Francisco foi devorado por um fogo; nesse mesmo ano, acabou sendo abrangido pela lei da expulsão das ordens religiosas e integrado na Fazenda Publica. Em 1842, a Associação Comercial do Porto encomendou a Costa Lima Sampaio a construção da sua sede, aproveitando o antigo claustro, agora transformado em Pátio das Nações, assim chamado pela presença dos principais países

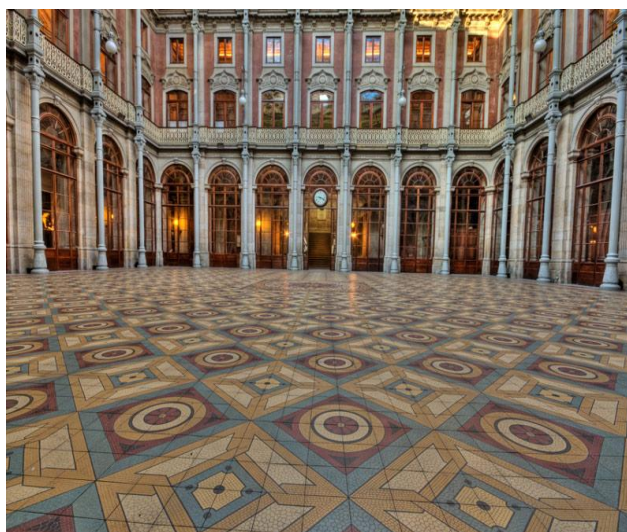


Ilustração 13: Sala Árabe do Palácio da Bolsa

com que Portugal mantinha relações comerciais. A respectiva clarabóia da cobertura e o pavimento em mosaico forma desenhados por Tomaz Soller, também autor da Sala das Assembleia Gerais. O Salão Árabe, datado de 1862 e desenhado pelo Eng. Gonçalves de Sousa, inspira-se no Palácio de Alhambra, destacando-se pela riqueza dos seus estuque, realçados pela iluminação. Já nos princípios do século XX, foi construída a Sala dos Retratos, segundo o risco do Arqtº José Marques da Silva. Na decoração das diversas

salas do edifício estiveram nomes grandes da Arte, como os escultores Soares dos Reis e Teixeira Lopes, os cenógrafos Manini e Pereira Júnior, os pintores António Ramalho, Veloso Salgado, Marques de Oliveira e António Carneiro. Está classificado como Monumento Nacional desde 1982.

No que diz respeito à freguesia de Miragaia, os edifícios existentes não possuem grande relevância, mesmo o Palácio de S. João Novo, que se encontra muito degradado, uma vez que fechou ao público quase à 20 anos, (1992). Assim, nesta área irei abordar a cidade do Porto, não pela sua monumentalidade, mas pela comunidade local, que nesta freguesia é muito característica e singular.

## **6. Análise das Características Diferenciadoras da Cidade do Porto**

Analisando, ao pormenor, os limites da zona classificada, verifica-se que toda esta área se encontra na zona de intervenção prioritária estabelecida pela Sociedade de Reabilitação Urbana, Porto Vivo.

Assim, esta Sociedade pretende alterar a qualidade do edificado existente nesta zona. Esta má qualidade do edificado, aliado à insegurança que se verifica, são pontos em comum nesta área.

Desta forma, um dos objectivos do trabalho, é verificar o bem estar da comunidade local, como ponto de partida, para que a zona classificada tenha todo o sucesso ao nível turístico. Desta forma, é imperial que a comunidade (o objecto de estudo) esteja em harmonia com as entidades camarárias, e por conseguinte, com as entidades turísticas. Assim sendo, a protecção permanente deste património é de maior importância para todos os cidadãos.

No entanto, pode-se levantar a questão se por si só, a cidade não pode ser uma motivação turística, pelos seus monumentos, pelos eventos que nela existem, ou até mesmo pela vida nocturna. Actualmente, o turista que visita a cidade, procura mais que apenas “uma cidade”, uma vez que “procura valorizar o seu conjunto urbano, onde também existem monumentos, museus e eventos de diversa ordem, para atrair visitantes e turistas, para os reter, para os fazer regressar e para que estes conquistem novos interessados em férias futuras ou pausas” (*op.cit:42*). Ou seja, este refere-se à importância do edificado como um dos expoentes máximos para a captação dos turistas. Outro aspecto muito importante, é a fidelização do visitante a um destino, o que faz com que este efectue o tipo de marketing mais potente do mundo o “boca-a-boca”. A cidade do Porto, é sem dúvida, uma cidade com património, mas em conjunto com as

potencialidades que o Rio Douro tem para oferecer, são recursos procurados por muitos turistas que “preferem absorver a cultura de um povo a simplesmente consumir o seu sol e a sua gastronomia.” (LOZA, 2004: 42)

Aqui, refere-se a importância (cultura) de um povo como factor de distinção para cidades que querem ser turísticas. Desta forma, visto o território do Centro Histórico do Porto Património Mundial ser bastante extenso, teve que se seleccionar quais os sítios/monumentos mais emblemáticos (“locais chave”) de cada Freguesia pertencente ao Centro Histórico para complementar o estudo, tentando auscultar com pessoas especializadas por cada sítio, mas também as entidades das próprias freguesias. Deste modo, será descrito o processo levado a cabo para a selecção dos dados que serão apresentados.

## **7. Turismo Cultural e Relação com a Comunidade Local**

A tipologia turística que vamos procurar desenvolver neste trabalho, é o Turismo Cultural, por forma a saber onde é que a comunidade local poderá colaborar e sair beneficiada ao nível turístico. Desta forma, o turismo cultural é “um produto específico, para uma procura específica, capaz de fazer feliz quem nos visita e capaz de nos deixar felizes a nós que os recebemos.” (LOZA, 2004: 43) Ou seja, refere-se, que para além da importância que é deixar os visitantes com “um sorriso nos lábios”, é também muito importante que estas visitas sejam capazes de deixar felizes quem os recebe.

### **7.1 Avaliação**

Tudo aquilo que foi acima referenciado, só é possível se existir uma excelente ligação entre as autarquias locais e a comunidade. Esta afirmação leva-nos ao objectivo principal para a execução desta tese (pergunta de partida).

- Quais são os principais problemas da Cidade e qual a Relação da Comunidade Local com os visitantes?

O que pretendemos aqui em diante demonstrar é os reais problemas que a Cidade do Porto enfrenta, sobretudo ao nível do edificado. No entanto, existe outro problema, que é sem dúvida muito importante para atrair mercados. É necessário “apostar” nas pessoas, na comunidade, naqueles que dão vida ao Centro Histórico do Porto, e que demonstram a nossa maneira de ser, a nossa realidade, uma vez que existem públicos “que têm o prazer de nos conhecer como somos.”

## 7.2 Relações com a Comunidade Local

Tal como estabelece o Princípio 4.1 da Carta Internacional do Turismo Cultural (1999): “Devem ser respeitados os direitos e os interesses da comunidade residente, ao nível regional e local, e dos proprietários e povos indígenas relevantes que possam exercer direitos ou responsabilidades tradicionais sobre a sua própria terra e sobre os seus sítios significativos. Eles devem ser envolvidos no estabelecimento de objectivos, estratégias, políticas e protocolos para a identificação, conservação, gestão, apresentação e interpretação dos seus próprios recursos culturais, práticas culturais e expressões culturais contemporâneas, no contexto do turismo”.

Desta forma, a Comunidade Local deve ser envolvida, uma vez que esta será necessária ao desenvolvimento turístico de um Centro Histórico, seja através da prestação de serviços, no acolhimento dos visitantes ou através das lojas de comércio tradicional, que são parte integrante do desenvolvimento do Centro Histórico.

Assim, e graças à Sociedade Porto Vivo, o Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto Património Mundial, prevê um Eixo Estratégico especificamente direccionado para a comunidade Local, que considera de facto um indicador importante e diferenciador.

## 8. Razões para o Despovoamento do Centro Histórico

Embora já muito tenha sido feito a nível do edificado, através das obras protagonizadas pela Sociedade Porto Vivo em parceria com a Câmara Municipal, estas não são suficientes, sendo necessário mais. É necessário que a comunidade local tenha qualidade urbana para ficar, pois são condições imperiosas para a qualidade de vida. Neste ponto, analisando o estudo das Cidades da Rede Atlante, criado em 2004, relativamente à demografia no Centro Histórico do Porto<sup>4</sup>, refere que “a partir da década de 60, a cidade começa a perder população, a um ritmo que apenas é quebrado na década de 70, (devido ao 25 de Abril), o que faz com que o máximo populacional seja atingido em 1981. A terciarização da cidade e a oferta de habitação na periferia são alguns dos factores que justificam a tendência de declínio demográfico...Na última década, o Porto perdeu 13% da sua população, chegando a 2001, com um efectivo populacional semelhante ao que tinha em meados dos anos 40 (263 mil habitantes).” (Rede Atlante: 2004: 44) Estes dados, revelam que o Centro Histórico do Porto, não é

---

<sup>4</sup> Neste ponto, citar-se-á fundamentalmente, o Estudo sobre o Despovoamento dos Centro Histórico, realizado pela Rede Atlante, publicado em 2005.

de facto atractivo para a Comunidade Local, que prefere outros locais, uma vez que por exemplo, o emprego é diminuto. Para além disto, outro factor de extrema importância para o Centro Histórico do Porto, é o envelhecimento da sua população, “...o despovoamento do centro histórico do Porto foi acompanhado por um acentuado envelhecimento. Em 1991, o número de jovens praticamente igualava o de idosos (índice de envelhecimento de 98%); dez anos mais tarde os jovens correspondem a menos de metade dos idosos (índice de envelhecimento de 203%). A cidade do Porto também registou um envelhecimento populacional, embora não tão pronunciado (índice de envelhecimento passou de 87 para 148%).” (Câmara Municipal do Porto 2010: 56) Assim, verifica-se que para além do abandono por parte das pessoas do Centro Histórico, as que permanecem são idosos, o que faz com que não exista “renovação” das pessoas que irão permanecer neste espaço, o que faz com que a situação ainda piore.

No que diz respeito ao parque habitacional, “existem mais de 3 mil edifícios residenciais, que correspondem a 7482 alojamentos. Mais de um quarto dos alojamentos estão vagos (27%)...” “Quanto ao estado de conservação, a situação do Centro Histórico do Porto é também muito desfavorável, dado que 38% dos edifícios se encontram em mau estado de conservação.” (*op.cit.*: 45) Estes últimos dados, demonstram a razão para o abandono do centro histórico por parte da população, embora a morfologia urbana da cidade e a forma de construção dos edifícios do centro histórico dificultam em muito a intervenção, para a reabilitação. Assim, a Sociedade Porto Vivo, SRU, tem um papel fundamental para criar novos incentivos que consigam trazer de volta pessoas para o Centro Histórico, através do comércio, hotelaria, equipamentos culturais, que façam com que as pessoas se sintam bem nesta zona, beneficiando o Porto e por consequência a Zona Classificada, quer do ponto de vista da cidade, quer do ponto de vista turístico.

## **9. Caracterização da Área de Estudo**

Neste ponto irão ser abordados factores que estão directamente ligados ao sucesso turístico do Centro Histórico do Porto. O desenvolvimento da economia local e do seu comércio, como factor de prospecção do Centro Histórico e a relevância que o trabalho possui, são factores que permitem que as pessoas fiquem na cidade. Esta situação permite aos trabalhadores criar uma relação forte com a economia local, saindo beneficiadas as mais diversas áreas de actividade, trazendo motivos para que a comunidade local se mantenha na cidade, e que os mais jovens empreendedores e estudantes, fixem residência na Cidade do Porto.

## 9.1 Desenvolvimento Socioeconómico

O Centro Histórico do Porto, como já foi referido anteriormente, teve sempre grande tradição com o Comércio. Desde os primórdios do Porto, até aos dias de hoje, existiu sempre grande actividade económica. As novas lojas inovadoras e as indústrias criativas têm, desta forma, um papel fundamental para o desenvolvimento económico no Centro Histórico do Porto.

“A Área Metropolitana do Porto possui cerca de 1,6 milhões de pessoas, ou seja, cerca de 42% da população residente na Região Norte e 15% da população residente em Portugal.” (INE, 2008:77) Toda esta massa humana demonstra a importância que o fenómeno humano possui na cidade do Porto e em toda a região, e por conseguinte possa ter na área classificada como Património Mundial, uma vez que as pessoas são factor essencial na dinamização do Centro Histórico. Para além disto, “o Porto é o segundo maior concelho do País com cerca de 230 mil habitantes, sendo que a freguesia de S. Nicolau (uma das freguesias que pertencem à área classificada), é a freguesia da cidade que apresenta a maior densidade populacional” (Rede Atlante, 2004:66)

## 9.2 Valorização do fenómeno Trabalho

A força de trabalho, é desta forma, uma das questões muito importantes do Centro Histórico. No que diz respeito às empresas, são maioritariamente pequenas e médias empresas (PME's), de ordem familiar, sendo a oferta pouco diversificada e dominada sobretudo por três sectores de actividade; artigos pessoais, serviços de restauração e equipamento para o Lar. Desta forma, verifica-se que dentro das empresas grande parte destas, são de cariz comercial. No entanto, o “conceito” de espaço comercial, tem sofrido alterações, surgindo então espaços comerciais “alternativos”, vocacionados para artigos pessoais, com formas de funcionamento e clientela específicas. Por outro lado, em relação às funções administrativas, na sua grande maioria, estas encontram-se em edifícios contíguos ao Centro Histórico, ou por outra, em áreas ainda mais afastadas (novos edifícios), o que representam uma economia mais desvitalizada.

No entanto, embora todas estas actividades sejam importantes para a vitalização da área classificada, o volume de negócio de todas estas actividades não é sempre regular, existindo a sazonalidade, fenómeno que está directamente ligado à actividade turística. Assim sendo, os meses de maior volume de negócio são Março, a época de

Junho a Agosto e Dezembro. Ao invés, os meses de Janeiro, Fevereiro e Setembro são os meses com menor volume de negócio.

Em relação aos níveis de emprego, a perda de equipamentos que captam os recursos humanos como a Alfândega e o Mercado Ferreira Borges, (embora este último exista agora como “Hard Club”), são também factores que dispersam a população. Por outro lado, existe dinâmica positiva em outros sectores de actividade, como é o caso da hotelaria, onde foram criados mais 281 sociedades de Hotelaria, sendo muitas delas de animação nocturna.

### **9.3 Novos Estabelecimentos Comerciais (Indústrias Criativas)**

Os estabelecimentos comerciais são uma componente muito importante, para determinar a imagem de um lugar, através das suas lojas características, que captam a atenção da comunidade local e dos turistas. Desta forma, “...desde 2000, foram criados muitos estabelecimentos comerciais, que dão uma nova vida à cidade. Assim, em 2010, existiam 14 estabelecimentos vocacionados para o artesanato, 12 são bares, 10 atliers de design e 9 espaços de arquitectura” (Câmara Municipal do Porto, 2010: 133). De referir, que destes estabelecimentos acima mencionados, 53% deles foram criados depois de 2000.

Todos estes números demonstram a importância que os novos empresários, jovens empreendedores, pretendem dar ao Centro Histórico do Porto, dotando-o de iniciativas que são bastante eficazes, devido ao grau de qualificação dos agentes que nele trabalham. “Estes novos postos de trabalho criam mais de 600 novos postos, o que demonstra a vivacidade que se está a tentar inculcar na cidade. No entanto, apenas 30% destes colaboradores, residem no Centro Histórico...” (*op.cit*:135), o que demonstra que só permanecem neste para trabalhar, e não para fazer toda a sua vida. Assim, podemos verificar que existe uma vontade ou intenção, dos empresários, para participarem no processo de reabilitação e dinamização do Centro Histórico do Porto. Esta relação com o lugar, que se pretende seja cada vez mais próxima, permite também que exista uma maior beleza do espaço, e por conseguinte, obter uma maior atractividade turística. No entanto, embora estes espaços acima referenciados, não sejam desse género, as associações empresariais têm que ter forma de travar o crescimento das lojas de baixo custo, que descaracterizam a cidade, principalmente aquelas que estão estabelecidas na área classificada como Património Mundial, por forma a assegurar a não descaracterização da oferta, e consequentemente, do lugar.



Para finalizar este ponto, criou-se um leque de oportunidades, que podem ser efectivas com o aparecimento deste tipo de estabelecimentos. Assim sendo, estas requalificam o Centro Histórico; são uma clara aposta na distinção; provocam uma crescente tendência para o turismo; permitem a expansão das entidades (ao nível físico e das suas iniciativas; e atraem a população jovem, associando uma imagem dinâmica e de horizontes mais alargados, estabelecendo na cidade jovens, que residam, trabalhem e se divirtam num só lugar (Rede Atlante, 2004: 188). Este é então, um dos grandes objectivos da cidade, e uma das formas para contrariar a existência de tantos fogos vazios na cidade, dando nova vivacidade à cidade, por forma, a que esta marque uma imagem forte, uma cidade com vida, não só durante o dia (através dos estabelecimentos comerciais), ou só de noite (através dos estabelecimentos de animação nocturna), mas sim durante 24 horas, uma vez que é isso que os visitantes levam da cidade, as expectativas que têm de um lugar classificado como Património Mundial, uma cidade que ofereça experiências que possam marcar as suas vidas.

## **10. Promoção da Cidade**

### **10.1 Promoção Interna**

Ao longo destes últimos anos, têm existido uma série de iniciativas públicas e privadas que pretendem dinamizar toda a cidade do Porto, com especial foco de incidência na zona classificada como Património Mundial. Este tipo de promoção é extremamente vital, uma vez que atrai os residentes da zona e da periferia, criando um ambiente de conforto e de alegria dentro da Comunidade Local. Dentro das iniciativas existentes, destacam-se a Iniciativa Porto 2.0. iniciativa que pretende “mobilizar pessoas e empresas para dinamizar o Centro Histórico do Porto. A iniciativa é promovida pela empresa municipal Porto Lazer, que quer unir as comunidades da baixa da cidade na organização de eventos, que tornem aquela zona num centro nevrálgico de criação, de cultura, e de renovação de energia”. (FELIZ, 2012:2)

O objectivo fundamental desta iniciativa visa a Promoção e Vitalização do Centro Histórico do Porto, ou pelas palavras do vereador do Turismo, Inovação e Lazer da Câmara Municipal do Porto, Vladimiro Feliz, “dar substância e vida ao património da zona histórica.” Embora as grandes iniciativas deste programa tenham maior incidência em épocas espaçadas por um ano, Setembro de 2011 e Setembro de 2012 (épocas em que o Porto, como já foi referido, apresenta volumes de negócio mais baixos), este é o

tipo de iniciativa que tem que ser criado com regularidade de forma a atrair a comunidade local. Vladimiro Feliz, refere também que “o ponto de partida desta iniciativa é o património físico da cidade, já classificado pela UNESCO, mas também o “caldo imaterial”, portuense, com as suas tradições, saberes e práticas.” Ou seja, embora ainda sejam iniciativas muito dispersas, nota-se uma clara intenção por parte das entidades competentes em ter a comunidade local em harmonia com a cidade. Por fim, afirma-se, ...."Queremos ajudar a revelar um centro histórico do Porto onde haja cruzamentos diversos, libertadores de energia, contaminantes entre quem aí vive e quem aí trabalha, entre quem aí pensa e quem aí sente, partilhando olhares, perplexidades e vontades que se constituam como um centro nevrálgico de criação, de cultura, e de, renovação de energia" (Câmara Municipal do Porto, 2011: 80), ou seja, a importância da energia, de criar vivacidade para o Centro Histórico e o sentimento de partilha de experiências é sem dúvida factor fulcral para a dinamização, atracção de pessoas e para o desenvolvimento da área classificada, no que diz respeito à vontade....

Outra das iniciativas que pretendeu promover o Centro Histórico, foi a Iniciativa Portugal Criativo 2011, “um conceito colaborativo coordenado pela ADDICT – Agência para o Desenvolvimento de Indústrias Criativas – em parceria com a Fundação da Juventude, que tem como objectivo debater, mostrar e celebrar as últimas tendências do sector das Indústrias Criativas.” (Portugal Criativo, Porto 2011: 3)

Ou seja, o Portugal Criativo é uma iniciativa mais focalizada em atrair os jovens empreendedores da cidade. Esta iniciativa pretendeu demonstrar, que esta iniciativa é “...uma oportunidade para que novos criativos se motivem, se guiem e acreditem plenamente num futuro melhor. Foi um especial incentivo à mudança de mentalidades, de paradigma, de métodos, de mecanismos e de formas de trabalhar. Foi um exemplo de sucesso e de ambição, um impulso às novas visões, às novas gerações e às novas opiniões. Uma chama de esperança num trabalho colectivo, numa solução com futuro e dinâmica, numa energia positiva, num diálogo coerente, numa economia criativa maior e onde a criatividade tem um papel fundamental e mais apurado.” (ADDICT. Portugal Criativo, 2012) Ou seja, começa a verificar-se que existem vários focos da comunidade local que têm que ser ouvidos, que devam existir locais onde possam exprimir as suas opiniões, para que todos os agentes envolvidos saiam beneficiados com a experiência. Desta forma, há que referir que a Comunidade Local, não são só os moradores, mas também as pessoas que trabalham, pois como já foi referido, grande parte destas pessoas, não têm as duas “funções”, morador e trabalhador.

## 10.2 Promoção Externa

Depois de entrevistadas todas as entidades acima referidas, conseguiu-se aferir com exactidão qual o tipo de promoção que estas entidades efectuam junto do mercado externo e quais são os seus objectivos.

Como seria de esperar, a entidade Infante d. Henrique, não efectua qualquer tipo de promoção externa, uma vez que é uma associação unica e exclusivamente vocacionada para a Comunidade Local.

A Associação dos Urbanistas Portugueses, procura através das suas jornadas nos mais diversos pontos de país, promover o urbanismo nacional, tendo pontos de referência de sucesso, como é o caso da cidade do Porto. Ou seja, embora o maior objectivo desta Associação é a formação de novas pessoas na área do Urbanismo, a promoção da Cidade do Porto, é algo que acontece frequentemente.

Por outro lado, a Associação Porto Vivo, sendo uma associação claramente vocacionada para a Reabilitação Urbana, não descarta a promoção do Centro Histórico do Porto em datas pontuais, quando sabem que a afluência por parte dos visitantes será muito boa. Assim sendo, existe uma pessoa especializada da Porto Vivo, que cuja tarefa e segundo o Dr. Braz Pereira, a Porto Vivo, organiza visitas, com grupos organizados, normalmente interessados em património, em dias festivos, como o dia dos Centros Históricos, o Dia Mundial do Turismo.

Por fim, a Associação Porto Lazer, é das 4 associações entrevistadas, a mais vocacionada para a promoção externa, devido à sua função propriamente dita, que é a criação de eventos para a cidade do Porto. Assim sendo, o Eng. Vladimiro Feliz, refere que embora existam imensas actividades dirigidas para os visitantes, sobretudo na época alta, o Porto é uma cidade onde o seu maior atractivo é a sua “autenticidade e genuinidade” que são a sua imagem de marca. Assim, o grande objectivo da Porto Lazer, para a promoção externa é incitar pelos atractivos da cidade e consequentemente, atrair eventos de dimensão internacional.

Deste modo, o S. João, o Santo mais festejado no mundo, é um desses eventos onde existe uma dimensão muito grande, para além de grandes eventos desportivos como são o Extreme Sailing Series<sup>5</sup>, e o Road Show do Circuito da Boavista, eventos

---

<sup>5</sup> O Extreme Sailing Series é uma prova de vela, com barcos catamarã de 13 metros de comprimento, chamados "Extreme 40". O circuito é considerado a "fórmula 1 da vela". O público está tão próximo da

que são transmitidos no maior canal desportivo do Mundo, a Eurosport, e que mostram a cidade do Porto a todo o Mundo. Esse é o melhor meio de promoção que a cidade pode ter, afirmação sustentada pela Associação Porto Lazer.

## **11.Território e Urbanismo**

Neste capítulo irá ser abordada a importância que a fisionomia de um território aliado à comunidade local, tem para o desenvolvimento da cidade, trazendo vantagens ou desvantagens para a esta, se não for bem planeado. Para além do território, a questão do urbanismo, será também desenvolvida, aliada à comunidade local, mas sobretudo à cidade.

### **11.1 Ordenamento do Território e Relação com o Sector Terciário - Emprego**

O ordenamento do território, está directamente ligada às duas crises existentes em 1929 e 1973, sendo que entre elas surge a idade de ouro no que diz respeito ao Planeamento das Cidades. As actividades que surgem nesta época nas grandes cidades são ligadas ao sector terciário, uma vez que as grandes áreas metropolitanas trazem às empresas grandes vantagens competitivas.<sup>6</sup>

“A cidade sempre foi um dispositivo de apreciável eficácia para facultar às empresas o que os economistas designam de economias externas, isto é, serviços que seriam demasiados caros se a empresa suportar sozinha os custos. A cidade permite-lhe ter em comum os prestadores de serviços raros; quanto mais a empresa se especializa, mais esta recorre a serviços sofisticados. Quanto maior a cidade, sobretudo quanto mais diversificado for o leque de actividades, mais ela oferece possibilidades de economias externas. Esta conjugação de factores foi sempre um dos recursos mais poderosos de concentração urbana. Hoje, num contexto económico, cada vez mais concorrencial e aleatório, a grande área metropolitana oferece ainda mais novas vantagens.” Ou seja, neste ponto, refere-se a importância que a área metropolitana possui para a concentração das massas, como factor de “concentração urbana”. O autor refere também que quanto

---

prova não é comum no desporto da vela, o que torna o Extreme Sailing Series único. Fonte: Jornal de Notícias, 20 de Setembro de 2012.

<sup>6</sup> Utilizou-se neste e no próximo sub-capítulo, como fonte o trabalho do autor Jean Paul Lacaze, (1995, “O Ordenamento do Território”), onde aborda a ligação entre o território e o desenvolvimento da cidade de uma forma muito directa.

mais diversificadas foram as actividades existentes no Centro Histórico, mais esta desenvolve a economia interna e externa. (Lacaze 1995 :67)

O mesmo, exprime também a questão do desemprego, uma questão muito abordada no ano que agora se iniciou. “Mesmo quando o desemprego cresce, a grande aglomeração é ainda aquela com melhores hipóteses de encontrar emprego.” Ou seja, o autor refere que embora este seja um ano complicado ao nível de emprego, nos grandes aglomerados populacionais, onde está claramente incluído o Porto, é este o local, onde a comunidade ainda possui grandes possibilidades de obter o seu emprego.

Todos estes dados, são formas de acreditar que é possível ter uma cidade que traga satisfação à Comunidade Local, uma vez que existindo emprego, irá existir uma motivação para inovar, e por consequência, para que a situação económica da cidade melhore a cada dia que passa. Assim, refere-se a importância da história da cidade, ou seja, o que é que a cidade têm para oferecer à comunidade. “Esses dados combinam-se com um outro factor velho como a história das cidades. Estas foram sempre o lugar privilegiado da inovação, das novas empresas emergentes, dos mercados que se abrem, das inovações...A distinção entre sectores secundário e terciário perde gradualmente o significado.” (*op.cit:70*)

## 11.2 A Cidade e o Urbanismo

A questão do urbanismo está directamente ligado à cidade, mas sobretudo, à autarquia, ao município, ou seja, o conceito de urbanismo, é uma questão única e exclusivamente municipal. “O Urbanismo, em toda a parte do mundo é uma questão eminentemente municipal. A fabricação profunda dos factores iniciais de urbanização torna-se necessário...” “A lógica mais característica para o sítio natural num espaço geográfico, diz respeito à economia dos transportes e remete, pois, para o papel comercial das cidades. As cidades porto, as cidades instaladas num ponto de confluência de dois rios ou num local privilegiado para a travessia de um rio desenvolveram-se aí porque era mais fácil controlar a circulação dos fluxos de mercadorias.” (Lacaze: 1995: 123) Aqui, refere-se a importância das cidades portuárias, onde está obviamente ligado a Cidade do Porto e à importância das trocas comerciais, ao longo do Rio Douro, demonstram que o Rio, pode ser um elo de ligação fortíssimo com a cidade.

Por outro lado, o autor refere mais uma vez, a importância da inovação e, consequentemente das políticas de urbanismo. “Onde as actividades se tornam obsoletas, as cidades e os bairros periclitam, as imagens sociais degradam-se, o valor dos terrenos e dos edifícios diminui. Onde se criam actividades novas, é possível subir o

valor dos bens, porque aumenta a propensão para que as pessoas aí se instalem.” ...”As políticas de urbanismo devem ter em conta estes mecanismos de valorização e de desvalorização.” (*op.cit*:125)

A Cidade oferece também mais vantagens à Comunidade Local, e sobretudo aos jovens e jovens adultos, que embora gostem da comunhão com pessoas da sua idade, não gostam de ser controladas pelas pessoas que as rodeiam. “...a grande cidade, dá em compensação a possibilidade de gozar de uma liberdade individual muito maior. Ela oferece a possibilidade de anonimato face ao controlo social permanente que se sofre na aldeia ou na vila onde toda a gente se conhece. Do ponto de vista da psicologia individual, este valor foi super importante, e tornou-se ainda maior com o individualismo crescimento e o abrandamento progressivo dos contextos sociais de ordem ideológica, política e religiosa.” (*idem*)

Assim, depois desta análise, podemos referir que é importantíssimo para a cidade do Porto, um dinamismo social, que ofereça sobretudo aos jovens, uma motivação muito grande para estarem e se manterem na cidade do Porto, de forma a obter uma coesão social entre a Comunidade Local, muito forte. Uma vez que do ponto de vista turístico, ou do ponto de vista dos visitantes, a forma de ser da Comunidade Local, é, muitas vezes, a forma de distinção de um lugar turístico entre a qualidade ou a excelência.

Assim sendo, em relação ao dinamismo, é divulgado que “A boa utilização das ajudas públicas para a reabilitação das casas, um empenhamento resolutivo e preservante dos município, algumas acções bem escolhidas, para melhorar os locais públicos e os equipamentos podem revitalizar a imagem do bairro.” Ou seja, o autor acredita que a reabilitação dos edifícios, algo que está a ser realizado pela Sociedade Porto Vivo e algumas acções no Centro da Cidade, como a iniciativa Porto 2.0, o Dia Mundial dos Centros Históricos, entre outras, podem revitalizar a imagem do Porto.

Para além disto, este dinamismo, permitirá a existência de novos habitantes, que irão trazer ainda uma maior dinâmica à cidade. “Novas categorias de habitantes podem ser encontradas, desde que se adaptem os tipos de apartamento: os reformados ainda activos, os estudantes, cujo número aumenta, continuam a ser os grandes consumidores de lazer urbano.” (*ibidem*)

Assim, o desafio principal para a cidade do Porto, é maximizar os seus recursos de forma a obter um desenvolvimento económico cada vez mais próspero, aliando o comércio, à hotelaria e à restauração, permitindo que a cidade não entre em crise.

## 12. Análise das Entrevistas

Depois de recolhidos e analisados os 151 questionários sobre a cidade do Porto, decidiu-se avançar para as entrevistas a 4 entidades/pessoas importantes para os visitantes, a comunidade local, e para o Porto em geral.

As pessoas entrevistadas foram as seguintes, por esta ordem cronológica: Dra. Liliana Pinto, responsável pela Associação Infante D. Henrique, vocacionada para a Comunidade Local; o Arq. Pedro Guimarães, Presidente da Associação de Urbanistas Portugueses, sendo esta uma associação orientada para o melhoramento da arquitectura em Portugal; o Eng. Vladimiro Feliz, Presidente da Porto Lazer e Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto, tendo desta forma uma visão “camarária” da cidade ao nível turístico e da Comunidade Local; e por fim, o Dr. Braz Pereira, Director-Geral da Associação Porto Vivo, uma das entidades mais importantes para a Comunidade Local a nível nacional, e que é tida como o exemplo a seguir por outras entidades nacionais do mesmo género.

Em todas as entrevistas às pessoas das entidades acima referidas, foi realizada uma divisão, em 5 grupos considerados os mais relevantes para condução da entrevista da melhor forma possível. Assim sendo, o primeiro grupo, aborda as informações gerais sobre o entrevistado, ou seja, qual a sua função na entidade, onde foi realizada a entrevista, entre outros. Num segundo grupo, fala-se genericamente dos recursos (humanos, financeiros, materiais, entre outros) que a entidade disponibiliza para trabalhar. No terceiro grupo, pretende-se analisar a actividade da organização na sua globalidade, tentando perceber quais são os seus pontos fortes e fracos, o seu público-alvo, e quais as suas metas a médio e longo prazo. No grupo quatro, pretende saber como é que as entidades se relacionam com a Comunidade Local, e que tipo de comunicação é efectuada entre a entidade em questão e a Comunidade. Por fim, o quinto e último grupo, tenta abordar questões mais pessoais, e saber qual a opinião dos entrevistados. Este grupo aborda questões mais sensíveis, e que requerem uma resposta não, politicamente correcta, mas antes uma resposta sincera e pessoal.

Desta forma, analisaremos agora as respostas, fazendo depois um apanhado geral para cada grupo de análise, e por fim, um retrato geral de cada pessoa entrevistada. (Consultar Apêndice 5, página 90).

Depois de elaboradas as entrevistas conseguiu obter-se informações muito precisas relativamente à relação entre a comunidade e a autarquia. Todos os

entrevistados estiveram sempre ligados ao Centro Histórico do Porto e a inúmeras associações do Centro Histórico, surgindo assim, um resultado muito satisfatório.

### **12.1 Recursos disponíveis nas Associações Inquiridas**

Analisando a primeira pergunta, verificamos que existe uma disparidade muito grande entre as associações que foram entrevistadas, em termos de recursos, e sobretudo, ao nível dos recursos humanos. Como podemos observar, a Associação Infante D. Henrique, só possui uma pessoa a trabalhar, e a associação de Urbanistas Portugueses, também possui apenas duas pessoas a tempo inteiro e mais a boa vontade de algumas pessoas a tempo parcial. Por outro lado, a Porto Lazer e a Associação Porto Vivo, possuem imensos recursos para trabalhar. Aqui, é de realçar a clara distinção entre associações privadas, ou público-privadas, e as associações públicas.

Ao nível financeiro a disparidade de recursos já não é tão flagrante, mas continuam a existir binómios entre as duas primeiras associações e as associações públicas pertencentes, única e exclusivamente, ao Porto. Deste modo, a Associação Infante D. Henrique, tem um grande apoio das cotas dos seus associados, assim como a Associação de Urbanistas Portugueses, que para além das cotas dos seus associados, realiza também as jornadas do Urbanismo, que é mais uma forma de angariar alguns fundos. Por outro lado, a Porto Lazer, através de fundos comunitários e de patrocinadores, têm um grande apoio. A Sociedade Porto Vivo, têm também apoios comunitários e patrocínios, embora na palavra do Dr. Braz Pereira, uma associação deste cariz, terá sempre insuficiência financeira.

Por fim, no que diz respeito aos recursos informáticos, as respostas foram bastante divergentes e curtas, não querendo os responsáveis das respectivas associações alongarem-se muito sobre esta questão, possivelmente, devido ao facto de não estarem na vanguarda ao nível tecnológico/informático.

De qualquer forma, a associação infante D. Henrique, possui apenas um computador com acesso à Internet, onde se vai fazendo o seu trabalho. Por outro lado, a Associação de Urbanistas Portugueses, embora com mais recursos informáticos e humanos, ainda possui muitos documentos em formato de papel, o que se compreende pela área de trabalho da associação em questão.

Por fim, as duas entidades que estão ligadas ao Município do Porto, possuem logicamente, melhores condições de trabalho a este nível. Assim, quer a Porto Lazer, quer a Porto Vivo possuem todas as informações necessárias apoiadas em formato digital. No entanto, o Dr. Braz Pereira, realça a importância dos recursos humanos



jovens para uma maximização do trabalho com esta ferramenta. Portanto, o sucesso ou insucesso das suas acções não pode ser inferido desta causa.

### **12.2 Principais Iniciativas Desenvolvidas pelas Associações**

Relativamente, às iniciativas promovidas pelas associações, verificamos que a Associação Infante D. Henrique efectua apenas iniciativas gratuitas, não obtendo assim, qualquer fonte de receita. Quanto à Associação dos Urbanistas Portugueses, o Arq. Pedro Guimarães, refere que as jornadas do Urbanismo já não são tão benéficas financeiramente como há uns anos atrás, devido às exigências das entidades camarárias, que exigem que os seus técnicos façam as suas formações em período de férias. Por outro lado, a Porto Lazer, não sendo uma entidade com uma fonte de receitas fixa, tenta através do Portal do Turismo e do Site da Câmara Municipal do Porto, que todos os seus visitantes tenham uma informação clara e concisa sobre a cidade, sendo esse, um dos principais objectivos desta. Ao invés a Sociedade Porto Vivo, não tendo benefícios directos da reabilitação Urbana, consegue, através de investimento privado, na reabilitação em edifícios que se encontram sobre a sua jurisdição, obter parte dos lucros, sendo uma das suas principais fontes de receita.

### **12.3 Principais Actividades Desenvolvidas pelas Associações**

No que concerne às principais actividades desenvolvidas pelas associações entrevistadas, podemos, com clareza, afirmar que apenas a Porto Lazer, têm a sua preocupação fundamental virada para os visitantes da cidade do Porto, uma vez que as outras três associações, têm como público-alvo a Comunidade Local. Deste modo, e começando pela Associação Infante D. Henrique, uma vez que é uma associação muito embrionária, as suas actividades direccionadas para a Comunidade são ainda muito pontuais. Ao invés, a Associação de Urbanistas Portugueses, embora esteja também direccionada para a Comunidade, ou para os Urbanistas Nacionais, não elabora muitas actividades para estes, a não ser as chamadas jornadas, que promovem a formação destes urbanistas. Por fim, a Porto Vivo, tenta intervir com a Comunidade, especialmente ao nível do edificado, em todas as freguesias do C. Histórico do Porto (Vitória, Sé, S. Nicolau e Miragaia).

Por outro lado, a Porto Lazer, é uma entidade que ter um raio de acção mais vocacionado para os visitantes, tentando oferecer uma agenda repleta de eventos durante todo o ano, mas mais vocacionados para os meses de Verão, altura em que existem mais visitantes na cidade do Porto. Não obstante, esta mesma associação, promove também

iniciativas de cariz local, para a Comunidade, com a ajuda das iniciativas Manobras no Porto e 1ª Avenida.<sup>7</sup>

A informação acima descrita demonstra-nos que a Porto Lazer concentra as suas actividades nos meses de Verão, onde existem mais visitantes. Durante o período de tempo referido existe actividades para todas as faixas etárias e para todos os gostos, o que tornam a cidade viva e animada. No entanto, este tipo de medida, é na nossa opinião errada, uma vez que leva a que a cidade do Porto se torne cada vez mais sazonal, ao longo do ano. Desta forma, a Porto Lazer não tira partido de todas as potencialidades que o Porto tem para oferecer aos seus visitantes durante todas as épocas do ano.

#### **12.4 Comunicação Entre as Associações com a Comunidade Local e com a Autarquia**

Como foi possível verificar na análise anterior, apenas a Associação Porto Lazer, não possui a maioria das suas actividades direccionadas para a Comunidade Local. Desta forma, tentamos em seguida analisar quais são as actividades que estas associações promovem junto da Comunidade Local.

Assim, a Associação Infante D. Henrique, tenta, sobretudo, que as pessoas da Comunidade Local tenham a oportunidade de serem ouvidas, para além de intermediar projectos de reabilitação do Centro Histórico do Porto. Sendo então esta uma associação, vocacionada única e exclusivamente para a Comunidade Local, tentamos saber qual a relação com esta e com a autarquia. A entrevistada, referiu que o objectivo fundamental é “intermediar projectos de reabilitação da zona histórica do Porto; estabelecer iniciativas que “dão voz” à Comunidade Local e promover o desenvolvimento local”. (Consultar Apêndice 5, página 90)

Por outro lado, o Arq. Pedro Guimarães, da Associação dos Urbanistas Portugueses, refere que não têm existido iniciativas para a Comunidade Local, por falta de apoios, e que quando existem as iniciativas, não existe a “cultura de presença”, nas mesmas, por parte da comunidade Local. A Associação Porto Vivo, tenta sobretudo que os vários agentes da cidade possam estar presentes na mesma mesa, conhecer-se, para

---

<sup>7</sup> *Manobras no Porto* é um desafio à cidade do Porto para que se encontre e experimente no seu *Centro Histórico*. São 2 anos – 2011 e 2012 – a convocar movimento, vida e acção, a apelar a gentes e ideias, a criar um aqui e agora que envolve os rostos e os corpos da cidade, a produzir e a evidenciar conhecimento e sentimento, a construir futuros na cidade.

O projecto “1ª Avenida – Dinamização Económica e Social da Baixa do Porto”, candidatado a fundos europeus e já aprovado, pretende criar condições para a fruição mais intensa do coração da Baixa (Praça da Liberdade / Avenida dos Aliados / Rua de Sá da Bandeira), espaço nobre da Cidade do Porto.

poderem realizar projectos em conjunto, onde o investimento privado possa funcionar. Para além disso, tentam através de iniciativas pontuais, como os Contadores de Histórias, ou o *Flea Market*, chamar a Comunidade Local a intervir e a participar.

Por fim, a Porto Lazer, refere que a associação não efectua qualquer tipo de barreira à participação das pessoas, mas reconhece também que apenas o programa Manobras no Porto, (programa em que muitos dos conteúdos são criados pela própria Comunidade Local), é direccionado para a Comunidade.

No entanto, no que diz respeito a esta questão, é muito importante realçar que todos estes objectivos já são abordados há muitos anos pelas diversas associações que trabalharam ao longo de muitos anos. Assim, e segundo as palavras da Dra. Liliana Pinto e Dr. Braz Pereira a Comunidade Local já não acredita muito nessas associações, pois o discurso “é repetitivo”, embora a Comunidade Local saiba que não é por falta de empenho das pessoas que trabalham nas associações, mas por outro lado, pela falta de apoios das autarquias para com estas associações. A Dra. Liliana Pinto, refere que “as apostas políticas e técnicas esquecem-se da componente Humana, que a Comunidade Local, possui uma área classificada.” (Consultar Apêndice 5, página 90)

Por fim, ao nível da relação com a autarquia, num cômputo geral foi referido que falta um “maior apoio”, não só a nível financeiro, mas também a nível da promoção destas associações dentro da cidade do Porto e não só aquelas que já pertencem à autarquia.

Ao nível das estratégias de comunicação para a Comunidade percebeu-se, claramente, que este é um problema que as entidades que trabalham na zona possuem, uma vez que as pessoas da Comunidade, estão presentes à muitos anos, e embora haja alguma evolução, a comunicação entre as partes não é suficiente.

Assim, a Dra. Liliana Pinto, refere que a Comunidade Local, possui um clima de inteira desconfiança por todos os projectos que são falados para a Zona do Centro Histórico, uma vez que este é um discurso repetitivo, que este projecto “é que vai ter sucesso”. Algo que depois raramente se verifica, provocando uma má imagem da associação a que se refere o projecto.

A Associação dos Urbanistas Portugueses, afirma que esta não é uma Associação, claramente, vocacionada para a Comunidade Local no seu geral, mas antes para os Urbanistas Nacionais. De qualquer forma, a Associação esclarece que todas as sessões são abertas à Comunidade Local, mas que por falta de formação e/ou conhecimento, a adesão é muito fraca. Para além disso, existem muitas pessoas que

visitam o *site* da Associação, muitas vezes por mera curiosidade e outras para saberem mais acerca do Urbanismo.

Por outro lado, a Porto Lazer, faz questão de referir que muitas vezes a associação trabalha em prol da Comunidade Local. No entanto, fazem questão de afirmar que como as coisas vão “acontecendo com naturalidade”, e que a Comunidade não dá conta disso, não tem essa percepção, ou seja, embora a relação precise obviamente de ser ainda mais enraizada e melhorada ao longo do tempo, a Porto Lazer, tem feito o seu trabalho de aproximação da Comunidade Local.

Por fim, a Associação Porto Vivo, refere que a relação com a Comunidade Local, não é uma relação de ocasião, ou apenas nos “momentos jornalísticos”, mas antes, uma relação diária e de bastante carinho. No entanto, a Associação Infante D-Henrique e a Porto Vivo estão de acordo no que diz respeito ao clima de desconfiança que a Comunidade Local tem de alguns projectos, devido ao seu cariz repetitivo. Desta forma, a Associação Porto Vivo, considera que a Comunidade Local não acredita nas associações que fazem parte da Comunidade Local, mas antes nas pessoas que fazem parte destas mesmas associações.

### **12.5 Actividades Promocionais Dirigidas aos Visitantes**

Neste tema, as respostas foram muito diversas e em algumas associações, muito medíocres, realçando claramente que não existem actividades nas associações entrevistadas para os visitantes. Apenas a Porto Lazer, é a única das 4 associações entrevistadas que tem uma vocação claramente turística, enquanto a Porto Vivo, vai tendo alguma atenção com esse mercado, embora seja também uma associação vocacionada para a Comunidade Local.

Assim sendo, a Associação infante D. Henrique, não possui nenhuma actividade dirigida para esse público, assim como a Associação de Urbanistas Portugueses, pelo cariz das associações.

Por outro lado, a Porto Lazer, apostando sobretudo na hospitalidade da população, na gastronomia, e na riqueza patrimonial e cultural, possui uma série de actividades, ou quase toda a sua agenda, direccionada para os visitantes que chegam à cidade do Porto. Por fim, a Porto Vivo, embora crie iniciativas pontuais, em comemorações de dias específicos, como o Dia Nacional dos Centro Históricas, onde existem visitas guiadas, ou o Dia Mundial do Turismo, onde existem outro tipo de iniciativas, não está também vocacionada para os visitantes, mas sim, para a Comunidade Local.

Deste modo, acreditamos que deveriam se intensificar as actividades promocionais dentro da cidade do Porto durante várias épocas do ano, pretendendo atingir todas as faixas etárias e todo o tipo de visitante.

### **12.6 Direcção do Público-Alvo das Associações**

Depois de saber se as associações promovem actividades mais vocacionadas para a Comunidade Local, ou para os visitantes e de obter as nossas conclusões, optamos por confirmar pela resposta das entidades qual é o público-alvo que mais atenção dão, para confirmar as respostas dadas anteriormente neste grupo.

Assim sendo, a Associação Infante D. Henrique, é muito clara, dizendo, que a Comunidade Local é a preocupação actual e que os visitantes, devido à importância da área onde a associação trabalha serão uma preocupação, mas não actualmente.

A Associação dos Urbanistas Portugueses refere que, neste momento, a prioridade, não passa nem pela Comunidade Local, nem pelos visitantes, mas sim, por ajudar os colegas de profissão, para um melhor urbanismo.

A Porto Lazer reforça que se encontra no presente a trabalhar com a Comunidade Local, em conjunto com o programa “Manobras no Porto”, para melhorar a comunicação e o trabalho com a Comunidade Local. Mas na nossa opinião, e conhecendo a associação, não existir referências aos visitantes na questão, é uma clara amostra que a Porto Lazer sabe que está mais dirigida para os visitantes e que estão a tentar alterar essa situação para o futuro.

Por outro lado, a associação Porto Vivo, é muito clara, pois trabalha sobretudo para a reabilitação do edificado, e embora esse seja um serviço direccionado para a Comunidade Local, reconhece que a Porto Vivo, não é a melhor associação para promover iniciativas que sejam directamente dirigidas à Comunidade Local. No entanto, tentam ao máximo que as actividades, sejam realizadas no Centro Histórico, atraindo dessa forma a Comunidade Local.

Assim, a Porto Vivo demonstra claramente que existe problemas em atrair este tipo de actividades no Centro Histórico porque muitos empresários ainda têm o estereótipo que esta área não é benéfica para realizar qualquer tipo de investimento.

### **12.7 Percepção da Opinião da Comunidade Local das Associações**

Neste ponto, tentamos aferir qual a opinião da Comunidade Local, acerca das associações em questão e se o espaço da associação é de fácil acesso para pessoas com mobilidade reduzida.

Assim, na primeira pergunta, perguntou-se qual a visibilidade/opinião da Comunidade Local sobre a entidade em questão. Desta forma, a Associação Infante D. Henrique, refere que o discurso repetitivo de que todos os projectos vão ter sucesso, algo que depois não se verifica, provoca um clima de desconfiança por parte da Comunidade Local, algo que é depois visível na imagem que a Comunidade tem da associação.

A Associação dos Urbanistas Portugueses, refere que existem pessoas, (leia-se Comunidade Local), que consulta o site da Associação, não sendo pessoas ligadas ao Urbanismo.

Por outro lado, a Porto Lazer refere que embora trabalhe muitas vezes em prol da comunidade Local, essa comunidade não tem essa percepção, o que quer dizer que as coisas vão acontecendo, e quando assim é, a Comunidade não dá conta de si. No entanto, o vice-presidente da Câmara Municipal do Porto refere, que esta relação necessita de ser melhorada ao longo do tempo, de forma a atingir uma relação cada vez mais enraizada.

Por fim, a associação Porto Vivo, refere que a relação com a Comunidade Local é uma relação de carinho e de convivência diária e não apenas nos momentos políticos ou jornalísticos. Indo, no entanto, ao encontro do que a Associação Infante D. Henrique, refere, que as pessoas estão cansadas de projectos, uma vez que já estão na área do Centro Histórico há muitos anos, e estão cansadas do discurso repetitivo. A Comunidade ainda acredita que pode ser ouvida, mas não através das associações, mas antes através das pessoas que fazem parte dessas associações.

Desta forma, a Porto Lazer indica que o caminho a seguir, é um pouco semelhante ao que foi realizado pela Porto Vivo, valorizar os recursos da associação, colocá-los no terreno, para que a Comunidade sinta que existe uma vontade de trabalhar. Devido à sistemática falha de projectos anteriores, estas duas associações acreditam que este é o meio a seguir para criar uma excelente relação entre estas e a Comunidade Local.

## **12.8 Visibilidade por parte das Associações das Acessibilidades para pessoas com Mobilidade Reduzida**

No que concerne aos espaços com mobilidade reduzida, as respostas são bastante diversas, uma vez que os espaços e o raio de acção das diversas associações é bastante distinto. De qualquer forma, na Associação Infante D. Henrique, para além do

espaço ser limitado, embora com elevador, não existe atendimento ao público. Por outro lado, a Associação de Urbanistas Portugueses, tem um edifício adaptado para pessoas com mobilidade reduzida, porque o próprio presidente, o Arq. Pedro Guimarães, tem mobilidade reduzida.

Por outro lado, a Porto Lazer, como é uma associação que elabora as suas actividades fora de portas, refere que ao nível desportivo, existe uma grande preocupação com o desporto adaptado. No entanto, o Eng. Vladimiro Feliz, refere que a Porto Lazer ainda não atingiu a meta que pretendia, embora a Câmara Municipal do Porto, fosse a primeira do país a criar um gabinete de apoio ao deficiente (confusão de deficiente com mobilidade reduzida). Esta confusão, demonstra um total desconhecimento por parte do entrevistado do que são pessoas defecientes e pessoas com mobilidade reduzida. As pessoas com mobilidade reduzida são as pessoas grávidas, com problemas de saúde e não com problemas mentais. Este foi claramente o grande ponto fraco desta entrevista, o desconhecimento da importância da população que é considerada com mobilidade reduzida.

Por fim, a Porto Vivo, na pessoa do Dr. Braz Pereira, refere que devido à geografia e ao edificado presente na cidade, muitas vezes não é fácil a locomoção para pessoas com mobilidade reduzida na cidade do Porto. Mas refere que o edifício da Porto Vivo, tem todas as condições para pessoas com mobilidade reduzida chegarem ao edifício e se movimentarem dentro dele.

O edifício onde está localizada a Porto Vivo, possui de facto, todas as valências para pessoas com mobilidade reduzida, se poderem deslocar por todo o edifício. No entanto, a zona onde está inserido, é bastante sinuosa. Embora tenha rampas de acesso em toda a área circundante, num raio de 500 metros, o que é também assinalável.

### **12.9 Principais Dificuldades das Associações**

Nesta questão procurou-se saber quais as dificuldades das associações inquiridas ao nível do espaço físico que ocupam, a nível financeiro, a nível pessoal ou outros.

Assim sendo, existiram vários tipos de resposta, o que é compreensível, uma vez que as associações inquiridas possuem datas de criação distintas.

Desta forma, a Associação Infante D. Henrique, refere que as principais dificuldades da associação, são ao nível financeiro e das instalações existentes, pese embora a associação esteja ainda numa fase muito embrionária, seria importante possuírem melhores condições nestes dois parâmetros.

No que diz respeito à Associação dos Urbanistas Portugueses, refere que embora existam muitas dificuldades económicas nos dias de hoje, devido ao poderio que a associação possui, ainda é possível resolver as questões financeiras quando surge um problema.

Ao invés, quer a Porto Lazer, quer a Porto Vivo, não fazem qualquer tipo de referência às dificuldades financeiras, falando apenas das instalações. A Porto Lazer, refere que as instalações administrativas são as menos importantes, uma vez que a “base” desta associação é o trabalho realizado na rua, e que esse é conseguido com sucesso.

Por fim, a Porto Vivo, na pessoa do Dr. Braz Pereira, refere que até “seria obsceno”, dizer que as instalações são más, quando à volta, o edificado se encontra em estado de degradação. Logo, concluímos que não é devido às condições de trabalho que a Porto Vivo não tem apresentado resultados nos últimos tempos, mas antes, devido às inúmeras confusões que têm existido sobre o seu financiamento e objectivos, como tem sido vinculado nos *media*.

### **12.10 Perspectivas das Associações a Médio e Longo Prazo**

No que concerne às perspectivas das associações a médio e longo prazo, as respostas foram também bastante distintas. Tudo isto é fruto da resposta à pergunta anterior, e do “peso” que cada uma das associações possui na cidade do Porto.

Assim sendo, a Associação Infante D. Henrique refere que o objectivo primordial e fulcral para o curto prazo, é a obtenção de mais associados e parcerias que possam fortalecer a associação. No longo prazo, é criar uma ligação ainda mais forte com a Comunidade Local, obtendo maior visibilidade junto desta.

Para a Associação dos Urbanistas Portugueses, o Arq. Pedro Guimarães refere que o arranjo do espaço público é fundamental, uma vez que é onde a Comunidade se encontra. Referindo sempre que não existem apoios, acredita que a meta desta associação para a cidade do Porto é criar mais zonas de convivência e confluência de pessoas no Centro Histórico.

A Porto Lazer, através do Eng. Vladimiro Feliz, refere que no curto e médio prazo a estratégia desta associação é manter a cidade do Porto na vanguarda a nível Europeu, graças à eleição de melhor destino turístico europeu. Ou seja, o objectivo fulcral para os próximos anos é continuar a trazer eventos de prospecção internacional para a cidade do Porto, que possibilitam também a vinda da imprensa internacional, que na opinião do Eng. Vladimiro Feliz, é dos melhores meios de promoção para uma



cidade. No longo médio e longo prazo, o objectivo é de manutenção cuidadosa do espaço público e do património mundial que é factor de distinção.

Por outro lado, a Porto Vivo, refere que a cidade do Porto, tem tantas potencialidades que estar a divulgar objectivos para o longo prazo, é algo errado, uma vez que há que agarrar bem o presente, e já. Para além disto, a crise é encarada como uma oportunidade para o Centro Histórico do Porto, através do regime de arrendamento, uma vez que na sua opinião, as pessoas vão deixar de comprar casas, e passar a alugar, e que quem aluga casas, prefere o Centro Histórico. Nesta perspectiva, o Centro Histórico do Porto, sairá claramente beneficiado, uma vez que ao nível turístico, as pessoas preferem uma cidade com movimento, onde exista vida durante todo o dia e toda a noite, e com a cidade novamente habitada, isso será possível. A médio e longo prazo, o Dr. Braz Pereira, fala do *merchandising* da cidade, uma vez que na sua opinião, o que mais vende no centro Histórico do Porto, é o galo de Barcelos e a camisola do Cristiano Ronaldo, algo que tem obviamente que mudar.

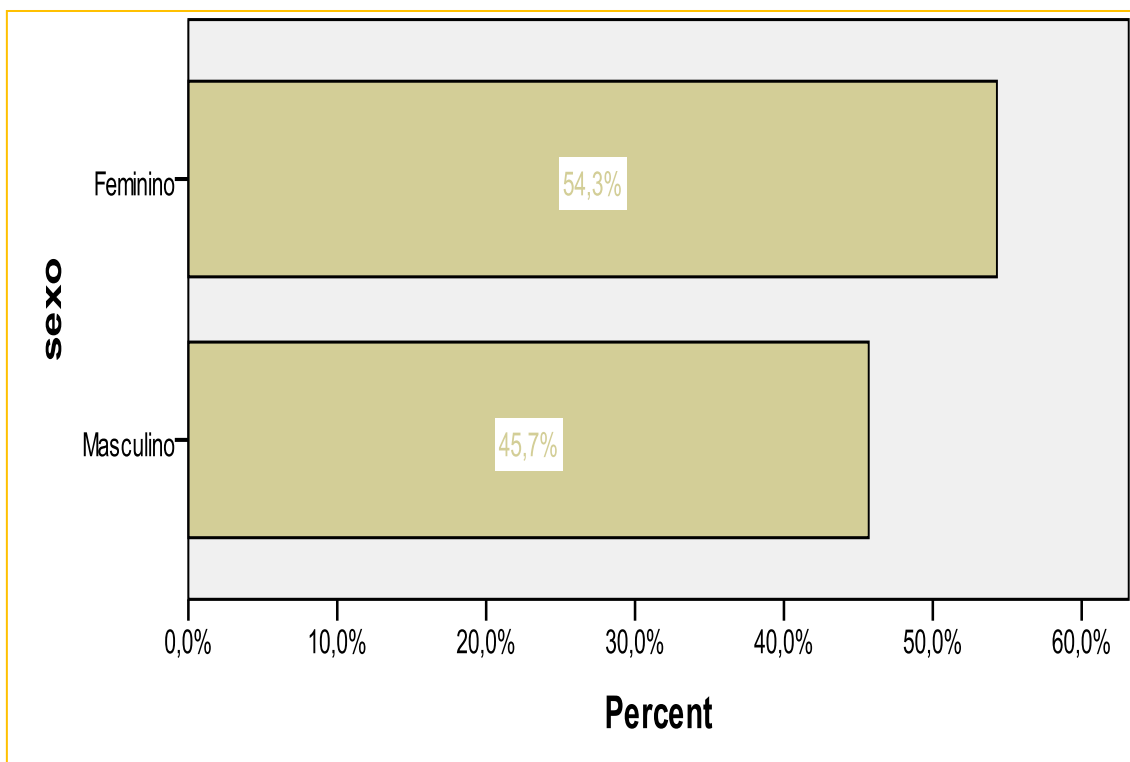
Desta forma, podemos concluir que urge existirem mais lojas de comércio tradicional, que vendam os produtos característicos da Cidade do Porto, mostrando o que existe de melhor na Cidade. É necessário criar ou recriar lembranças que marquem a visita de um turista ao Porto e isto é extremamente necessário.

### **13.Expectativas da Comunidade Local para a Área Classificada**

Foram analisados 151 inquéritos à Comunidade Local, por forma a aferir com exactidão qual a opinião das pessoas relativamente a aspectos nevrálgicos da cidade do Porto. Estes inquéritos foram realizados em diversos pontos da Cidade do Porto, por exemplo as estações de Metro da cidade, no Centro Histórico da Cidade, e nas imediações da cidade, como é o caso das localidades de Matosinhos e de Vila Nova de Gaia, com o objectivo de obter diversos tipos de resposta. Dos inquéritos realizados muitos são os aspectos que a Comunidade Local pretende alterar. Passando, sobretudo, pela melhoria da segurança, das rampas de acesso para as pessoas com mobilidade reduzida, do horário de funcionamento dos monumentos, mas sobretudo, da qualidade dos edifícios e da falta de informação relativa ao perímetro da área classificada.

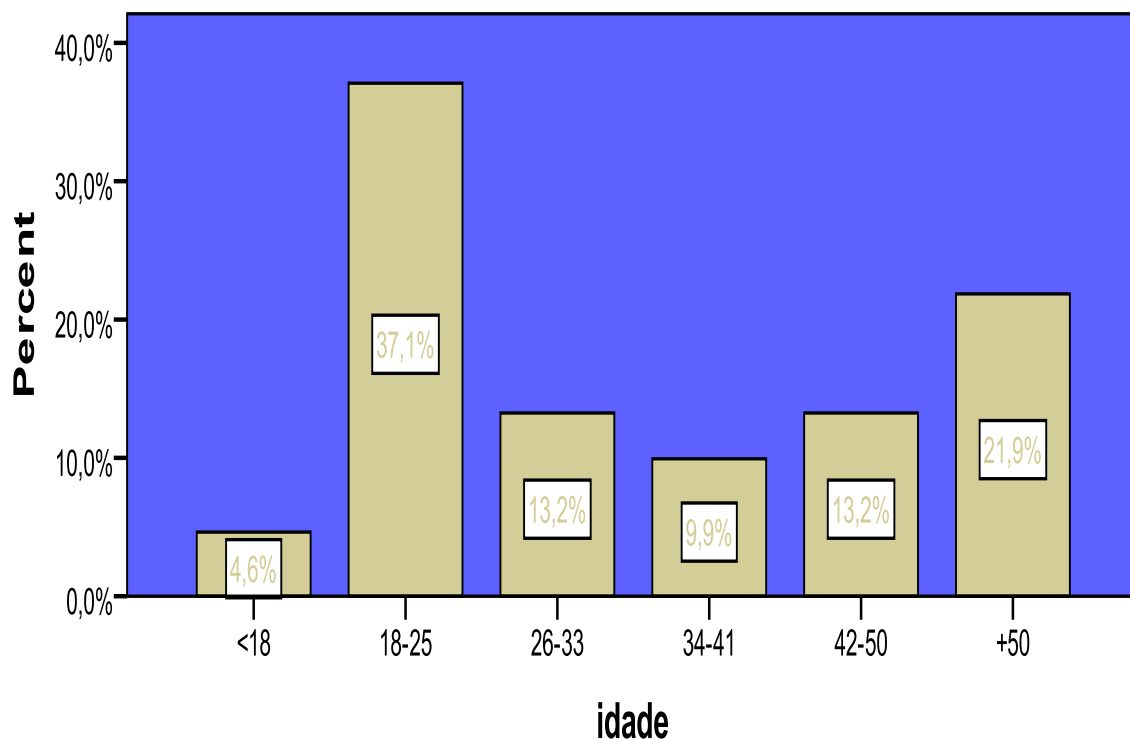
Assim, iremos analisar os inquéritos pelo perfil das pessoas inquiridas, ou seja, qual a sua idade, formação, sexo, e habilitações literárias.

Desta forma, no que diz respeito ao sexo das pessoas inquiridas, foram entrevistadas 82 pessoas do sexo feminino (54,3%) e 69 do sexo masculino (45,7%).



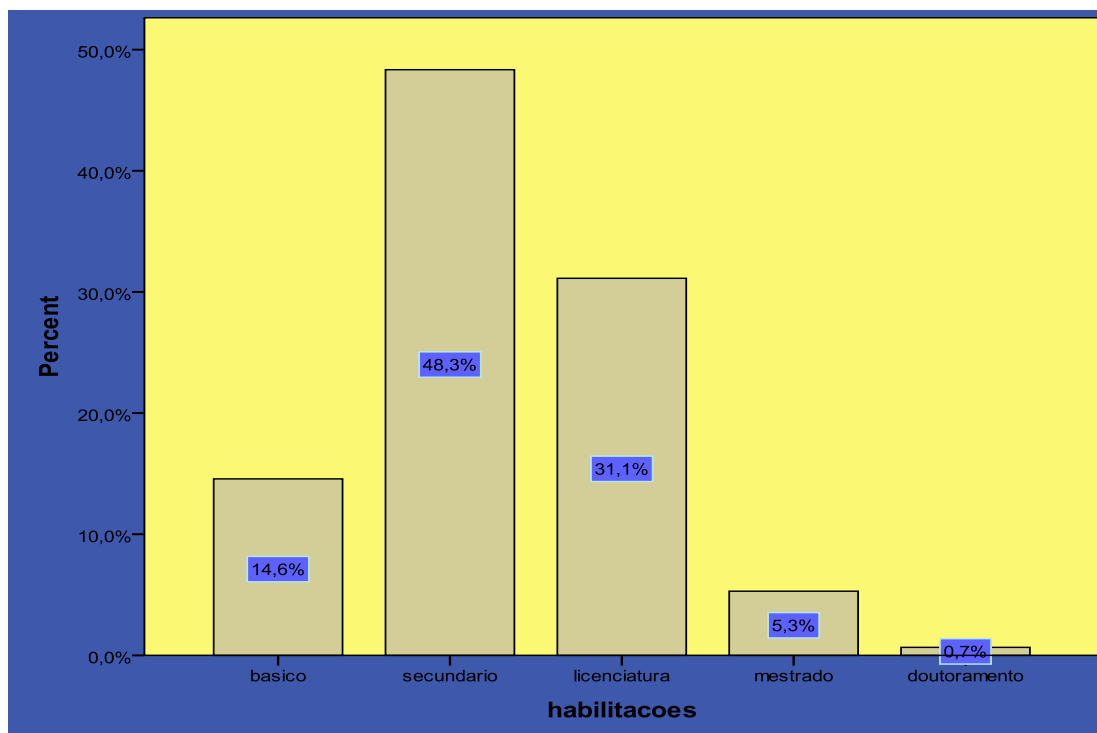
**Ilustração 14: Género dos Inquiridos**

No que diz respeito à idade das pessoas inquiridas, criou-se uma divisão em 6 grupos distintos, com intervalo de idade a cada 8 anos, excepto, para os menores de 18 anos e as pessoas com mais de 50 anos. Assim sendo, foram questionadas 7 pessoas, com menos de 18 anos (4,6%), 56 pessoas, com idade compreendida entre os 18 e os 25 anos (37,1%), 20 pessoas com idade compreendida entre os 26 e os 33 anos (13,2%), 15 pessoas com idade compreendida entre os 34 e os 41 anos (9,9%), 20 pessoas com idade compreendida entre os 42 e os 50 anos (13,2%), e por fim, 33 pessoas com mais de 50 anos de idade (21,9% dos inquiridos).



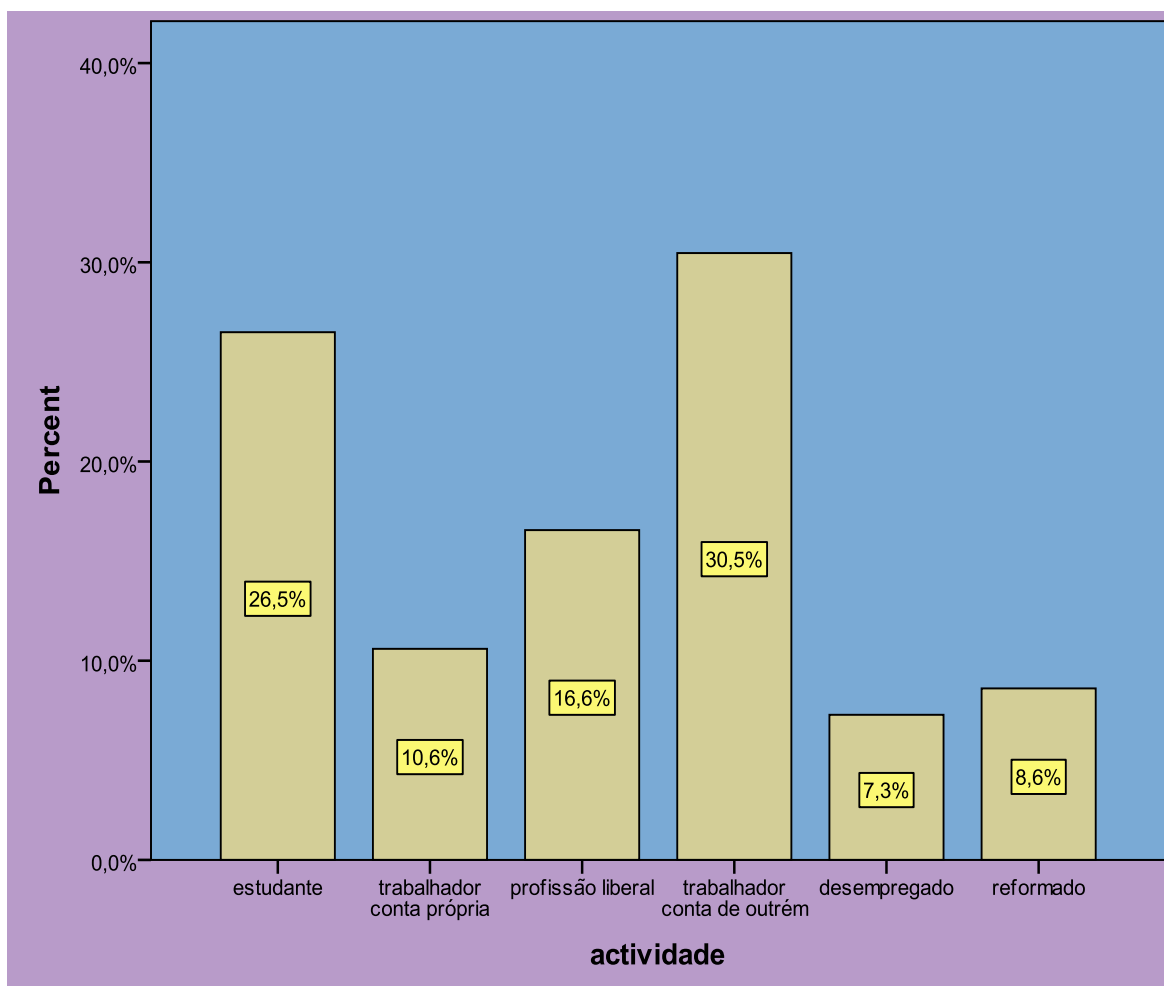
**Ilustração 15: Idade dos Inquiridos**

Quanto às habilitações, a grande percentagem das pessoas inquiridas possuem o ensino secundário (73 pessoas - 48,3%), seguindo-se a licenciatura com (47 pessoas – 31,1%), o ensino básico (22 pessoas – 14,6%), o mestrado com 8 pessoas (5,3%) e o doutoramento com uma pessoa (0,7%).



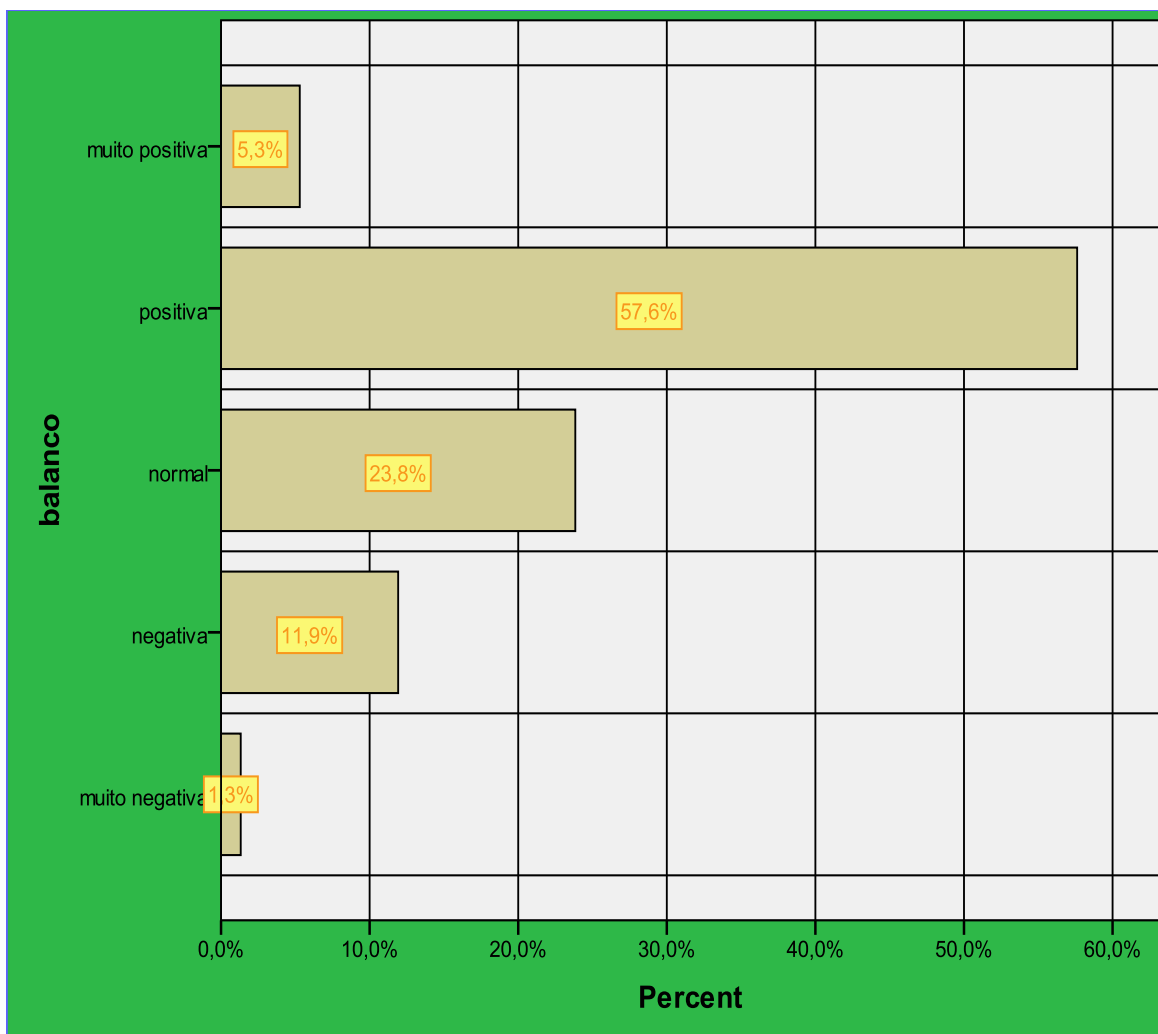
**Ilustração 16: Habilitações Literárias**

No que concerne à actividade realizada pelas pessoas inquiridas, as respostas foram bastante equilibradas. Desta forma, foram entrevistados 40 estudantes (26,5% dos inquiridos), 16 trabalhadores por conta própria (10,6%), 25 pessoas com profissão liberal (16,6%), a grande maioria, trabalhadores por conta de outrém (46 pessoas – 30,5% dos inquiridos), 11 pessoas desempregadas (7,3%) e por fim, 13 pessoas reformadas (8,6%).



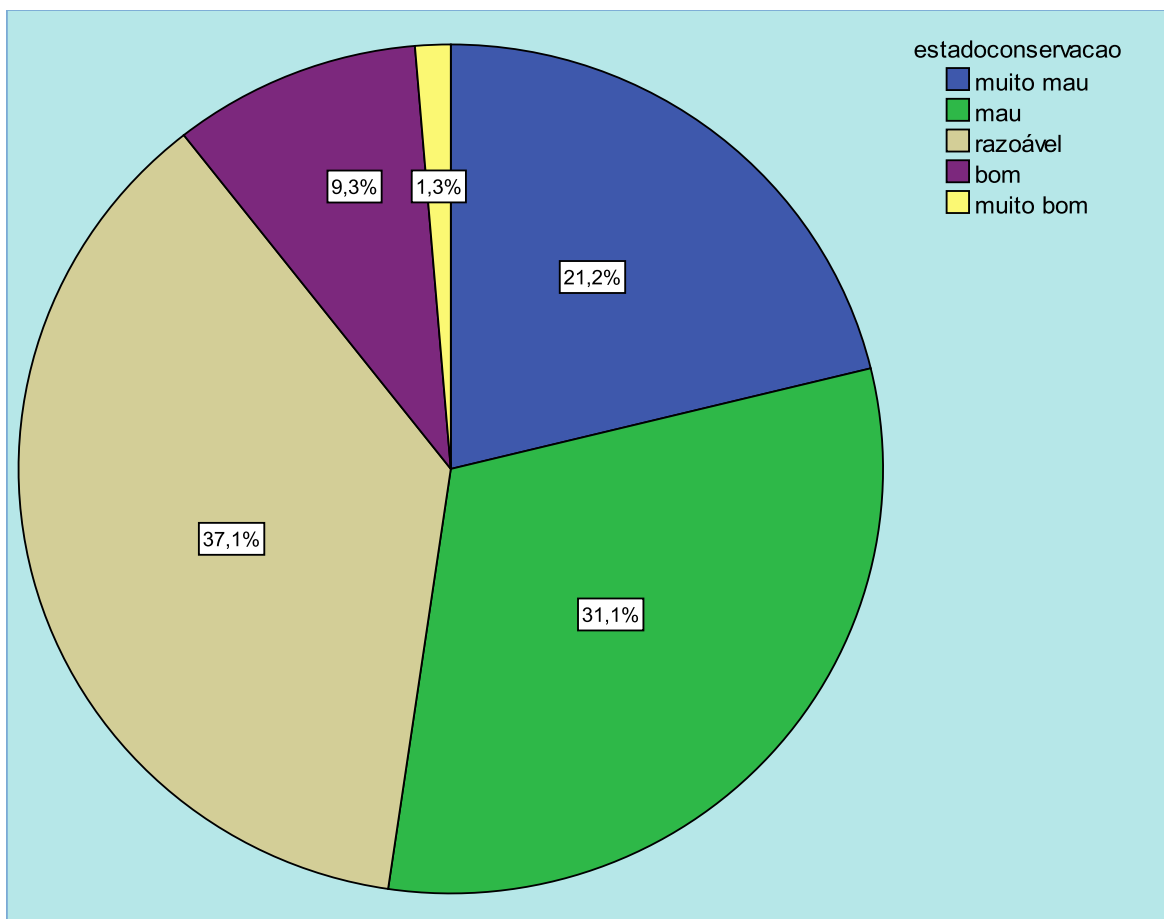
**Ilustração 17: Actividade Profissional**

Começando agora a análise à cidade do Porto, a primeira questão tinha como objectivo saber qual a opinião dos inquiridos sobre o balanço da cidade do Porto, nestes anos, em que possui o título de “Património Mundial”. Nesta resposta, a maioria das pessoas (87), respondeu que é um factor “positivo” (57,6%), seguindo-se a resposta “normal”, (36 pessoas – 23,8%). Ao invés, e continuando a tendência, surgiu a resposta “negativa” (18 pessoas – 11,9%). Por fim, foram as respostas “de extremos”, com 8 pessoas, 5,3%, considerando a imagem do Porto como Património Mundial “muito positiva”, e 2 pessoas (1,3%), considerando a cidade do Porto, desde a atribuição de Património Mundial como “muito negativa”.



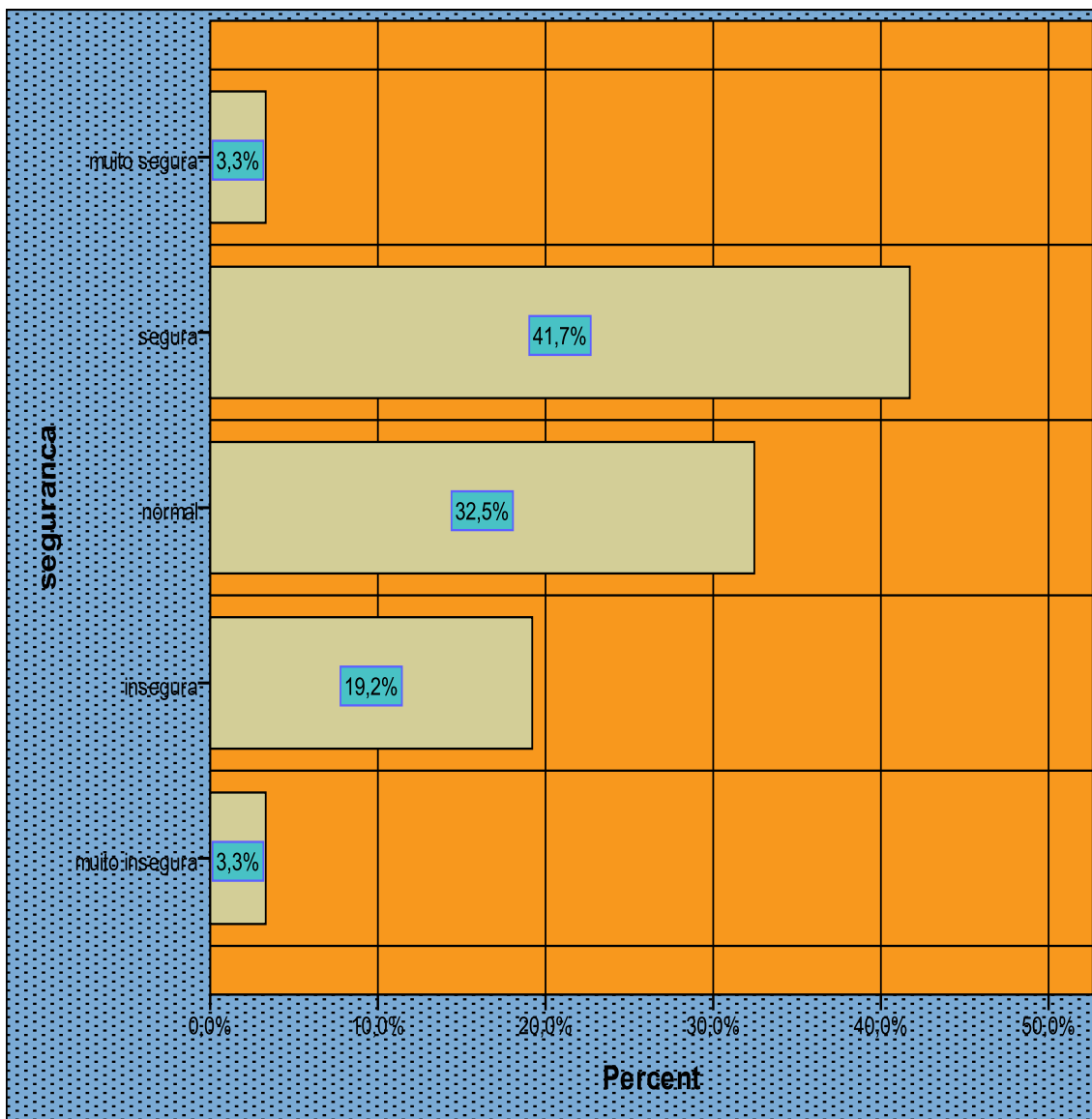
**Ilustração 18: Opinião sobre Título de Património Mundial**

Por outro lado, quando foi colocada a questão do estado de conservação dos edifícios que fazem parte do Centro Histórico do Porto, as respostas dadas foram bastante diferentes do que na primeira pergunta. Senão vejamos que 52,3% dos inquiridos consideram que o estado de conservação dos edifícios é “mau” (47 pessoas – 31,1%) ou “muito mau” (32 pessoas – 21,2%). No entanto, a quantidade mais significativa das respostas foi para o grupo “razoável”, (56 pessoas – 37,1% dos inquiridos). Como é de facto possível verificar, as pessoas consideram que o estado de conservação dos edifícios do Centro Histórico, embora algumas considerem que começa-se a fazer algo, não é ainda suficiente. Assim, existem 14 pessoas (9,3%), que dizem que o estado de conservação dos edifícios é “Bom”, enquanto unicamente 2 pessoas (1,3% dos inquiridos), consideram o estado de conservação dos edifícios como “Muito Bom”.



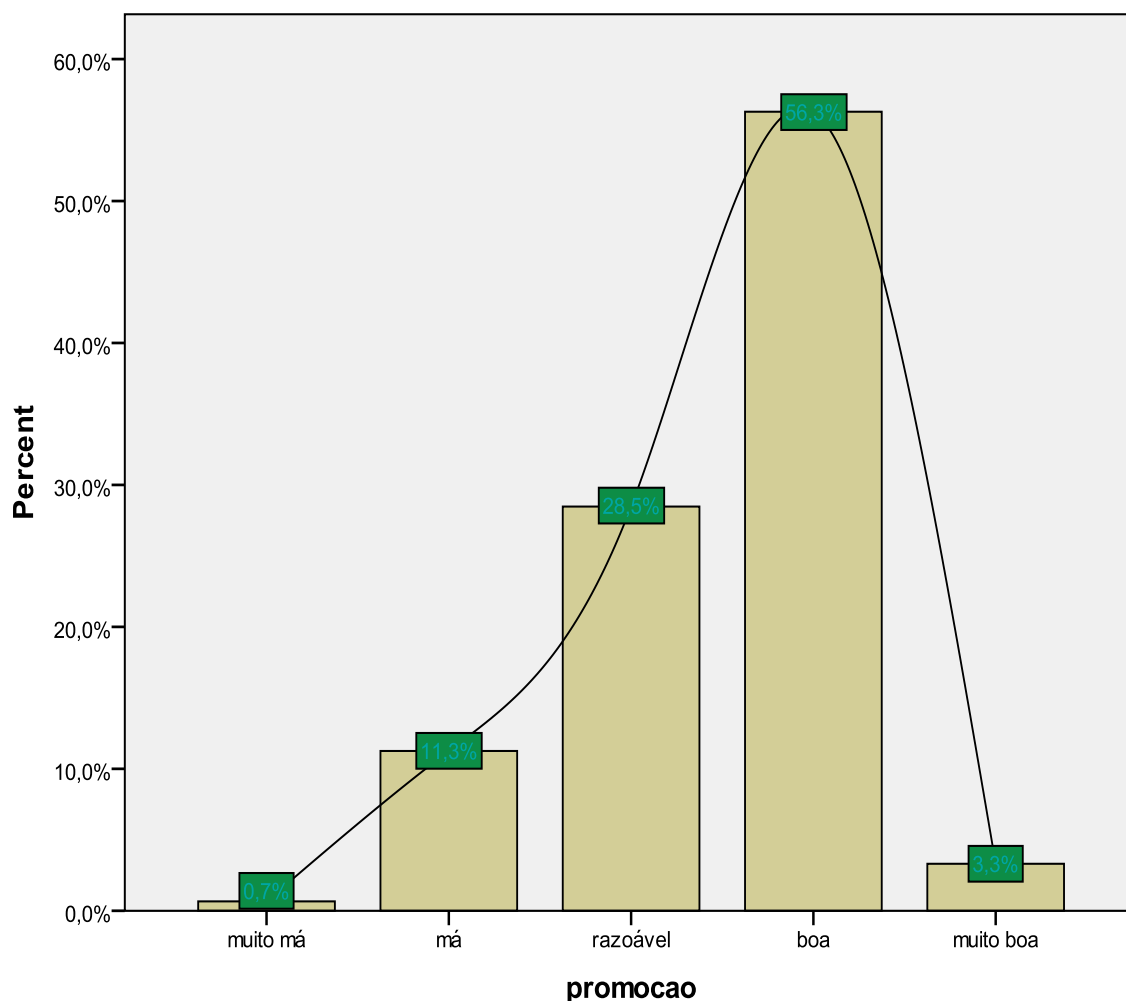
**Ilustração 19: Estado de Conservação dos Edifícios**

Na questão “considera a cidade do Porto segura”, as respostas foram bastante diversas, embora muito pouco dos inquiridos optaram pelas respostas de extremo “muito insegura ou muito segura”. Desta forma, 63 dos inquiridos (41,7%), considera a cidade do Porto como “segura”; seguidamente, 49 pessoas, consideram a cidade do Porto como “normal” (32,5%); 29 dos inquiridos consideram a cidade como “insegura” (19,2%), e por fim, 5 pessoas (3,3% dos inquiridos), consideram a cidade como “muito insegura”, e outras 5 pessoas como “muito segura”. De salientar nesta resposta, que muitas das pessoas referiram que a segurança, depende em muito das horas que se está a analisar, obtendo assim, uma resposta generalista.



**Ilustração 20: Segurança na Cidade do Porto**

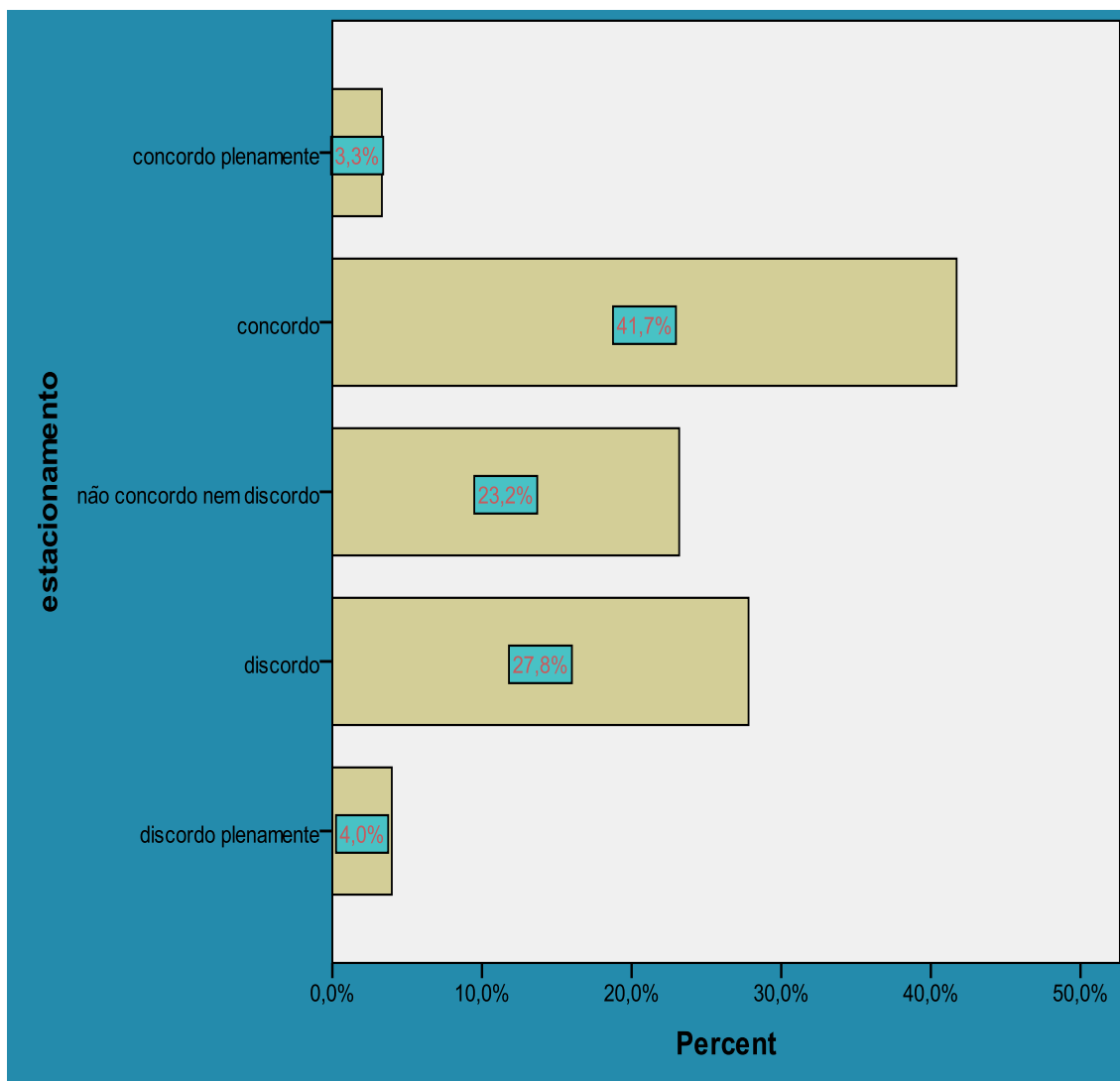
No que diz respeito à promoção interna e externa da cidade do Porto, esta foi a resposta mais “positiva”, que os inquiridos responderam, uma vez que 85 pessoas (56,3%), consideram a promoção interna e externa da cidade como “Boa”. Seguidamente, 43 dos 151 inquiridos (28,5%), consideram a promoção “Razoável”; 17 pessoas (11,3%), consideram a promoção como “Má”; enquanto que 5 pessoas consideram a promoção da cidade “Muito Boa” (3,3%) e apenas uma pessoa (0,7%), considera a promoção da cidade como “Muito Má”.



**Ilustração 21: Nível de Promoção da Cidade do Porto**

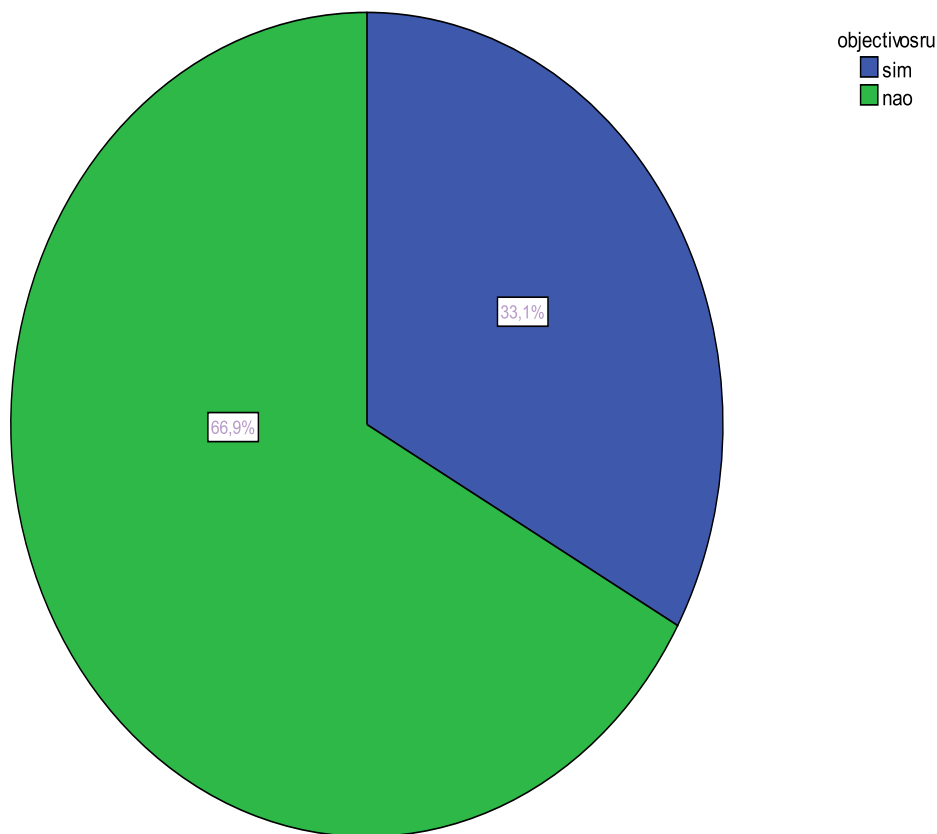
Quanto ao estacionamento na cidade do Porto, a resposta foi também positiva, embora os inquiridos fizessem questão de referir que o mesmo é muito raro ser gratuito. No entanto, a pergunta questionava apenas se o equipamento ia ao encontro das necessidades das pessoas, notando-se então respostas positivas. Assim sendo, 63 pessoas (41,7% dos inquiridos), concordam que o estacionamento na cidade do Porto é “correcto”; 42 pessoas (27,8%), “discordam” que o estacionamento é correcto; seguindo-se 35 pessoas que “não concordam nem discordam” (23,2%). Por fim, apenas 6 pessoas (4%), “discordam completamente”, que a cidade do Porto não tem equipamento para estacionamento, enquanto 5 pessoas (3,3%), “concordam plenamente”, que a cidade do Porto tem o equipamento correcto para estacionar.





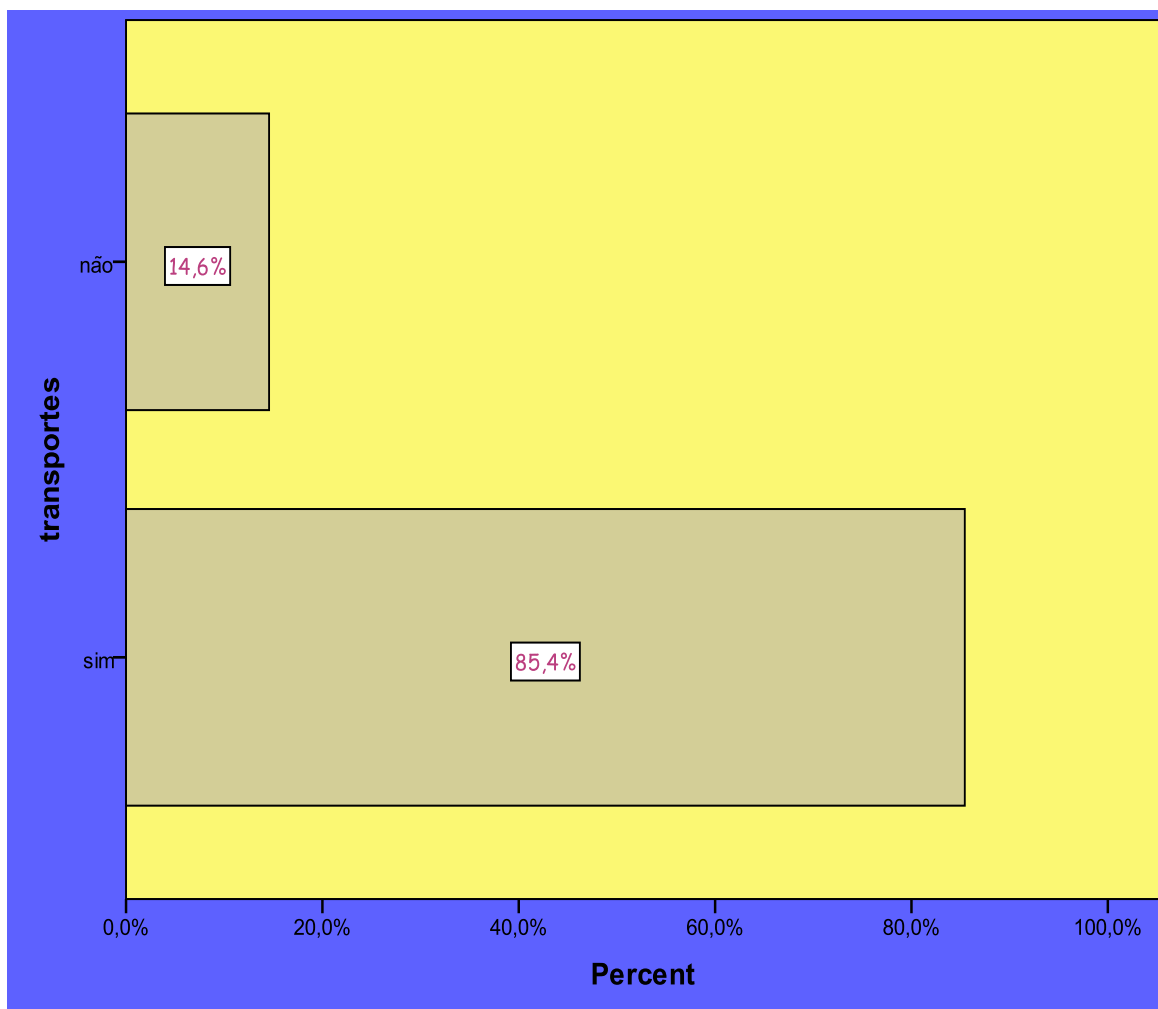
**Ilustração 22: Qualidade do Estacionamento na Cidade do Porto**

Na próxima questão, por forma a “quebrar” um pouco o questionário, com o objectivo de continuar a ter a atenção por parte dos inquiridos, questionou-se se os mesmos sabiam qual era o objectivo da Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana, e aqui, as respostas foram claramente negativas, uma vez que 101 pessoas (66,9% dos inquiridos), referiram que não sabiam o que era a Sociedade ou qual era o seu objectivo, o que denota que o trabalho da Sociedade Porto Vivo, ainda não é conhecido em toda a cidade do Porto. Consequentemente, apenas 50 pessoas (33,1%), conhecem a Sociedade Porto Vivo e sabem qual é o seu maior objectivo, a reabilitação urbana.



**Ilustração 23: Conhecimento do Objectivo da Porto Vivo**

Seguidamente, chegamos à resposta que possui a maior percentagem de respostas positivas neste questionário, que é a questão se os transportes públicos, estão de acordo com as necessidades da Comunidade Local. Embora esta questão seja fechada, com apenas resposta de “sim” ou “não”, tendo o “sim” imensa vantagem, grande número de pessoas, considera que a resposta é positiva graças ao Metro do Porto. Assim sendo, 129 pessoas (85,4% dos inquiridos), consideram que “sim”, ou seja, que os transportes públicos estão de acordo com as necessidades das pessoas, enquanto as restantes 22 pessoas (14,6%) dos inquiridos referem que os transportes públicos ainda não vão ao encontro a todas as necessidades da Comunidade Local.



**Ilustração 24: Imagem dos Transportes para a Comunidade Local**

Chegado à questão se existe animação de rua suficiente para a Comunidade Local, as respostas dividiram-se, sendo que 82 pessoas (54,3%), responderam afirmativamente, ao passo que 69 pessoas (45,7%), responderam negativamente. Destas pessoas que responderam negativamente consideram que os eventos são muito pontuais e apenas em alguns pontos da cidade.

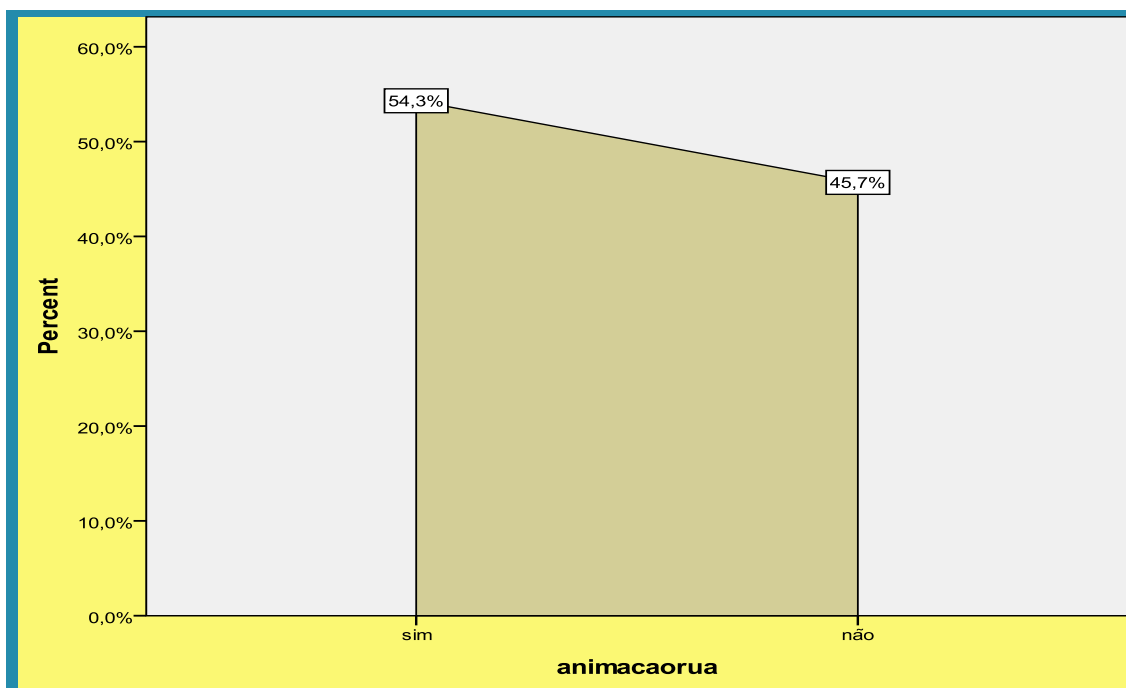
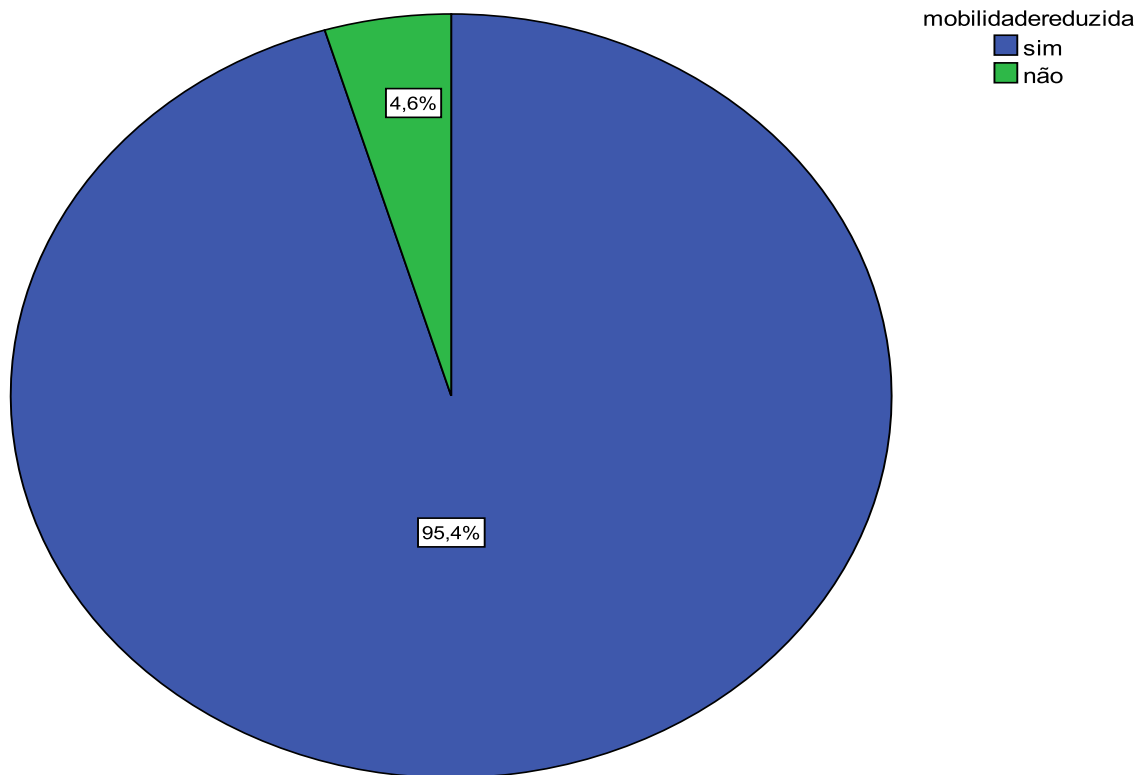


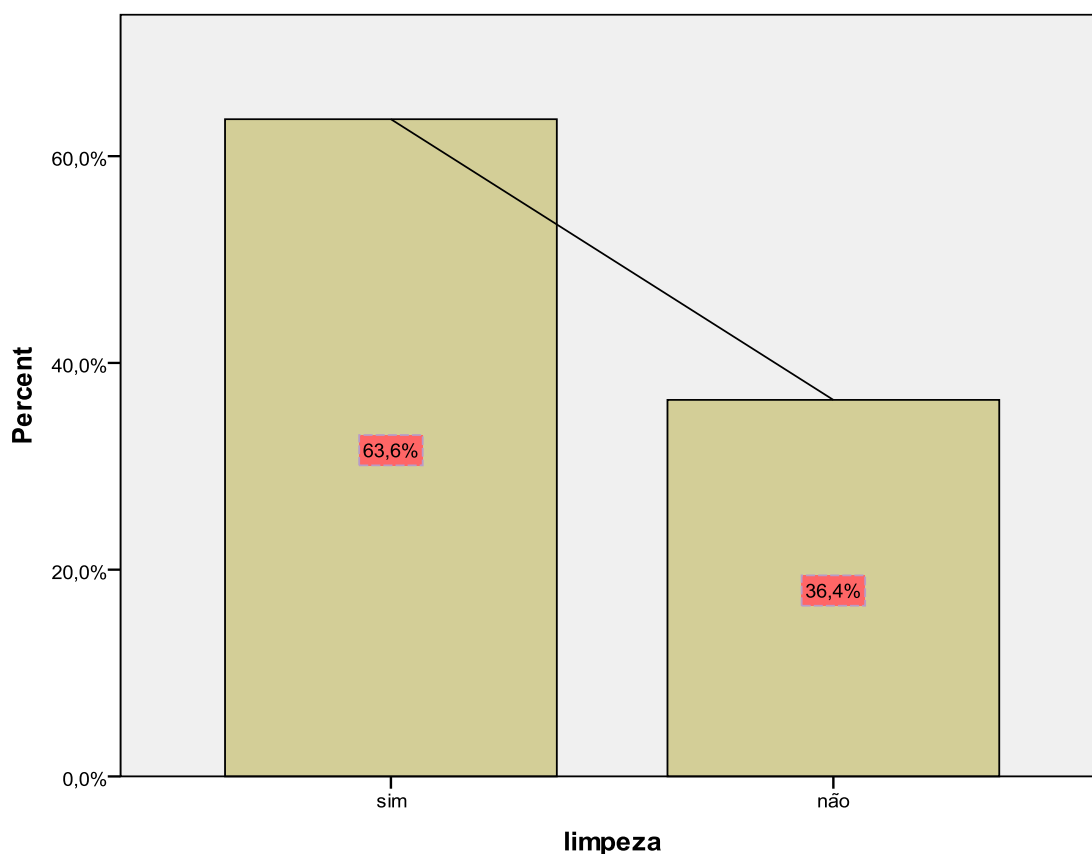
Ilustração 25: Imagem da Animação de Rua no Porto

A próxima questão foi a que deixou menos dúvidas entre todos os inquiridos. A questão abordava se os acessos para as pessoas com mobilidade reduzida se são ainda muito insuficientes/reduzidos, na cidade do Porto, e aqui as respostas foram bastante claras. 144 pessoas (95,4%), das respostas foram afirmativas, enquanto que unicamente 7 respostas (4,6%) das pessoas consideram que os acessos para pessoas com mobilidade reduzida já são bons.



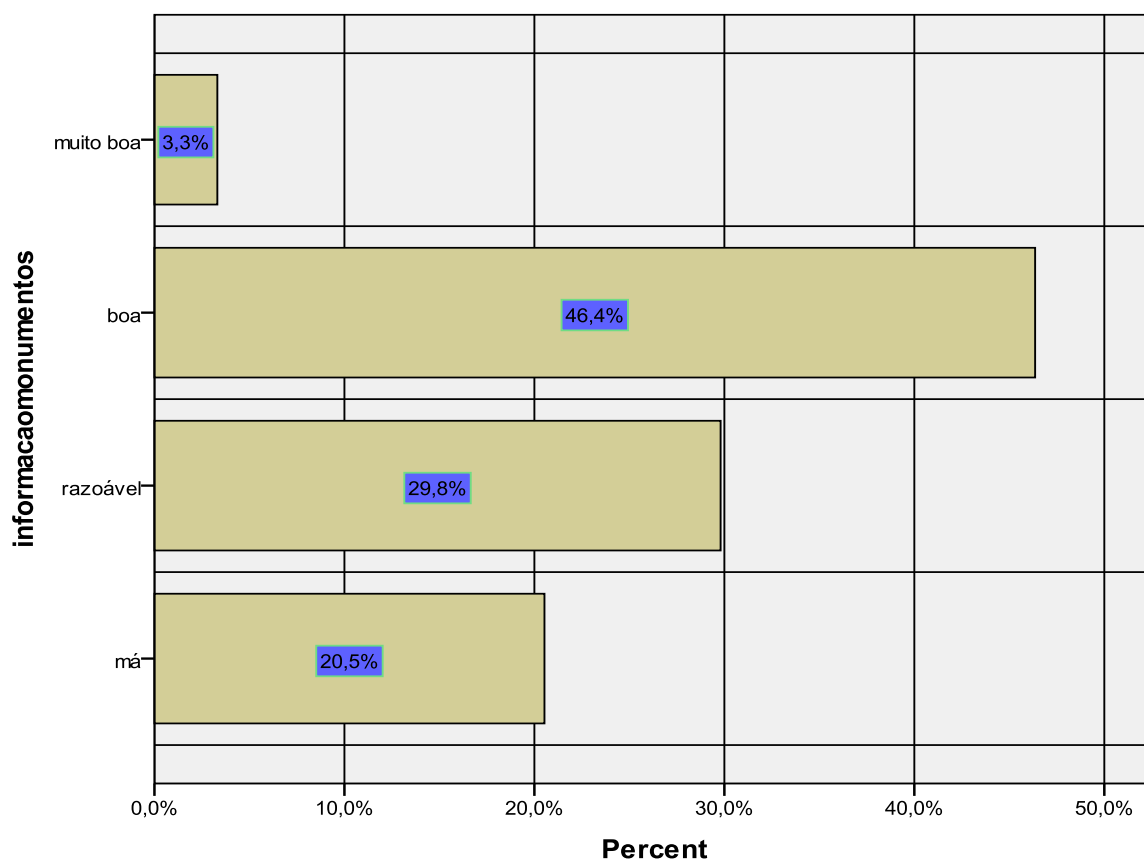
**Ilustração 26: Escassez dos Acessos para Pessoas com Mobilidade Reduzida**

Relativamente à questão da limpeza das ruas no Centro Histórico, embora muitas pessoas tenham uma opinião dividida, a maior parte das mesmas, considera que as ruas do Centro Histórico do Porto já são muito limpas, dizendo também, que este foi um dos aspectos que mais melhoraram na cidade nos últimos anos. Assim sendo, 96 dos inquiridos (63,6%), consideram a cidade do Porto como uma cidade limpa. Ao invés 55 pessoas (36,4%) dos inquiridos consideram a cidade do Porto suja. O motivo principal para esta resposta é que a culpa é da própria Comunidade Local, pela sua falta de civismo, principalmente, depois de fecharem os estabelecimentos de animação nocturna. No entanto, outra das respostas mais frequente, é considerarem que esta limpeza é mal distribuída, sendo apenas realizada em alguns pontos fundamentais da cidade.



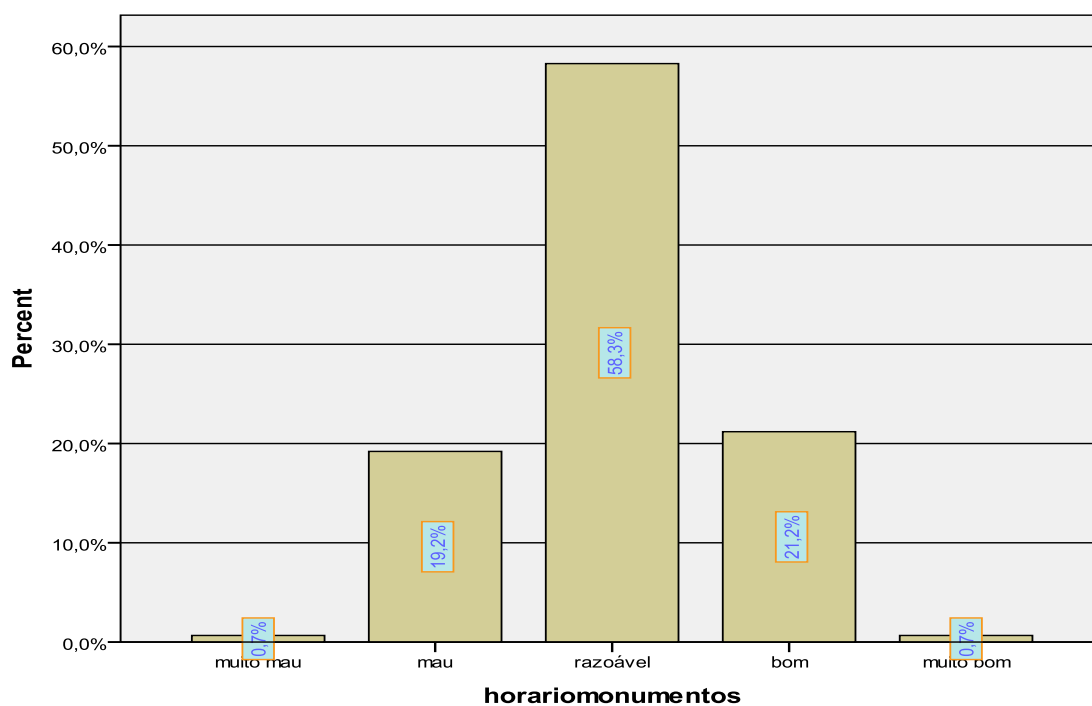
**Ilustração 27: Estado de Limpeza na Cidade do Porto**

Na última fase deste inquérito, foi questionado à Comunidade Local, qual a sua opinião sobre o horário de funcionamento dos museus e monumentos da cidade do Porto, e a informação relativa a estes mesmos monumentos e as placas de localização dos mesmos, sendo que nestes dois pontos, as respostas dividiram-se. Assim, no que diz respeito à informação dos monumentos e as placas de localização dos mesmos, as opiniões foram as seguintes: 31 pessoas (20,5%), consideram a informação dos monumentos como “Má”; 45 pessoas (29,8%), consideram esta informação como “Razoável”; sendo que do lado mais positivo, 70 pessoas (46,4%), consideram a informação como “Boa”; enquanto que 5 dos inquiridos (3,3%), consideram a informação como “Muito Boa”.

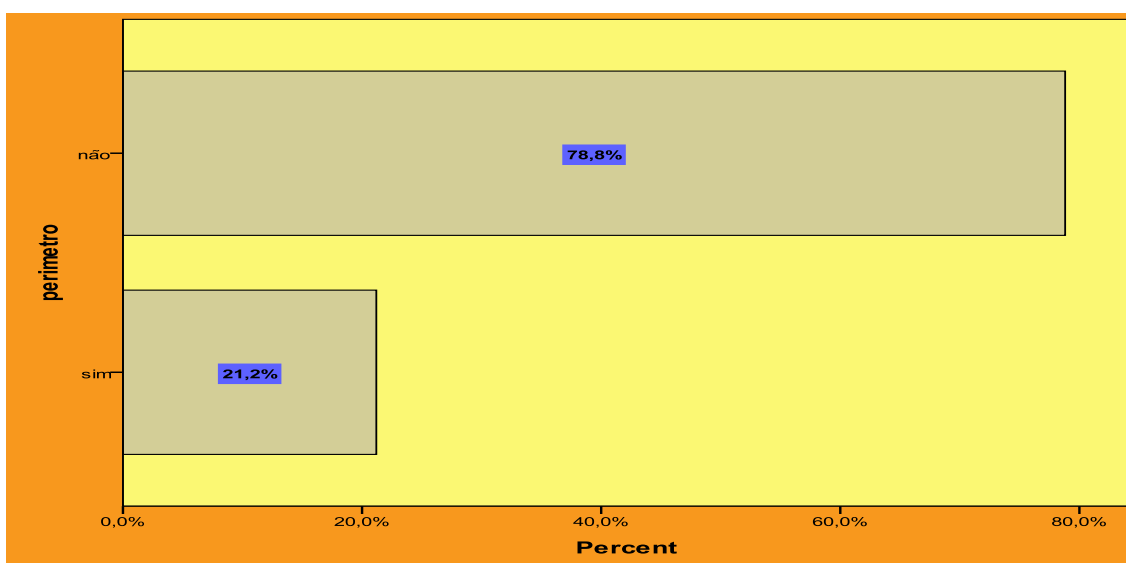


**Ilustração 28: Avaliação da Informação sobre os Monumentos no Centro Histórico do Porto**

Por outro lado, no que concerne ao horário dos monumentos, podemos considerar que as opiniões foram um pouco mais negativas. Senão vejamos os resultados: 1 pessoa (0,7%), considerou o horário dos monumentos como “Muito Mau”; 29 pessoas (19,2% dos inquiridos), considera o horário dos monumentos como “Mau”; a maior “fatia” dos inquiridos, considera o horário dos monumentos como “razoável” (88 pessoas – 58,3% ); enquanto que 32 pessoas (21,2% dos inquiridos), consideram o horário como “Bom”; por fim, apenas 1 pessoa (0,7%), considera este horário como “Muito Bom”. A justificação para as respostas “Muito Mau”, “Mau” e “Razoável”, que somadas, perfazem um total de 78,1%, é sobretudo que o horário devia ser mais alargado, sobretudo para um local classificado como Património Mundial da Humanidade.



**Ilustração 29: Avaliação do Horário dos Monumentos no Centro Histórico do Porto**



**Ilustração 30: Conhecimento da Comunidade Local do Perímetro da Área Classificada**

Por fim, a última pergunta, questionava os inquiridos se tinham conhecimento de qual o perímetro ou a zona que se encontra classificada como Património Mundial pela UNESCO, e aqui as respostas foram bastante negativas. Apenas 32 pessoas (21,2% dos inquiridos), diziam que tinham conhecimento de qual era a área classificada, algo que depois não se verificou, quando se questionou, então qual seria a área, pois dessas 32 pessoas, 20 pessoas, falaram apenas da área do Porto, não falando da área classificada do lado de Vila Nova de Gaia. Por outro lado, 119 dos inquiridos (78,8%), reconheceu desde o início que não tinha nenhum conhecimento da área que se encontra classificada



pela UNESCO. O resultado a esta resposta demonstra que a própria Comunidade Local, não sabe qual a área classificada. Nós consideramos que este desconhecimento deve-se em grande parte à falta de placas sinalizadoras da zona classificada, assim como a falta de divulgação para a Comunidade Local, de que vivem numa zona classificada, e formar as pessoas para a relevância deste assunto.

Os resultados apresentados neste ponto são bastante distintos dos verificados nas entrevistas do próximo ponto deste trabalho. Esta discrepância de opiniões entre a Comunidade Local e as Associações do Porto demonstra que a comunicação entre as partes envolvidas não é a melhor.

No entanto, há que referir que do lado da Comunidade Local, muitas vezes, também não há iniciativa de aproximação às associações. Embora existam muitas em que as promessas apresentadas pelas Associações à Comunidade Local falharam, não implica necessariamente que aconteça a mesma situação nas Associações criadas recentemente. Assim, é imperativo que exista iniciativas de reaproximação destes dois denominadores, para um Porto mais forte e coeso.

## **14. Opinião Pessoal dos Entrevistados pelas Associações**

Neste grupo pretende-se saber uma opinião mais pessoal dos entrevistados, tentando com que as pessoas entrevistadas, nesta última fase de questionário, “coloquem para trás”, a associação que representam e dessem uma resposta de cariz pessoal. (Consultar Apêndice 4, página 89)

### **14.1 Pontos Fortes e Fracos da Cidade do Porto**

Assim, a Dra. Liliana Pinto, considera que a Reabilitação Urbana, e a Desertificação, os problemas mais graves da cidade do Porto. Como ameaças, considera o estado de conservação dos edifícios, o território envelhecido (embora refira que seja um problema europeu), a riqueza cultural e arquitectónica, mas sobretudo o património humano são as grandes ameaças na sua opinião. Por fim, quanto às oportunidades, a classificação da cidade como Património Mundial, o Turismo, e as indústrias criativas, são as grandes apostas.

O Arq. Pedro Guimarães, refere como pontos fortes, que o Porto “está vendido por natureza”, e que o seu património histórico e cultural e o Rio Douro, também classificado como Património Mundial, é algo importantíssimo. Relativamente às oportunidades, é necessário buscar *know-how*, massa cinzenta, que é possível através das imensas indústrias criativas existentes na região. Quanto às ameaças, faz-se alusão à

perda de habitantes que a cidade do Porto teve nestes últimos anos e ao excesso de fogos existentes nas periferias, que insiste, têm que ser em parte demolidos.

O Eng. Vladimiro Feliz, fala da autenticidade e grandiosidade da cidade do Porto como os pontos fortes do Porto, através de uma cidade que tem o rio e o mar, como perímetro, é algo de inigualável importância. Como pontos fracos, divulga que a tipologia do edificado existente no Centro Histórico e a nova lei do arrendamento urbano, que provocou o abandono do edificado do Centro Histórico do Porto. Como oportunidades, o Eng. Vladimiro Feliz, considera que o retorno do esforço de recuperação do património material e imaterial, será uma grande mais-valia no futuro próximo. Por fim, como pontos fracos, considera fazer “disparates”, estragando a cidade na sua génese, e a sua autenticidade, que é o que de melhor tem para oferecer.

Finalmente, o Dr. Braz Pereira indica que os pontos fortes são o tratamento do espaço público efectuado ao longo dos últimos anos e a mobilidade, graças ao Metro do Porto, que permitiu que as pessoas se movessem facilmente pela cidade e que pudessem convergir pelas grandes artérias da cidade, sem problemas de maior. Para além disso, refere que o Turismo e a capacidade de atracção dos negócios locais são outros dos pontos fortes que a cidade do Porto tem para oferecer a quem a visita.

Como oportunidades, considera, sobretudo, o comércio das grandes lojas de marcas mundiais, que na cidade do Porto estão em *shoppings* ao invés das outras cidades europeias. Na sua opinião as pessoas estão a ficar fartas deste tipo de estabelecimentos comerciais e as lojas das grandes marcas vão estar também no Centro da Cidade, o que é uma grande oportunidade, o turismo de compras.

Como pontos fracos, indica os mecanismos de propriedade no Centro Histórico, onde os inquilinos pagam rendas irrisórias, e onde os proprietários não fazem obras, estando os edifícios a degradar-se, sendo também este facto, uma ameaça no futuro para a cidade do Porto.

Desta análise, podemos verificar, claramente, que embora existam pontos de discórdia, temos claramente acordo, em avaliação de algumas matérias. Assim, podemos concordar que ao nível dos pontos fortes, a imagem e a promoção que a Cidade do Porto obtém junto dos mercados internacionais é sem dúvida, uma das formas de chamar muitos visitantes ao Porto. Consequentemente, ao nível dos pontos fracos, verifica-se também uma concordância entre os entrevistados. Os mecanismos de propriedade e a conservação dos edifícios do Centro Histórico do Porto, é um problema grave, que tem que ser resolvido, para manter o Porto atractivo para os visitantes.

## 14.2 Conhecimento da Comunidade Local da Área onde Vive

Nesta pergunta, questiona-se se as pessoas que vivem no Centro Histórico sabem que estão a residir numa área classificada como Património Mundial. Nesta questão, as respostas não foram tão distintas como em perguntas anteriores, mas no entanto, existem opiniões diversas.

Assim, a Dra. Liliana Pinto, faz alusão às pessoas, pois estas sabem que estão numa área classificada, mas não consideram a classificação como uma “mais-valia”. Por outro lado, o Arq. Pedro Guimarães diz que o “tripeiro” vive bem a sua terra, o seu bairro, onde existem pontos de confluência, onde as pessoas dão as suas opiniões, mas a classificação de Património Mundial não lhes interessa particularmente.

O Eng. Vladimiro Feliz chama a atenção que existe um grande sentimento de pretença e de cuidado, embora muitas vezes os comportamentos verificados não são os mais correctos e daí a Porto Lazer, ter o cuidado de trabalhar esses comportamentos.

Por fim, o Dr. Braz Pereira, alega que a população tem total conhecimento que se encontra numa área classificada, mas indica que a maneira como a população lida com essa classificação é que muitas vezes não é a melhor. Refere-se também que a mudança de gerações tem vindo a mudar os piores comportamentos, mas que as pessoas gostam de estar na zona classificada, quando possuem condições humanas para lá estar alojadas.

No entanto, há que realçar que os inquéritos realizados à Comunidade Local, provam precisamente o oposto, uma vez que apenas 19% da população, tinha conhecimento de estar numa Área Classificada. Estes resultados demonstram que as Associações do Centro Histórico não têm a percepção mais correcta da satisfação da Comunidade Local. Desta forma, seria bastante importante dar mais atenção a estas questões, que são nos dias de hoje, bastante pertinentes.

## 14.3 Alternativa ao Pagamento de Bilhetes pela Comunidade Local para os Monumentos da Área Classificada

Um dos grandes problemas para a população do centro histórico é ter que pagar para visitar os monumentos que fazem parte da sua freguesia, do seu habitat, e nesta questão, as respostas foram bastante diversas.

Assim, a Dra. Liliana Pinto indica que existem projectos e ideias promovidas pelas instituições sociais do Centro Histórico para modificar essa tendência, mas como estas estão dependentes do poder local, nem sempre é fácil. O Arq. Pedro Guimarães

adverte, embora a cultura seja essencial, é normal que tenha um custo. No entanto, deviam existir tarifas especiais, mas pessoas têm que ter preferências.

Por outro lado, o Eng. Vladimiro Feliz diz que a Porto Lazer, não é tanto responsável por esse tipo de questão, de envolver a comunidade local, uma vez que o que tentam fazer é quando actuam numa determinada área, dar condições a que todos os públicos possam desfrutar dessa situação. Por fim, o Dr. Braz Pereira, indica que existem muitos dias especiais em que a população do centro Histórico pode visitar gratuitamente os edifícios, mas admitindo, que não existem tarifas especiais ou entradas gratuitas para todo o ano, mas indicando também que nunca ouviu ninguém da comunidade local a queixar-se desse facto. No entanto, isto na nossa opinião não serve de qualquer tipo de desculpa para não resolver esta questão num futuro próximo.

Nesta temática, verifica-se um dos grandes problemas existentes no Centro Histórico do Porto. Os habitantes das 4 freguesias do Centro Histórico têm que pagar para visitar a maioria dos edifícios que estão localizados nesta zona. Se pensarmos nas Igrejas, locais de culto por excelência, não é de todo expectável, que a Comunidade Local, pague um bilhete diário para realizar as suas preces. Assim, nota-se claramente nesta matéria, que embora existam iniciativas pontuais, não passam mais do que isso. Consideramos este assunto, um dos mais importantes a resolver pela Autarquia.

#### **14.4 Afastamento do Centro Histórico pela Comunidade Local**

Esta pergunta aborda a questão mais referida pelos inquiridos, ou seja, o afastamento do Centro Histórico por parte da população local e a degradação do edificado. Nesta questão, tenta-se aferir se as juntas de freguesia, estão a tentar fazer algo em parceria com o poder local, (leia-se Câmaras Municipais), sendo que desta vez, as respostas foram bastante semelhantes.

Assim sendo, a Dra. Liliana Pinto, refere que as juntas de freguesia, por muito boa vontade que tenham, não podem fazer muita coisa, uma vez que todos os apoios se encontram bastante centralizados. O Arq. Pedro Guimarães revela que nas grandes cidades, as juntas de freguesia não têm grande peso, possuem um papel diminuto, que tem a ver com a lei, que atribui muitas poucas competências às juntas de freguesia. O Arq. Pedro Guimarães, refere ainda que quando junta de freguesia e Câmara Municipal, são do mesmo partido, as coisas vão acontecendo, caso contrário, as coisas não se verificam.

Por outro lado, o Eng. Vladimiro Feliz aborda a questão de uma outra forma, apresentando o que é que a sua associação pode fazer pelas juntas de freguesia,

sobretudo as pequenas iniciativas, uma vez que o poder das mesmas é quase nulo. Por fim, o Dr. Braz Pereira, indica que a Porto Vivo, tenta fazer da melhor maneira possível a organização do edificado, considerando o poder local como as Câmaras Municipais, e que esta, quando trabalha em cooperação com a Porto Vivo, as coisas conseguem-se fazer, lentamente, mas que se conseguem fazer.

Neste ponto, declara-se que o Poder Local, (entenda-se Juntas de Freguesia), não pode fazer muito para a atracção de novas pessoas para as suas freguesias. Para além disto, não é muito fácil, nos dias de hoje, devido às cortes orçamentais, criar incentivos para manter a Comunidade Local, que já permanece neste locais. Assim, uma vez que não existe autonomia por parte deste do Poder Local, as juntas de freguesia estão muito limitadas nas suas acções, estando dependentes da boa vontade e muitas vezes da união política entre Autarquias e Câmaras Municipais.

#### **14.5 Interdições ao Trânsito na Zona da Ribeira**

No que diz respeito à questão do trânsito na zona da Ribeira, as respostas foram consensuais, embora todos tenham dado uma opinião distinta em alguns pontos, o cerne da questão é igual para todos os entrevistados.

Assim sendo, a Dra. Liliana Pinto, considera que as cargas e descargas e as viaturas de emergência têm que ter acesso, ou seja, não impedir as rotinas diárias, impedindo apenas o livre-trânsito. Por outro lado, O Arq. Pedro Guimarães, acredita que mesmo os moradores têm que ter acesso de carro à zona da Ribeira, nem que seja por via subterrânea.

O Eng. Vladimiro Feliz, considera que a situação como está actualmente faz todo o sentido, uma vez que os moradores têm que de alguma forma “pagar para estar naquela zona tão fantástica...”, e que para se morar na Ribeira, o sacrifício do carro, tem que estar na ideia dos seus moradores. Por fim, o Dr. Braz Pereira refere que apenas os comerciantes e os veículos de emergência necessitam de ter acesso à Ribeira, e considera que as mudanças são inevitáveis, embora nos primeiros tempos possam gerar alguma controvérsia.

Como se pode analisar, aqui não existe qualquer tipo de discórdia entre os entrevistados. Embora existam ideias diferentes para que o pode e deve ser feito, a essência da questão, o corte do trânsito na Ribeira, é uma medida que foi bem implementada e que se deve alargar a outros pontos da Cidade do Porto.

## **14.6 Importância do Número de Visitantes para a Cidade do Porto**

Nesta questão, coloca-se aos entrevistados, que embora não sendo de entidades/associações de cariz turístico, se sabem da importância do número de visitantes que chegam à Cidade do Porto, e aqui as respostas não sendo concretas ao nível do números, são concretas na referência à sua importância.

Assim, a Dra. Liliana Pinto, indica que a base da *Rynnair* foi fundamental para a vinda de mais visitantes, mas também fala claramente, que estes são visitantes que não voltam, porque a cidade não oferece motivos para regressarem. Por outro lado, o Arq. Pedro Guimarães refere que para além do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, o terminal de passageiros de cruzeiros de Leixões, é uma realidade que destacará cada vez mais o papel turístico da cidade do Porto, mas alertando também que não podem existir “guerras”, entre as autarquias da Área Metropolitana do Porto, alertando para que as mesmas não existam, uma vez que prejudicam todos os intervenientes da Cidade, sendo necessário a estas instituições pensarem como um todo.

O Eng. Vladimiro Feliz, diz que o crescimento turístico da Cidade do Porto no ano transacto foi de quase 20% e indica que este é o caminho a seguir para a cidade ter uma função claramente turística, indicando que a base da *Rynnair* foi um claro impulsionador deste facto. Por fim, o Dr. Braz Pereira, reitera que não tem valores absolutos da cidade do Porto, mas que sabe, que as pessoas preferem claramente o Centro Histórico da Cidade, do que a Zona da Boavista ou Antas.

A obtenção de resultados absolutos sobre o número de visitantes que chegam à Cidade do Porto não é tarefa fácil, uma vez que existem tantas maneiras de chegar à Cidade, que nem as entidades competentes conseguem enviar um número exacto do número de pessoas que visitam o Porto. No entanto, nota-se claramente, que o responsável de cada uma das Associações, embora tenham a noção da tendência do aumento do número de visitantes e que o destino Porto, está em voga, não existe uma informação personalizada do ponto de vista turístico.

## **14.7 Obrigatoriedade com a UNESCO das Entidades da Câmara Municipal do Porto**

A última pergunta que consistia em saber qual a obrigatoriedade das entidades e da Câmara Municipal do Porto, para com a UNESCO foi dirigida apenas para as duas maiores entidades entrevistadas, a saber, a Porto Lazer e a Porto Vivo. Aqui, tanto um entrevistado, como o outro, decidiram, salientar desde logo, que não “eram os

responsáveis por essa parte”, embora o Eng. Vladimiro Feliz ainda tenha dado uma resposta, enquanto que o Dr. Braz Pereira, remeteu-nos esta questão para a pessoa especializada por essa área.

Desta forma, o Eng. Vladimiro Feliz referiu que acima de tudo, a obrigatoriedade da Câmara é conservar os requisitos essenciais, tendo cuidado com a construção e os processos de requalificação da cidade, aproveitando para fazer referência a que a cidade do Porto tem tido esses cuidados, ao contrário dos projectos de Vila Nova de Gaia, como o teleférico, que na sua opinião podem influenciar para uma decisão futura. Assim, o Eng. Vladimiro Feliz, fala sobretudo em conservação e requalificação baseado naquilo que existe, mas introduzindo, claramente, algumas soluções de modernidade.

Por outro lado, o Dr. Braz Pereira, referiu apenas que a entidade responsável delegou bastantes coisas à Porto Vivo. Seguidamente, a conversa passou para a Dra. Tânia, que nos explicou quais as obrigatoriedades com a UNESCO. Assim, é necessário sobretudo conhecer a legislação internacional, respeitando todas as convenções realizadas e ficar sempre actualizados. Nos últimos anos, foi pedido, um Plano de Gestão, que foi realizado pela Câmara Municipal em parceria com a Porto Vivo. Outro dos pontos que é necessário realizar, é um relatório de avaliação sobre a conservação a cada 6 anos e fazer uma promoção a todos os níveis, municipal, nacional e mundial. As avaliações não são anunciadas pela UNESCO, mas a Dra. Tânia refere que a UNESCO diz algo, à convenção nacional, quando alguma coisa não está bem e que confia nos relatórios efectuados.

Nesta temática, não existe qualquer tipo de dúvida que não há qualquer tipo de conhecimento por parte das Associações entrevistadas de quais as normas, os processos e as medidas a tomar para que o Centro Histórico do Porto mantenha a sua classificação. A Porto Lazer, indica sobretudo, que é necessário não fazer obras que prejudiquem a conservação do Património Histórico da Cidade, aproveitando para criticar, Vila Nova de Gaia, através da construção do teleférico, em zona que pertence à Área Classificada pela UNESCO como Património Mundial. Por outro lado, na Sociedade Porto Vivo, existe um departamento que trabalha unicamente com as questões ligadas à defesa do Património e das normas a ter para a conservação deste. De referir, que a UNESCO faz avaliações bastante longínquas, sendo que a sua maioria é informada anteriormente, às autoridades da Cidade. Para além disto, existe uma total confiança nos relatórios realizados pelas Autarquias e que são entregues à UNESCO.

## **15. Análise dos Monumentos na Área Classificada**

Neste ponto, analisar-se-á os monumentos da Área Classificada, sabendo em que estado de conservação se encontram, por forma a saber se a classificação está ou não em risco. No entanto, não se pode falar dos locais classificados e remodelados dentro da cidade do Porto, sem referir três acontecimentos que marcaram a remodelação da cidade. Assim sendo, por ordem cronológica, há que referir o CRUARB, (Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira/Barredo), tem um papel importantíssimo na candidatura e na classificação da Cidade do Porto como Património Mundial, devido à importância das suas intervenções. No virar de milénio, a nomeação da cidade do Porto como Capital Europeia da Cultura 2001, foi também um aspecto muito importante para a “vida” da Cidade, permitindo uma série de actividades culturais, mas também a requalificação urbana. Por fim, em 2008, surge o Plano de Gestão da Cidade do Porto, criado pela Sociedade Porto Vivo, que estabelece uma série de eixos prioritários para o Porto.

### **15.1 Filosofia de Gestão dos Sítios Classificados**

Primeiramente iremos abordar a problemática da gestão dos edifícios do Centro Histórico, ou seja, como é que a Cidade do Porto “trabalha”, relativamente à sua filosofia de gestão dos sítios. Este ponto, é um dos mais importantes, uma vez que a filosofia de gestão é um dos pontos mais difíceis em termos de gestão de um sítio classificado como Património da Humanidade.

Deste modo, vamos classificar a área em estudo segundo as várias definições da Convenção do Património Mundial sobre Monumentos, Grupos de Edifícios, e Sítios. Desta forma, o Centro Histórico do Porto é uma área que resulta de uma conjugação de vários ambientes, estruturas, pessoas, mas sobretudo de valores históricos e monumentais. Assim, podemos dizer que um dos grandes aspectos diferenciadores e de imagem de marca da cidade do Porto Património Mundial são para além do rio Douro, todo o perímetro da Muralha Fernandina, que tem que ser valorizada.

No que diz respeito às políticas de conservação do sítio, as mesmas devem ser bem planeadas e estruturadas, procurando sempre realizar estudos acerca do tema em questão. Dentro destes impactos, a massificação de uma área classificada, é um dos aspectos a ter em maior linha de consideração, para respeitar a capacidade de carga de um sítio. Os estudos realizados sobre este tema têm vindo a melhorar ao longo dos tempos, pois como refere a Dra. Liliana Pinto, a maior parte dos visitantes, chega agora



de avião, graças às companhias aéreas de baixo custo, o que permite uma análise dos dados muito mais rigorosa.

Relativamente ao uso da Cidade, segundo as regras da ICOMOS, deve ser sempre tomada em consideração a preservação da malha urbana, para que esta seja preservada. Surge então aqui a questão do comércio tradicional, das empresas criativas, que são muito favoráveis para o desenvolvimento económico da cidade, mas que com um desenvolvimento comercial desmesurado pode fazer com que o local fique com mais pontos negativos. Desta forma, o uso deve ser sempre pacífico para o sítio e para os seus monumentos, devendo respeitar ao máximo o simbolismo dos mesmos. A área Património Mundial não respeita muitas vezes esta filosofia de gestão dos sítios, uma vez que não usa uma política de uso dos mesmos, correcta (ou até mesmo inexistente, como acontece, por exemplo, no Palácio de S. João Novo) uma vez que parte dos edifícios do Centro Histórico do Porto se encontram degradados por dentro, sem condições de serem visitáveis.

Outro dos aspectos mais marcantes desta filosofia de gestão dos sítios diz respeito à relação com a Comunidade Local. Neste ponto, ainda muito tem que ser realizado, pois, segundo a Dra. Liliana Pinto, o “património humano ainda não existe, ou seja, a riqueza histórica e cultural da cidade é muito fraca.”

No que diz respeito à Capacidade de Carga dos locais e o acesso aos mesmos, não é realizado a contagem das pessoas que visitam determinado edifício da área Património Mundial, (excepto na Casa do Infante), não se efectua qualquer tipo de contagem das pessoas que entram no edifício, nem se analisa o motivo da visita, pelo que os responsáveis do edifício não sabem se este está preparado para receber um determinado número de visitantes, porque também não sabem quantas pessoas recebem nos locais.

No que diz respeito à acessibilidade, para que o Centro Histórico de Porto seja valorizado pelos visitantes, é prioritário que os visitantes tenham condições atractivas para se deslocarem até este e que a cidade seja de fácil circulação, para os visitantes se deslocarem da melhor forma pela cidade.

O Porto beneficia de um dos melhores aeroportos da Europa, o Aeroporto Francisco Sá Carneiro. Este, com o seu elevado volume de passageiros, é também um óptimo local para colocar informações sobre os monumentos a visitar e o seu Centro Histórico e algumas imagens, mas não vão ser estas que vão cativar os visitantes, uma vez que já estão no Porto, mas fazer com que estes saibam quais as melhores formas e

meios de transporte para visitar o Porto. Assim, podemos considerar a Cidade do Porto bastante acessível, uma vez que possui transportes públicos de grande conforto.

Em relação à segurança, muitos dos locais da área Património Mundial (sobretudo a zona da Sé), ainda são muito perigosas a partir de determinada hora da noite, sobretudo devido às drogas e à prostituição, afastando muitos turistas, que preferem ficar nas unidades de alojamento, em vez de sair para conhecer o ambiente nocturno da cidade. No entanto, durante as horas de expediente e factos do seu conhecimento, a Dra. Beatriz Lopes, da Sociedade Porto Vivo, refere que existem poucos furtos “de relevância”, mas que de noite e certas áreas continuam a ser muito inseguras, considerando que é um dos grandes *handicaps* da Cidade do Porto.

Por fim, no que concerne aos serviços prestados ao turista, muitos dos locais Património Mundial possuem seguranças a acolhê-lo na recepção, que não têm qualificações para informar o visitante sobre o edifício, dando exclusivamente as informações mais básicas, e inclusivamente “proibir” as visitas ao monumento se já se encontrar próximo (cerca de uma hora) do fecho do edifício. Por outro lado, existem também outros onde a informação dada é muito escassa e apenas uma pequena parte dos edifícios do Centro Histórico possuem recursos humanos especializados para prestar uma informação de qualidade. Em relação aos restantes serviços, a nível da oferta hoteleira, esta é “muito abundante e diversificada”<sup>8</sup>, com a construção de novas unidades nos últimos anos, como o Hotel Intercontinental no antigo Palácio das Cardosas, ou o Hotel da Ribeira que são duas novas unidades hoteleiras de grande relevância.

Esta análise permite desenvolver uma série de medidas que achamos pertinentes para uma evolução da Cidade do Porto, de forma a que os visitantes saiam ainda mais desejosos de voltar, assim como a Comunidade Local se sintam bem no seu espaço habitacional. Desta forma, consideramos que a Segurança, é sem dúvida a questão que deve ser resolvida mais rapidamente, pois é um dos grandes factos repulsivos da Cidade do Porto, em determinados locais do Centro Histórico, a partir das horas nocturnas. Outro dos pontos mais graves, é a falta de formação dos recursos humanos que se encontram a dar informações em pontos de interesse da Cidade do Porto. Estes pontos, encontram-se referidos nos mapas que são entregues a qualquer pessoa que pede informação nos vários postos de turismo da Cidade. Assim, sendo considerado um ponto de interesse, onde os visitantes poderão dispendir tempo da sua viagem, para

---

<sup>8</sup> Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto. Oferta Turística. Alojamento Pg: 129

serem recebidos por pessoas sem qualquer tipo de formação, consideramos um caso bastante sério, que é imperioso que seja resolvido.

Por outro lado, a degradação de edifícios do Centro Histórico, como o caso da Torre dos Clérigos, o *ex-libris* da Cidade, é um caso de extrema gravidade, que urge ser resolvido, de forma permanente e não temporária, como já aconteceu, devido a pequenas correcções particulares. Os outros monumentos do Centro Histórico, que já não têm qualquer tipo de interesse, pelo seu real abandono, achamos que seria mais benéfico, retirar esse ponto de interesse, para os visitantes não ficarem desiludidos.

Como pontos positivos, da nossa avaliação, pensamos que a oferta hoteleira existente na Cidade, que é muito boa para qualquer um dos mercados que visitam o Porto, é um ponto extremamente positivos, assim como as acessibilidades e os transportes que existem na Cidade, ou seja as formas de chegar e se movimentar no Porto são sem sombra de dúvida bastante positivos, sendo sem sobre de dúvida, um factor de avaliação bastante positiva da nossa parte, acreditando, ser um dos factores de diferenciação para uma vista à Cidade do Porto.

## **15.2 Influência dos Recursos Humanos e da Comunidade Local**

### **Imagem e Marketing**

Embora as orientações da ICOMOS realcem a importância para a forma de promoção dos sítios classificados como Património da Humanidade, não existe um plano de Marketing e de Promoção para o Centro Histórico do Porto que esteja estabelecido única e exclusivamente para a área classificada como Património Mundial. A promoção do Centro Histórico é realizada por toda a zona de Turismo do Porto, em especial pela Região de Turismo do Porto e Norte de Portugal. Desta forma, verifica-se que as entidades responsáveis não criam uma “imagem de marca” que cativa os visitantes, relativamente a esta classificação. Tomando como exemplo o site da Câmara Municipal do Porto e a parte vocacionada para o turismo, a primeira imagem para o visitante, sendo naturalmente aquela que “fica”, é a do Rio Douro, os barcos rabelo, não fazendo qualquer referência, na imagem, à classificação de Património Mundial, como deveria ser feito.

Em relação ao Marketing, a área Património Mundial não se promove da melhor forma, dando uma imagem que não existe “gosto” em fazer parte desta comunidade tão restrita, de tal forma que por exemplo, as placas informativas a revelar que o visitante está a entrar na área Património Mundial eram extremamente escassas, (3), até ao início

de 2012. Algo que está a ser modificado ao longo deste ano. Segundo Beatriz Lopes, responsável da Sociedade Porto Vivo, o visitante não sabe quando está ou não em área Património Mundial, e dá a ideia que a Cidade também não tem muito prazer em mostrar que faz parte desta lista. Para além disto, a maior parte dos visitantes possuem uma imagem claramente negativa, apelidando ainda muitos deles, o Porto como uma “cidade cinzenta”, uma vez que actualmente, segundo dados do Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto “32% do edificado encontra-se em mau estado de conservação e 4% em ruína. Se a este número, juntarmos os 649 edifícios em estado médio de conservação, conclui-se que existem 1302 edifícios a necessitar de uma intervenção de reabilitação e conservação.” (Câmara Municipal do Porto, 2010: 144) Também a Dra. Beatriz Lopes reforça essa ideia, dizendo que embora muita coisa tem sido feito em relação à imagem do Porto, através da reabilitação do edificado, a degradação do mesmo, juntamente com a segurança e a limpeza urbana, são as pechas da área Património Mundial.

No que concerne aos eventos associados ao Centro Histórico, com o passar dos anos, começam a existir uma série de iniciativas na Cidade que promovem não só a vinda de visitantes, mas também beneficiam a Comunidade Local, como são o caso recente da iniciativa Porto 2.0, ou o “Mexe-te na Baixa”, ou o Dia Nacional dos Centros Históricos, (dia 27 de Março). Estas iniciativas que a Cidade do Porto realiza para os visitantes, como visitas guiadas ao Centro Histórico, passeios de barco e viagens de balão, são possíveis mediante a marcação até ao dia anterior num dos postos de turismo da Cidade. No entanto, a maior festa do Porto, o tradicional S. João, embora não esteja implicitamente ligado aos Centros Históricos, é também um grande cartão de visita da Cidade, quer para visitantes ou para a Comunidade Local e que se realiza na área Património da Humanidade, uma vez que é uma festa “de rua”.

Desta forma, confirmamos que a imagem que o Porto transmite por ser uma Área Classificada, ainda não é a mais correcta, embora começam a existir bastantes iniciativas que mostram que esta tendência está a ser alterada ao longo dos tempos. Assim, no último semestre de 2012, o Porto foi novamente “inundado” de placas informativas, em toda a zona classificada como Património Mundial, o que mostra que era uma das preocupações das entidades competentes e que ao fim de algum tempo, foi corrigido. Relativamente ao site institucional, de promoção do Porto, embora tenha também sido remodelado, estando muito mais atractivo, ainda não existe qualquer tipo de referência, ou destaque na página inicial para a Classificação da Cidade, o que para

nós é preocupante, uma vez que esta designação é claramente um factor de aproximação dos visitantes a uma determinada Cidade.

### **15.3 Importância dos Visitantes**

Agora, iremos analisar a importância que os visitantes que visitam a cidade do Porto têm na área classificada. As informações analisadas e divulgadas permitem a criação de um perfil do turista da Cidade do Porto, sendo assim possível às entidades locais fazerem uma maior avaliação dos pontos a melhorar e a manter para aumentar o grau de satisfação dos visitantes e para ter cada vez mais habitantes.

Assim, para não usar unicamente o questionário que foi realizado neste trabalho a 150 pessoas da Comunidade Local e as 4 entrevistas a entidades da Cidade do Porto, decidiu-se analisar um estudo elaborado em 2008 pela Câmara Municipal do Porto, relativamente aos visitantes. Neste estudo, foram realizados 302 questionários nos postos de Turismo da Câmara Municipal do Porto, sendo estes, o posto da Sé e o da Câmara. A informação que foi obtida através do número de questionários acima referidos, é sem dúvida bastante diminuta, uma vez que a amostra não é suficiente, mas de qualquer forma, permite analisar algumas das características capitais do turismo na Cidade, bem como aspectos menos positivos referenciados pelos visitantes. Desta forma, o principal motivo de visita à cidade do Porto é sem dúvida as férias/lazer (93%), sendo que 95% dos visitantes organizam a viagem por conta própria, e destes, 23% pela Internet. Em relação ao alojamento pretendido, a maioria reserva o seu alojamento pessoalmente, através da Internet (28%), chegando à cidade (24%), ou telefonicamente (15%). No que concerne ao tipo de alojamento, pernoita apenas de uma a três noites (65%).

No que diz respeito ao que os visitantes mais gostam na cidade, destacam-se a Arquitectura, os Monumentos e Museus, a Hospitalidade, o Vinho e a Gastronomia, e por fim, o Ambiente e a Paisagem. Em relação às actividades realizadas, a grande maioria visitou as caves do Vinho do Porto (78%), mas também o conhecimento do Património e da Arquitectura (58%), assim como os Museus (45%), o que demonstra que as actividades relacionadas com o Centro Histórico classificadas são de grande importância para os visitantes. (Câmara Municipal do Porto, 2010: 155).

Assim, embora deste estudo não se possa realizar grandes conclusões, em virtude de não sabermos a validação da amostra, achamos que a informação resultante do mesmo é pertinente para termos uma melhor percepção da avaliação dos visitantes.

## **15.4 Acessibilidade aos Sítios Classificados**

Em relação à acessibilidade dos visitantes aos sítios classificados é necessário que estes tenham condições atractivas para que os visitantes se desloquem e que a cidade seja acessível, para que os visitantes se desloquem da melhor forma possível.

Relativamente aos visitantes com mobilidade reduzida, apreciam uma visita em que seja fácil passar de uns locais para os outros, sem que o tempo que se perde seja muito. No entanto, a acessibilidade para as pessoas com mobilidade reduzida em certos edifícios é praticamente nula, fazendo com que muitos turistas acabem por não visitar o lugar. Segundo Beatriz Lopes, cria um forte impacto visual a implementação de uma rampa de acesso para pessoas com mobilidade reduzida junto à entrada da Sé, por exemplo. No entanto, mesmo criando este tal “impacto visual”, existem outras soluções, porque neste caso específico, existe a possibilidade de criar entradas na porta lateral não prejudicando a beleza do monumento. No entanto, não só na Sé é que existem os problemas para as pessoas com mobilidade reduzida, mas em toda a zona Património da Humanidade. Ao transitar pelas ruas do Centro Histórico percebe-se que para além das rampas, não existem passeadeiras em locais que o passeio acaba, não existe tempo em certos semáforos para as pessoas com mobilidade reduzida atravessarem determinada rua, ou mesmo os passeios, que por sua vez, possuem bastantes buracos. Outro dos problemas é o estacionamento de carros nos passeios, que fazem com que as pessoas, por exemplo em cadeira de rodas, não possam efectuar o seu percurso. Para as pessoas invisuais, começam agora a surgir os semáforos que possuem som para que estas pessoas saibam quando podem atravessar a rua, no entanto, os monumentos e sítios, não possuem qualquer placa interpretativa em Braille. Para além disto, quando estes entram no monumento, também não existe qualquer tipo de informação. Desta forma e apenas em alguns monumentos é que existem guias especializados para este tipo de situações.

Este é um dos factores mais repulsivos da Cidade do Porto. Estes visitantes, sentem também a necessidade de visitarem locais, sendo este um dos nichos de mercado com cada vez mais procura por parte dos visitantes. Assim, é imperial que as autoridades competentes façam muito mais por estas pessoas, para que dentro das suas limitações possam sentir e conhecer a Cidade.

## **15.5 Serviços para o Visitante e para a Comunidade Local**

A Cidade do Porto possui todo o tipo de edifícios, alguns construídos há muitos anos e que são nos dias de hoje uma referência no Porto. Estes permitem que o visitante

possa usufruir da história e monumentalidade dos mesmos. Desde os hotéis, às lojas de comércio tradicional, ou até mesmo os cafés mais emblemáticos da Cidade, criam uma atmosfera interessante e de distinção. Para além destes, existem os monumentos históricos, que vamos em seguida abordar detalhadamente.

Existem duas leituras bastante distintas quando se quer abordar a utilidade dos edifícios para a Comunidade Local ou para os Visitantes. Os edifícios que não fazem parte dos monumentos ou sítios classificados têm uma série infindável de materiais e lembranças que cativam o visitante, levando este uma “imagem de marca” da Cidade. Em relação aos serviços disponíveis fora dos edifícios, acontece um pouco a mesma situação, uma vez que existem inúmeros serviços turísticos e de qualidade. Por outro lado, em relação às lojas de lembranças e aos serviços dentro dos edifícios, estes deixam um pouco a desejar. Assim, grande parte dos locais nem possui loja, apenas uns pequenos folhetos informativos que actualmente são pagos. Nos locais que possuem loja, as lembranças são bastante escassas, mostrando apenas fotografias do local (ex: Torre dos Clérigos), ou livros com alguma informação adicional sobre o local que foi visitado, mas muito dispendiosos. Por fim, em relação aos serviços prestados dentro dos monumentos, a maior parte destes não possui um bar, ou pelo menos uma máquina de Snack, e mais flagrante do que isso, alguns edifícios não possuem WC (ex: Torre dos Clérigos). Nas partes exteriores (fora dos monumentos), existem poucos WC públicos, e muitos deles são a pagar, o que traz algum “desconforto” a quem necessita.

Desta forma, consideramos que é necessário fazer muito mais, pois esta é uma das grandes deficiências dos edifícios da Cidade. A ausência de um WC, é uma questão gravíssima e que tem de ser rapidamente ultrapassada. Relativamente aos bares e *souvenirs* dos próprios monumentos, para além de ser algo bastante importante para os visitantes, seria também uma importante fonte de receita para os monumentos, algo que no dia de hoje seria ainda mais benéfico e atractivo.

### **15.6 Plano de Interpretação da Área Classificada**

Segundo a Carta Internacional para a Interpretação e Apresentação de Sítios Património Cultural da ICOMOS, a Carta Ename, a interpretação refere-se a “toda a gama de potenciais actividades destinadas a aumentar a consciência pública e melhorar a compreensão do património cultural”. (1990: 387) “Estas podem incluir publicações, apresentações públicas, programas educacionais, actividades comunitárias e investigação, formação e avaliação do processo de interpretação.” Segundo isto, e olhando especificamente para o caso do Porto, existem informações disponíveis em

várias línguas (Português, Espanhol, Francês, Alemão e Inglês), disponíveis nos postos de turismo. Para além das informações, o visitante também pode adquirir o Áudio-Guia, ou “descarregá-lo” na Internet, sem gastos para o utilizador. No entanto, dentro destes postos turísticos, os profissionais nas visitas realizadas não pareceram dos mais correctos, dando informação muito “vaga”, nem sequer abrindo o mapa fornecido, para dizer o que visitar. Excepção feita ao posto de Turismo dos Aliados (o único fora da zona classificada), onde a informação fornecida foi muito mais clarificadora e concreta.

O sítio oficial na internet do Turismo do Porto está bem concebido, uma vez que está bem estruturado por itens de interesse, contém imensa informação sobre o Centro Histórico, sugestões para efectuar a visita, assim como os eventos mais próximos, mostrando que este site é também direccionado para os visitantes. No entanto, está disponível em apenas 3 línguas (Português, Espanhol e Inglês). Para outras línguas, existe uma brochura em pdf, com as informações essenciais, sendo que esta encontra-se disponível em 7 línguas (Italiano, Holandês, Francês, Alemão, Russo, Japonês e Mandarim). Para além do *site* ter alguns pontos fracos, também a cidade tem muitas, em relação, por exemplo, aos mapas dos Centros Históricos. Embora haja actualmente muito informação actual e virtual, sobretudo nas estações de metro, pelas ruas, os mapas são muito escassos.

Por fim, este plano de interpretação não deve respeitar unicamente os edifícios históricos e os espaços, mas também todos os elementos intangíveis de expressão cultural como valores da cultura do povo. Assim, o fim do plano deve ser planejar/evitar as mudanças, na medida em que não é exequível o rompimento dos padrões tradicional e contemporâneo da Comunidade. Enquanto que não é viável manter a vida popular no tempo, é desejável facilitar as alterações, respeitando as escolhas realizadas pela população.

Assim, consideramos que é ao nível da Comunidade Local e dos padrões desta que deve existir maior consideração, por forma a não “adulterar” os padrões da Comunidade. A originalidade da Comunidade, é essencial, para os visitantes verifiquem que não existem valores artificiais da cultura portuense. Este é um dos factores, na nossa opinião mais importantes, uma vez que permitem aos visitantes obter experiências únicas sobre o povoado que visitaram.

### **15.7 Programas de Manutenção**

O programa de Manutenção é fundamental para o bom funcionamento de qualquer cidade classificada como Património Mundial. Assim, o programa de



manutenção tem como objectivo fundamental salvaguardar os recursos culturais de uma forma que previna qualquer perda de alguma parte deste. Deve-se avaliar todas as práticas e técnicas que devem ser realizadas, de forma a manter o local em ordem, sendo este um processo contínuo e não um produto. Neste tipo de programa, é fundamental a prevenção, que é a melhor forma de conservação. No entanto, dentro da área Património Mundial o programa de manutenção encontra-se numa fase muito embrionária, uma vez que aspectos como a documentação (aspecto essencial da manutenção de um sítio), assim como o registo dos procedimentos a realizar só actualmente é que começam a fazer parte do dicionário das entidades responsáveis. Um dos exemplos dessa manutenção é a vegetação existente no *ex-libris* da cidade, a Torre dos Clérigos.

Logo, propõe-se a criação de um Plano Estratégico, para a manutenção dos edifícios e monumentos, de todo o Centro Histórico, de forma a manter a cidade atractiva para a Comunidade Local e para os seus visitantes. Para além disto, a elaboração deste plano permitiria uma estruturação dos pontos fracos a combater muito mais estruturada e facilitada, beneficiando todos os agentes da Cidade.

## **16. Projecto de Reabilitação e Valorização Turística do Centro Histórico do Porto**

### **16.1 Características do Projecto**

Este foi um dos primeiros projectos que tentou verificar a ligação existente entre uma cidade classificada como Património Mundial e a sua valorização turística, por forma a atrair visitantes para a Cidade. No entanto, este projecto percebeu que seria necessário intervir, e por conseguinte, reabilitar os espaços do Centro Histórico do Porto, por forma, a que os visitantes não obtivessem uma má imagem do mesmo.

Para uma melhor explicação de todo este projecto citar-se-á, o estudo em questão, criado pelo Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo e a Câmara Municipal do Porto em Junho de 2000.

“Este projecto visa contribuir para aumentar as condições de visibilidade e de visitabilidade daqueles sítios, como é o caso do Centro Histórico do Porto. Visibilidade, através do esforço conjunto das diferentes instituições para dar nota do trabalho de conservação, recuperação, reabilitação e valorização que o projecto prevê e a cidade merece. Visitabilidade, entendida esta como intervenção que permite ao turista descobrir melhor o local, conhecer as memórias do sítio, dispor de equipamentos de

aprazimento e ter espaços de convívio com os portuenses. “ (Câmara Municipal do Porto 1994: 233).

“O Projecto Integrado do Porto na sua vertente de desenvolvimento turístico, pretende constituir-se como factor de consolidação de uma oferta turística, ímpar e como vector de dinamização económica de uma área cada dia mais procurada por visitantes preocupados não apenas com o ver que os rodeia, mas sobretudo carentes de experimentar uma atmosfera distinta e uma vivência única.” (SANTOS, 1999: 42)

Ou seja, este projecto permitiu o desenvolvimento turístico da Cidade, de uma forma sustentada, conseguindo não só obter resultados ao nível turístico, mas tendo como consequência directa, uma melhoria significativa da dinamização económica da Cidade.

O Instituto de Financiamento do Turismo desenvolveu uma linha de actuação que visava o apoio financeiro a projectos de investimento público, na Cidade do Porto com os seguintes objectivos: Favorecer o reforço de recursos endógenos que constituem factores diferenciadores da oferta turística; Optimizar a diversificação da oferta e dos equipamentos turísticos; e acentuar a complementaridade e cooperação entre entidades institucionais e privadas do sector turístico e outros. (*Op.Cit:* 43)

Este projecto, visava o desenvolvimento turístico da Cidade, sendo em parte conseguido. O Porto durante este virar de milénio, progrediu, tendo sido Capital Europeia da Cultura em 2001, acolheu também o Euro 2004, com dois estádios, o Red Bull Air Race, entre outros eventos de grande importância, que foram uma alavanca da Cidade a nível Internacional. Para além destes eventos, a oferta turística ao nível hoteleiro, saiu também bastante beneficiada, com a criação de inúmeras infra-estrutura capazes de responder às necessidades dos visitantes.

## **16.2 Importância Turística do Projecto**

Embora, a imagem própria do Porto, se faça também de outros elementos – a cidade universitária, receptora de congressos e incentivos, contemporânea e criativa – a verdade é que o Centro Histórico representa um valor único e irrepetível, que importa preservar, melhorar e promover.

Foi com esta linha de pensamento, que se insere o protocolo e acordo sobre o projecto de Reabilitação e Valorização Turística do Centro Histórico do Porto, assinados pelo Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo (ex fundo de Turismo), e pela Câmara Municipal do Porto, em 27 de Setembro de 1997.

“As acções aí incluídas contribuem significativamente para a realização deste ciclo de recuperação do Centro Histórico, tornando esta importante zona cada vez mais atractiva para os turistas e visitantes, para além de constituírem, naturalmente, uma forte aposta na melhoria do quadro da vida local.” (Câmara Municipal do Porto, 1999: 86) Ou seja, este projecto demonstra a importância que as acções possuem para a captação de visitantes e turistas, mas também para a melhoria da qualidade de vida da Comunidade Local.

No entanto, todo este investimento teve custos, embora estes tenham sido possivelmente ressarcidos pela vinda de muitos visitantes à Cidade do Porto, onde tendo uma zona agradável para permanecer, fez com que estes aumentassem o seu tempo de visita e o seu gasto médio diário. Ao nível da Comunidade Local, permitiu com que esta desfrutasse mais dos seus espaços, dos espaços da cidade, beneficiando todos os actores que intervêm na mesma. “Refira-se, por fim, que este Projecto representa um grande esforço financeiro público (600.000€ do Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 550.000€ da Câmara Municipal do Porto e 450.000€ do Programa Metropolis), mas também privado que se estima em 575.000€.” (*Op. Cit:* 87).

Este foi o primeiro projecto de real interesse para a reabilitação do Centro Histórico do Porto, permitindo a melhoria significativa dos edifícios devolutos e em risco de ruína. No entanto, não foi só esta iniciativa que a Câmara Municipal do Porto realizou, uma vez que no virar que milénio, surgiria a Sociedade de Reabilitação Urbana, Porto Vivo, que tem continuado o trabalho iniciado por este projecto, estando ainda em vigência, esta equipa de trabalho nos dias de hoje.

## 17. Conclusões

Um dos últimos projectos realizados na área classificada, depois da extinção do CRUARB, em Maio de 2003 foi o Projecto de Reabilitação Turística da Cidade do Porto. Depois deste, existe cerca de um ano de “paragem”, antes do nascimento da Sociedade Porto Vivo - SRU em Novembro de 2004, permitindo que fossem realizados novamente muitos projectos, não só ao nível turístico, mas sobretudo ao nível da reabilitação urbana, que é a principal razão de ser desta sociedade.

Com a realização deste trabalho, tentamos atingir o objectivo de dar resposta ao tema, ou seja, saber quais os problemas da Cidade do Porto. Assim, há que referir que ficou bem patente que a aplicação das normas estabelecidas pela UNESCO, ICOMOS e da Convenção de 1972 não estão a ser seguidas na totalidade, sendo este um dos graves problemas que a Cidade enfrenta. Desta forma, alguns dos aspectos mais graves que podemos enunciar, são a ausência de planos recomendados, como um plano de interpretação, ou uma análise dos visitantes com precisão, ou até mesmo um plano de marketing ou promoção, tão importante nos dias de hoje; falta ainda a implementação de um plano de manutenção ou a execução mais eficaz do actual plano de gestão, uma vez que muitos monumentos encontram-se com vegetação, grafities, ou até mesmo com lixo nas entradas.

No entanto, uma das questões mais marcantes e mais problemáticas da cidade, mas sobretudo da área classificada, é a degradação não só dos edifícios classificados, mas também dos edifícios particulares, que dão uma má imagem da cidade e um certo “desconforto” visual aos visitantes. Neste aspecto, há que salientar que desde 2008, tem sido visível (não só pelas notícias, mas também por observação pessoal), que muito tem sido feito pela autarquia e pela sociedade Porto Vivo - SRU, “renovando” a cidade, voltando a mostrar todo o potencial da mesma, e ajudando “indirectamente” a trazer mais visitantes para a Cidade do Porto.

O Centro Histórico do Porto é uma área muito grande, com um conjunto de edifícios com um enorme valor histórico e cultural, constituindo de tal forma algo muito particular, sendo então que no ano de 1996 logrou com a classificação de Património Mundial da Humanidade. Esta classificação obtida é uma “marca” de elevado interesse para a cidade e para a região, mas também, e em especial para o turismo, pois é uma classificação que atrai turistas e visitantes, sobretudo aqueles com especial interesse em destinos culturais.

Assim, diríamos que a Comunidade Local não é integrada da melhor forma pelas entidades competentes, levando a que a dinamização do Centro Histórico por parte do seu maior interveniente (população), seja repulsiva.

O bem-estar da Comunidade Local, através da limpeza das ruas, da animação nas mesmas e a remodelação dos edifícios habitacionais, permitirá a sua fixação na zona classificada, e por conseguinte, o Porto será mais autêntico e genuíno, permitindo, uma divulgação da cidade muito mais benéfica.

Há que realçar também que a comunicação e a promoção da Cidade do Porto é medíocre, especialmente a nível interno, ou seja, há que demonstrar e valorizar que a Comunidade Local se encontra numa Área Classificada e que, dessa forma, a população têm que sentir-se valorizada. A promoção externa, terá também que ser alterada, de forma a atingir mais segmentos de mercado.

Por outro lado, sendo o Porto considerado por muitos como uma cidade “cinzenta”, situações como a Limpeza Urbana, *Graffities*, e degradação do edificado são grandes problemas da cidade, que têm que ser resolvidos, para o bem-estar da Comunidade e dos visitantes.

O Porto, como Cidade classificada como Património Mundial, tem obrigatoriamente que ser também uma cidade “acessível” para as pessoas com mobilidade reduzida, grupo onde se inserem não só as pessoas em cadeira de rodas, mas também os idosos, grávidas, ou outro tipo de pessoas como dificuldades de locomoção.

Deste modo, a Área Classificada, ao nível das placas de sinalização de zona classificada, sofreu no último ano, alterações muito significativas, por forma aos visitantes e à própria Comunidade Local, terem conhecimento de onde se encontra. No entanto, as placas de sinalização para alguns dos monumentos emblemáticos da Cidade, não são a melhor escolha.

Por fim, iremos enumerar algumas recomendações que são conclusões da análise efectuada, mas sobretudo que se encontram consolidadas através dos questionários efectuados à Comunidade Local. Esta análise tenciona promover uma série de soluções que possam ser viáveis para possibilitar às entidades criar uma promoção credível para a Cidade e para a Comunidade Local, demonstrando que uma ligação cada vez mais profunda deste binómio será benéfica para ambas as partes e uma “alavanca” para um Porto mais atractivo para o visitante. Deste modo, permite aos turistas uma visita, agradável, obtendo, uma experiência marcante e para a Comunidade Local, desfrutando

da Cidade onde vivem, permanecem, criando condições ainda mais atractivas para as gerações vindouras.

Neste trabalho ficou ainda a faltar uma maior especificação em alguns pontos do tema, pelo que uma das hipóteses para um futuro trabalho, seria fazer propostas mais concretas de reabilitação e melhoria do Centro Histórico, do ponto de vista da sua interpretação e divulgação.

## 18.Recomendações

Embora não tenhamos ainda terminado esta tese, existe já uma série de recomendações que poderemos enumerar graças à análise que já foi realizada.

Assim, iremos enumerar de seguida algumas das recomendações:

A primeira sugestão é relativa à criação de facilidades, ou até mesmo veículos específicos para as pessoas com mobilidade reduzida poderem circular pelo centro da Cidade, mas também poderem visitar todos os monumentos da área classificada. Esta situação é cada vez mais importante, nos dias que correm.

Desta forma, este tipo de pessoas não devem ser vistas como um caso esporádico, mas sim como um grupo de grande importância, sendo um facto que realmente existe, uma vez que existe cerca de 50 milhões de pessoas com mobilidade reduzida na União Europeia.

Outro dos pontos importantes é a necessidade de mais locais de estacionamento, de preferência que não sejam pagos, ou então adoptando um sistema cada vez mais usual, de um preço máximo para um dia (por exemplo 3€ por 24 horas). Os únicos locais para estacionamento com alguma dimensão dentro da área classificada são quatro, numa área bastante grande. Assim, embora haja a criação de mais um subterrâneo, seria importante a criação de mais locais de estacionamento, por exemplo, nas ruas, mas não de forma desmesurada, para não descaracterizar a paisagem.

Outra das questões que é bastante pertinente são os sanitários. Em toda a Área Classificada, praticamente não existem e os poucos que existem são pagos. As alternativas possíveis dos visitantes são, ou usar os sanitários da estação de S. Bento, mas é pouco usual para os visitantes, uma vez que só os residentes (na grande maioria) sabe que eles existem, ou então depender da boa vontade dos proprietários de restaurantes e cafés, para que os deixem utilizar.

Em relação às placas interpretativas nos monumentos do Centro Histórico, estas têm claramente que ser reformuladas. Não faz qualquer sentido que estas possuam a imagem (fachada) do edifício, uma vez que o visitante se encontra em frente ao mesmo, e aproveitar esse espaço para colocar a informação em inglês na mesma proporção da que está na língua portuguesa, e também colocar os números que são fornecidos aos visitantes nos mapas da cidade, para que estes possam identificar o monumento (a sua designação e número correspondente nos mapas).

No que diz respeito aos Postos de Turismo, o seu horário de funcionamento deveria ser alargado no horário considerado de “Inverno”, uma vez que durante todos

este período (Setembro-Maio), e sobretudo nos meses a partir de Março, os dias são mais longos, existem mais visitantes na cidade e é lamentável o horário de fecho ser tão cedo. No que diz respeito às informações disponibilizadas, (mapas, guias, audioguias) necessitam de ser actualizadas, pois contêm informações erradas sobre horários de funcionamento de alguns edifícios, convidam a visitar edifícios que se encontram fechados para visita e mais difícil de explicar, referem na área classificada, um edifício que se encontra fechado desde 1992.

Outro dos aspectos muito negativos e que diminui a beleza dos edifícios é a falta de limpeza urbana em certos pontos da cidade. Sabemos que não é tarefa fácil, sobretudo os grafities, que é um acto de vandalismo que não pode ser controlado, mas em relação à limpeza urbana, deveria ser realizado muito mais, pelas autoridades competentes da Cidade do Porto.

Recomenda-se também a monitorização e manutenção dos edifícios e dos espaços públicos, para que estes estejam em boas condições de preservação e haja um processo de planeamento bem definido que, antecipe futuras necessidades de intervenção. Foram encontrados alguns casos em que existe vegetação e lixo nos edifícios, escadas degradadas e muito inseguras. Um bom exemplo da necessidade de intervenção urgente em alguns locais é o restauro do Palácio de S. João Novo, que para além da sua importância histórica e arquitectónica, está situada muito perto da Muralha Fernandina (Trecho do Caminho Novo), ou então a falta de manutenção do ex-libris da cidade, a Torre dos Clérigos, uma vez que o edifício não tem tido numa espécie de requalificação nos últimos anos, depois da polémica associada à última intervenção, mostrando ao visitante a degradação do local, e a criação de uma imagem (que depois acaba por se confirmar), de um edifício em clara decadência.

Outro dos aspectos a ter em linha de consideração e talvez um dos mais importantes na nossa análise, é a falta de placas informativas, para o visitante e o próprio residente saberem quando é que se encontra em área classificada como Património da Humanidade. É um problema muito grave e deve ser tratado urgentemente, criando um projecto que delimite toda a zona classificada, sabendo assim o visitante que está a entrar numa zona única.

Por outro lado, com vista a rentabilizar o precioso recurso turístico que é o Centro Histórico Património da Humanidade, as entidades locais deveriam apostar na criação de um plano de marketing e promoção da cidade, por forma a criar uma “imagem de marca” da cidade, atraindo assim, mais visitantes.



Por fim, e abordando o tema primordial desta tese, recomenda-se que as entidades locais, tenham uma especial atenção com a Comunidade Local da Cidade do Porto. Uma comunicação correcta com a Comunidade Local, permita que esta esteja envolvida activamente na Cidade, e conseqüentemente que a “promova” dentro da própria cidade, graças à hospitalidade que transmitem junto dos visitantes. Este tipo de “promoção interna”, permite que a dinamização do Centro Histórico por parte do seu maior interveniente (população), seja extremamente atractiva.

Em relação à promoção externa, embora esta já seja muito visível e atractiva dentro e fora de portas, sobretudo nos últimos anos, graças ao aumento de estabelecimentos hoteleiros de excelência, e de “hostels” de qualidade superior, ainda é necessário efectuar algumas alterações. Assim sendo, uma das sugestões que pretendemos efectuar, é a criação de uma espécie de “central de reservas”, referentes à cidade do Porto. Neste *site*, seria possível concentrar reservas de todas as facilidades existentes na cidade, nomeadamente hotéis, *rent-a-cars*, restaurantes, autocarros turísticos da cidade, metropolitano, entre outros. Este tipo de endereço electrónico permitiria um acesso muito mais rápido a toda a informação disponível na cidade do Porto, e especialmente na área classificada como Património Mundial. A promoção efectuada neste moldes só seria possível através da criação de uma rede, onde todos os estabelecimentos estejam interligados, beneficiando todos os seus actores, e conseqüentemente, trazendo mais visitantes à cidade do Porto. Sabendo que a actividade turística é um fenómeno sobretudo económico, tencionamos que estas recomendações beneficiem também a conjuntura económica da Cidade do Porto, e conseqüentemente da Região e do País.

## 19. Bibliografia

- ADDICT (acedido em 23-12-2011) Portugal Criativo Porto (2011) – Importância do Emprego e das Indústrias Criativas. Disponível em: <http://www.addict.pt/pt/portugal-criativo-porto/>;
- CABEÇAS, Conceição; D'ARA, Concha, (2001) “Porto Monumental e Artístico: Património da Humanidade” *Porto Editora*, pp.25-40;
- FEILDEN, Bernard M; JOKILEHTO, Jukka, 1998, “Management Guidelines for World Cultural Heritage Sites”, 2ª Ed., Roma, Ed. ICCROM;
- ICOMOS (1993), *Tourism at World Heritage Cultural Sites*; 2ª Ed., Madrid – WTO;
- ICOMOS (acedido em 16-01-2011), Historic Background, disponível em: [http://www.international.icomos.org/hist\\_eng.htm](http://www.international.icomos.org/hist_eng.htm);
- ICOMOS (acedido em 16-02-2011), International Charter For The Conservation And Restoration Of Monuments And Sites (The Venice Charter- 1964), disponível em: [http://www.international.icomos.org/charters/venice\\_e.htm](http://www.international.icomos.org/charters/venice_e.htm);
- ICOMOS (acedido em 11-01-2011), The Icomos Charter For The Interpretation And Presentation Of Cultural Heritage Sites, disponível em: [http://www.international.icomos.org/charters/interpretation\\_e.pdf](http://www.international.icomos.org/charters/interpretation_e.pdf);
- ICOMOS (acedido em 13-01-2011), The role of ICOMOS in the World Heritage Convention, disponível em: [http://www.international.icomos.org/world\\_heritage/icomoswh\\_eng.htm](http://www.international.icomos.org/world_heritage/icomoswh_eng.htm);
- IGESPAR (acedido em 26-12-2010) Enquadramento Legal, disponível em: <http://www.igespar.pt/pt/about/enquadramentolegal/>;
- IGESPAR (acedido em 27-12-2010) Porto: Imóveis Classificados e em Vias de Classificação do Centro Histórico, disponível em: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/georeferenciada/40/>;
- Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico. (2004) “Subsídios para a Caracterização Económica, Social e Urbanística das Freguesias da Zona Histórica do Porto”. *Porto Editora*, pp. 76-89;
- LACAZE, Jean Paul (1995) “O Ordenamento do território” Colecção Domínios, *Biblioteca Básica de Ciência e Cultura*, nº 55, pp. 65-75;
- LACAZE, Jean Paul (1995) “A cidade e o urbanismo” Colecção Flamminion, *Biblioteca Básica de Ciência e Cultura*, nº 62, pp. 35-56;

- LOZA, Rui Ramos (1995) “Porto – O Centro Histórico, na sua dimensão patrimonial, tem de ser entendido como um organismo vivo”, *Centros Históricos*, (n.º2 Ano I), pp. 24-31;
- LOZA, Rui Ramos (2004) “Cidade, Chuva Miudinha e Três Milénios de História”, *Revista Património e Turismo* (nº 2 vol. 1), pp. 41-46;
- Porto, Instituto de Apoio ao Turismo, Porto, Câmara Municipal (2000). *Projecto de Reabilitação e Valorização Turística do Centro Histórico do Porto*;
- Porto, Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, Porto, Câmara Municipal (2010). “Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto Património Mundial”. *Porto Vivo, SRU*;
- Porto Turismo, (acedido em 15-01-2012), Turismo, Página inicial, disponível em: [www.portoturismo.pt/index.php](http://www.portoturismo.pt/index.php);
- PRETIGZER e DIAS (1999) “Porto – Património Cultural da Humanidade – Espaços e Documentos Classificados pela UNESCO”, *Banco Português do Atlântico*, pp. 24-36;
- SLEZAKOVA Klara, CASTRO Dionísia, BEGONHA Arlindo, DELERUE-MATOS Cristina, ALVIM-FERRAZ Maria da Conceição, MORAIS Simone, PEREIRA Maria do Carmo (2011). “Air pollution from traffic emissions in Oporto, Portugal: Health and environmental implications.” *Microchemical Journal*, 2011. Pg. 51-59;
- SOUSA, Ana Rita, MAGALHÃES, Andreia Alves de. (2005) “Estudo sobre o Despovoamento dos Centros Históricos da Rede Atlante” *Évora, Câmara Municipal*. (Vol.5), pp. 10-110;
- UNESCO – CNU Portugal (acedido em 15-01-2011), UNESCO, disponível em: <http://www.unesco.pt/cgi-bin/unesco/unesco.php>;
- UNESCO Portugal (acedido em 10-01-2012), Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, disponível em: [http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul\\_doc.php?idd=5](http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=5);
- World Heritage Centre (acedido em 15-01-2012), The World Heritage Committee, disponível em: <http://whc.unesco.org/en/committee>;
- World Heritage Centre (acedido em 16-01-2012), UNESCO World Heritage Convention, disponível em: <http://whc.unesco.org/en/conventiontext>;
- World Heritage Centre (acedido em 16-01-2012), World Heritage Centre, disponível em: <http://whc.unesco.org/en/134>.

# Apêndices

## Apêndice 1

## Apêndice 1: Iniciativas Porto 2.0

(...) "dar substância e vida ao património da zona histórica - é esta, em traços gerais, a definição do **projecto Porto 2.0**, segundo (...) foi explicado por Vladimiro Feliz, vereador do Turismo, Inovação e Lazer da Câmara do Porto. A iniciativa tem já assegurado um financiamento de quase dois milhões de euros (70 por cento provêm de fundos comunitários), que poderá "duplicar ou triplicar", de acordo com o investimento privado que for captado.

**O que, ao certo, vai acontecer é que ainda não se sabe - e a ideia é mesmo essa.** A empresa municipal Porto Lazer propõe-se procurar projectos passíveis de integrar a futura programação, contando, para já, com parceiros como a Casa da Música, a Universidade do Porto, a Cooperativa Árvore, a Fundação José Rodrigues, o Balletatro, as juntas de freguesia e associações culturais e recreativas, a Universidade Católica, a Addict ou os espaços Plano B e Maus Hábitos." (...) Um bom exemplo: em vez de ser o poder público, exclusivamente a pôr o dinheiro, as ideias e a executá-las, o poder convida e envolve a sociedade civil para alcançar objectivos.

E onde podia isto acontecer senão no Porto, a cidade portuguesa onde a sociedade civil sempre andou "mais à frente", ao longo de séculos de História, e desde os grandes burgueses e empresários até ao povo mais humilde? (...)

"As iniciativas que vierem a resultar deste projecto vão decorrer com regularidade ao longo dos próximos dois anos, mas terão dois pontos altos, em Setembro de 2011 e 2012. Será uma forma de dar maior visibilidade a um conjunto de acções transversais que, espera-se, consigam "trazer o futuro à cidade, cativando o passado".

Vladimiro Feliz explicou, numa conferência de imprensa no Hard Club, que o Porto 2.0 tem como ponto de partida o património físico da cidade, já classificado pela UNESCO, mas também o "caldo imaterial" portuense, com as suas tradições, saberes e práticas. A ideia passa por acrescentar criatividade a esta preexistência, conferindo "narrativa, visibilidade e coesão" a toda esta área.

"Queremos ajudar a revelar um centro histórico do Porto onde haja cruzamentos diversos, libertadores de energia, contaminantes entre quem aí vive e quem aí trabalha, entre quem aí pensa e quem aí sente, partilhando olhares, perplexidades e vontades que se constituam como um centro nevrálgico de criação, de cultura, e de, renovação de

energia", disse o vereador.

### **Entrada grátis**

Todas as iniciativas que venham a resultar do projecto Porto 2.0 serão de acesso livre e gratuito e deverão ser capazes de estimular o aparecimento e consolidação de um pólo de indústrias criativas na zona, permitindo criar riqueza "de forma sustentada e duradoura". A futura programação pretende ainda ter impacto ao nível do turismo, diferenciando os produtos que a cidade oferece de forma a aumentar a sua competitividade interna e externa, e contribuindo para um maior cosmopolitismo do Porto.

"A Porto Lazer está, portanto, através do Porto 2.0, a mobilizar energias e pessoas para evidenciar o que de melhor o centro histórico tem dentro de si, para revelar e dotar de consequência e visibilidade os recursos que aí existem, aí cabem e aí são desejados; em suma, para afirmar todo o seu potencial", afirmou Feliz. "Estamos a consolidar e a alavancar a nova vida da Baixa", concluiu."

Fonte: <http://omelhordeportugalestaaqui.blogspot.com/2011/02/20-o-porto-igual-si-mesmo.html>

## Apêndice 2



## **Apêndice 2: «Porto 2.0» - Um programa para revitalizar a baixa portuense**

Mobilizar pessoas e empresas para dinamizar o centro histórico do Porto é o objectivo do programa «Porto 2.0». A iniciativa promovida pela empresa municipal Porto Lazer quer unir as comunidades da baixa da cidade na organização de eventos que tornem aquela zona num centro «nevrálgico de criação, de cultura, e de renovação de energia», adianta o município.

Café Portugal | domingo, 6 de Fevereiro de 2011

«Trazer o futuro à cidade, cativando o passado», diz o vereador do Turismo, Inovação e Lazer da Câmara Municipal do Porto, Vladimiro Feliz, é um dos objectivos da iniciativa «Porto 2.0», promovida pela empresa Porto Lazer.

O projecto, que irá decorrer ao longo de 2011 e 2012, «tem como ponto de partida o património físico da cidade, já classificado pela UNESCO, mas também o ‘caldo imaterial’ portuense, com as suas tradições, saberes e práticas. A ideia passa por acrescentar criatividade a esta preexistência, conferindo narrativa, visibilidade e coesão a toda esta área», pormenoriza o mesmo responsável.

«Queremos ajudar a revelar um centro histórico do Porto onde haja cruzamentos diversos, libertadores de energia, contaminantes entre quem aí vive e quem aí trabalha, entre quem aí pensa e quem aí sente, partilhando olhares, perplexidades e vontades que se constituam como um centro nevrálgico de criação, de cultura, e de renovação de energia», afirma o vereador.

O programa intitulado «Porto 2.0» vai procurar parceiros na área de intervenção, não sendo a sua metodologia assente em candidaturas. De acordo com Vladimiro Feliz, «o programa não funcionará numa lógica de candidaturas, haverá uma equipa destacada para encontrar projectos».

«Será um trabalho de boca a boca, nas ruas, para conhecer a realidade do centro histórico. Interessa ir às pessoas, às associações, e chamá-las para trabalhar connosco», frisou.

A ideia é criar «um processo de prospecção e proximidade com as várias comunidades existentes no centro histórico, de olhar para os vários activos existentes e criar um efeito alavanca».

O vereador esclareceu que o «Porto 2.0» será um «projecto muito transversal», destinado à «criatividade e criação de novas soluções».

Vladimiro Feliz apontou a hipótese de «um restaurante ou bar ser complementado com a performance de um artista» e de «um músico a trabalhar com um cozinheiro».

Pretende-se que o projecto se transforme na «maior acção integrada de cultura e inovação com impacto sustentado no desenvolvimento regional do Norte de Portugal».

A intenção é que se façam «diagnósticos», descubram «participantes», concretizem «parcerias», concebam «intervenções» e programem acções.

A produção criativa que resultar «não será nem de vanguarda nem tradicional», mas sim «o que a comunidade criativa, envolvendo as populações, conseguir desenhar».

O objectivo é, também, dinamizar o turismo e economia, porque «todas as acções que vierem a ser realizadas terão sempre uma componente de financiamento privado», podendo «triplicar o valor inicial» do investimento.

Há já alguns nomes de instituições parceiras deste programa como o Balletatro, a ESAP - Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, a ESMAE - Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, a Fábrica Social - Fundação José Rodrigues, as Faculdades de Arquitectura e de Belas Artes da Universidade do Porto e o FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica e o Maus Hábitos.

Em «desenvolvimento» estão parcerias com outras entidades, como a Addict - Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas, a Casa da Música, o Plano B, a Universidade do Porto e juntas de freguesia.

O «Porto 2.0» candidatou-se em 2009 ao «Sistema de Apoio ao Cluster de Indústrias Criativas» promovido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte, na categoria «Grandes Eventos».

A iniciativa prevê um investimento «de quase dois milhões de euros» co-financiados em 70% pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

A candidatura aprovada em 2010 prevê que a Porto Lazer participe o investimento em 30% mas, de acordo com Vladimiro Feliz, «está em avaliação» a possibilidade de passar para 20%, em nome «da boa gestão dos dinheiros públicos». De referir que todas as iniciativas no âmbito do «Porto 2.0» serão de acesso livre e gratuito.

## Apêndice 3

### Apêndice 3: Acções do Projecto Porto 2.0

Dois milhões de euros para animar o centro histórico em Setembro  
Por Ana Isabel Pereira

A Câmara do Porto anunciou, esta quarta-feira, o Porto 2.0, um projecto que tem um orçamento de “quase 2 milhões de euros” para promover intervenções e acções integradas e transversais no centro histórico. **E a comunidade – dos artistas à academia, passando pelos agentes económicos – é desafiada a animar esta zona esquecida da cidade nos próximos dois anos.**

O projecto, promovido pela Porto Lazer e co-financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), terá 3 profissionais dedicados que têm por missão encontrar os projectos certos **para animar o centro histórico em dois “momentos altos”, Setembro de 2011 e Setembro de 2012**, e que contarão com o apoio dos quadros da empresa municipal e dos vários parceiros do Porto 2.0.

O grande evento que ainda está por definir será “no regresso das férias, quando as pessoas estão mais predispostas” a este tipo de momento “agitado”.

**A ideia é aproveitar o “know-how” dos agentes culturais e económicos do Porto e dar uma dimensão maior ao seu trabalho através da promoção de sinergias em rede.** “Podemos dar-lhes uma dimensão que antes não tinham”, sublinhou Vladimiro Feliz, na apresentação pública do projecto, no Hard Club.

O presidente da Porto Lazer esclareceu que o Porto 2.0 **“não funcionará numa lógica de candidaturas, mas sim através de um processo de prospecção e de um trabalho de proximidade junto das comunidades”**, que já está a decorrer no terreno. Caberá a um conselho consultivo supervisionar todo esse processo.

O financiamento do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) 2007-2013, no âmbito do ON.2 – O Novo Norte, é a 70%, mas esta fatia pode crescer. O também vereador do Turismo, Inovação e Lazer explicou que “em avaliação está a hipótese de a participação da Porto Lazer vir a ser apenas de 20%”.

*Projecto que parte “das pessoas”*

Este projecto para a criação e o aproveitamento de oportunidades de desenvolvimento económico no centro histórico “tem um **período de execução até Janeiro de 2013**” e todas as acções a desenvolver serão “de acesso livre e gratuito”. Feliz deu um exemplo do que pode ser uma sinergia concreta: “quem tiver um pequeno

restaurante pode complementar a sua oferta com uma performance artística de um artista que more no mesmo bairro”.

Entre os actuais parceiros do Porto 2.0, estão o Balletatro, a Cooperativa Árvore, o FITEI, a Fábrica Social – Fundação José Rodrigues, o ID+, o Maus Hábitos, a Porto Vivo, a Universidade Católica do Porto e várias faculdades/escolas da Universidade do Porto. Outros parceiros poderão juntar-se em breve a este projecto, entre os quais a ADDICT – Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas, a Casa da Música, a Invicta Angels e as juntas de freguesia do centro histórico e tecido urbano limítrofe.

**Este “será um projecto construído de baixo para cima e não ao contrário, construído a partir das pessoas”**, disse aos jornalistas Vladimiro Feliz, advertindo, contudo, que “uma pessoa singular terá mais dificuldade” em entrar a bordo deste Porto 2.0.

<http://www.youtube.com/watch?v=152V80T3NB8> – Projecto 2.0 Porto – Vídeo Apresentação

## Apêndice 4

## Apêndice 4: Portugal Criativo 2011

Ao terceiro dia, o Portugal Criativo 2011 mudou de cenário. O Palácio das Artes, estrutura emancipatória das artes pertencente à Fundação da Juventude – co-organizadora, com a ADDICT, do Portugal Criativo @ Porto 2011 - foi o espaço perfeito para sete workshops e formações realizadas em torno do tema-chave deste ano: “Ferramentas para negócios criativos.”

Foram muitas as pessoas que não quiseram faltar ao último dia deste evento e com ele aprender, desenvolver competências e aproveitar tudo o que novas ferramentas têm para oferecer aos negócios criativos.

Foram também muitos os momentos que projectaram o conceito, a energia, o diálogo e a discussão que o tema desta 2ª edição trouxe aos agentes criativos nacionais, maior parte deles registados em texto, fotografias e vídeos no facebook e no blogue do evento.

Dividido entre três dias através de momentos de inspiração, workshops e conferências, estes momentos resumem-se bem na palavra ânimo. Ânimo para que o Cluster das Indústrias Criativas se solidifique e progrida, conquistando mais riqueza e emprego para o Porto Região Criativa; ânimo para a organização envolvida, que através do seu trabalho viu os participantes reconhecerem o impacto que momentos como este têm nas suas ideias e desenvolvimentos.

O evento termina agora, mas o Portugal Criativo não termina aqui. Foi apenas um instrumento persistente e um trampolim envolvente para que vários projectos e conceitos se projectem verdadeiramente e se façam ouvir e façam ainda mais sentido.

Funcionou, crê-se, como uma oportunidade para que novos criativos se motivem, se guiem e acreditem plenamente num futuro melhor. Foi um especial incentivo à mudança de mentalidades, de paradigma, de métodos, de mecanismos e de formas de trabalhar. Foi um exemplo de sucesso e de ambição, um impulso às novas visões, às novas gerações e às novas opiniões. Uma chama de esperança num trabalho colectivo, numa solução com futuro e dinâmica, numa energia positiva, num diálogo coerente, numa economia criativa maior e onde a criatividade tem um papel fundamental e mais apurado.

Ficamos ainda mais animados com o lastro que este evento deixou, em nós, na cidade do Porto, na Região Norte, em Portugal e no colectivo das Indústrias Criativas

<http://www.addict.pt/pt/portugal-criativo-porto/portugal-criativo-porto-2011/>

## Apêndice 5



**Apêndice 5: Entrevistas a Responsáveis por várias Associações na Cidade do Porto: Associação Infante D. Henrique (Dra. Liliana Pinto) dia 21 de Maio, pelas 11horas, Associação dos Urbanistas Portugueses (Arq. Pedro Guimarães) dia 8 de Junho pelas 18 horas, Porto Lazer (Eng. Vladimiro Feliz), dia 2 de Julho, pelas 9 horas e Porto Vivo (Dr. Braz Pereira) dia 1 de Agosto, pelas 9horas.**

**Grupo II – Recursos**

**Pergunta 1: Quais os recursos humanos disponíveis? São maioritariamente com pessoal? Estas despesas são permanentes ao longo dos anos?**

1. Dra. Liliana Pinto: Dra. Liliana Pinto a tempo parcial.
2. Arq. Pedro Guimarães: Qualquer associação funciona muito na base da carolice, e é o que acontece com esta associação. Vive das cotas dos associados, os meios são escassos, temos dificuldades para dinamizar eventos, considerados importantes, numa altura de crise. Antigamente, a Administração financiava congressos, e outros, hoje em dia, não há nada. Neste momento, estamos à admitir e a organizar o Congresso Ibero-Americano de Urbanistas, aliás eu sou o Vice-Presidente deste congresso, que reúne 18 associações de países de língua Portuguesa e Espanhola, e estamos a pensar organizar o 2º encontro em Merrin, em Setembro, e o seguinte, será 2 anos depois, e nós estamos a pensar em organizá-lo cá. Mas com as restrições que há, temos que primeiro analisar muito bem a parte financeira, para não termos prejuízo, e a associação não pode ter prejuízo.
3. Eng. Vladimiro Feliz: Sobretudo, uma equipa multidisciplinar. Tem a obrigação não só de assegurar a oferta turística e de lazer da cidade, mas também assegurar a promoção da prática desportiva, nos diferentes segmentos etários, sobretudo nos jovens e nos idosos. A gestão de toda o equipamento desportivo. É uma equipa maioritariamente jovem, que no Verão torna-se curta, mas que com engenho e arte, tudo se vai resolver, como se vê nas ruas do Porto.
4. Dr. Braz Pereira: Depende do âmbito da acção que queira dar à Porto Vivo. Nós tecnicamente, na área da reabilitação, do património, nas áreas mais ligadas com o edificado temos gente com imensa experiência. Temos gente que veio do CRAURB, temos gente que tem 30 anos de reabilitação do Centro Histórico. Portanto, o que contitui muitas vezes uma enorme vantagem, designadamente no trabalho que temos

feito na Sé. Porque a equipa conhece as pessoas, o terreno, e mais do que isso, as pessoas conhecem-nas a elas. Ou seja, quando é preciso fazer um realojamento, resolver uma questão mais tensa, há confiança das pessoas, as pessoas conhecem a equipa técnica, e isto é decisivo para conseguir levar as coisas para a frente. Isto porque me parece, que as pessoas tendem a não confiar nas instituições, mas a confiar nas pessoas. Ou seja, as pessoas conhecem o Braz Pereira, e a Eng<sup>a</sup> Margarida. Para eles é indiferente se estas pessoas estiveram no CRUARB ou não estiveram, o que interessa é que eles confiam nas pessoas. A equipa da Porto Vivo, tem essa vantagem, tem o conhecimento por parte da população. Agora se quiser, alargar o leque da actividade da Porto Vivo, se considerar a Porto Vivo, como entidade responsável pelo envolvimento da população, pelo dinamização cultural, pela integração da população no mercado de trabalho...se começar a alargar o âmbito, e a olhar para a reabilitação como algo que vai muito mais além do que a reabilitação dos edifícios, então a equipa é sempre insuficiente. Essa componente, mais direccionada para a população, para a dinamização das actividades que não estão directamente relacionadas com o edificado, é uma área mais descurada da Porto Vivo, porque está mais focada na questão das obras.

**Pergunta 2: E os financeiros? Qual o principal financiador anual?**

1. Dra. Liliana Pinto: Cotas dos 14 associados, sendo o mais importante deles, embora não seja da área a Associação Empresarial do Vale do Ave.
2. Arq. Pedro Guimarães: A Associação de Urbanistas Portugueses, é histórica, de 1983, e tinha uma reunião bi-anual, que era as jornadas. (Você é novo, mas eu sou velho, e sou fundador da associação, e nos anos 80, organizei cursos que a associação patrocinou, que foram patrocinados pela Fundos Sociais Europeus, e demos formação a dezenas ou centenas de jovens em todo o País). Demos formações na área do Urbanismo, e é com agrado, que passei a ver muita dessa gente jovem que acabou os seus cursos, de Arquitectura, de Engenharia e de Geografia, e que fez esses cursos complementares de Urbanismos, e encontrá-los nas Câmaras Municipais a trabalhar é agradável. Mas as jornadas, antigamente, eram importantes, porque as Câmaras não só pagavam aos seus técnicos, para ir, como os seus técnicos tinham empenho grande em participar nas jornadas. Era um ponto de encontro de urbanistas, era uma recolha de conhecimentos muito importantes.

3. Eng. Vladimiro Feliz: Quer patrocinadores, quer candidaturas comunitárias, e o nosso esforço passa por aí. Por tornar gradualmente a empresa cada vez menos dependentes dos fundos municipais. Sendo que a Porto Lazer, presta um serviço de cariz social, quer o apoio à prática desportiva juvenil, o Apoio ao movimento associativo, o apoio aos clubes, a gestão das infra-estruturas desportivas, que estamos também a tentar colocá-las no ponto 0 de equilíbrio, mas esse é um esforço que se vai fazendo e que é trabalhado, e o nosso caminho, e que está hoje praticamente alcançado, é que o esforço da Câmara seja exclusivamente para cumprir, ou fins sociais, ou determinados eventos que a Câmara nos pede, e que por alguma razão não sejam alcançados. Hoje, não existe nenhuma questão financeira, hoje a Porto Lazer, apresenta resultados positivos, obviamente que se tivéssemos mais patrocínios era melhor, mas a actividade hoje...aliás nós temos feito mais com menos, nós hoje temos uma oferta de Março a Dezembro, que é contínua, e temos rejeitado muitas coisas, e temos rejeitados porque a cidade está a ficar em alguns casos, sobrecarregada de eventos.
4. Dr. Braz Pereira: Qualquer entidade que tenha reabilitação da Baixa do Porto, vai ter sempre insuficiência financeira. Porque o Porto, é de uma vastidão enorme. Não estamos a falar de Guimarães, que são 3 ou 4 ruas e uma praça, e que os proprietários ainda são as famílias, e que portanto, reabilitam tudo. Estamos a falar de uma área enorme, com centenas de edifícios por reabilitar, em que muitas vezes os proprietários são uns desgraçados...eu posso dizer que já me chegaram aqui pessoas a dizer “olhe, fique-me com o prédio, que isto para mim é uma xatiçe”...todos os anos me mandam muitas, porque caiu um bocado do telhado, não conseguem gerar rentabilidade, porque um incilino paga 27 centimos, o outro 12, e portanto, aquilo para eles é um problema. Há situações em que eles ofereciam o prédio inclusivamente, portanto, nestas circunstâncias é sempre insuficiente a dotação financeira.

### **Pergunta 3: Quais são as maiores receitas? E despesas?**

1. Dra. Liliana Pinto: Todas as iniciativas promovidas pela Associação são gratuitas
2. Arq. Pedro Guimarães: Hoje em dia, as Câmaras não só não pagam aos seus técnicos, como até exigem que os técnicos vão lá, com dias de férias, por isso, é muito mais difícil organizar as jornadas. As últimas foram organizadas há 2 anos na Póvoa de Varzim, tiveram um sucesso assinalável, as próximas serão eventualmente, em Cascais, ainda no último trimestre deste ano. Essas jornadas antigamente, eram também um

suporte para a associação ter benefícios. Hoje, tem que se trabalhar muito, para ter o mínimo lucro. Quando existe...porque recentemente tivemos um congresso ibérico que realizámos na Covilhã, e do ponto de vista financeiro, foi mau.

3. Eng. Vladimiro Feliz: A nossa maior mostra, nos dias de hoje, para além dos meios de comunicação tradicionais, é o Portal do Turismo. Um projecto que desenvolvemos e que foi lançado há 2 anos, e que pretende ser o portal de entrada na cidade, seja na oferta ao nível turístico, seja na oferta ao nível da animação, lazer e cultura, uma das secções down-page é a oferta cultural, a agenda, o que temos para fazer no Porto, hoje sentimos que esse é o principal meio de comunicação. Depois, desde o site da Câmara, que também ajuda nessa promoção, a revista da Câmara, e aos media tradicionais, são esses os principais meios, assim como a rede de muppies, uma das fases para a promoção das nossas actividades, são os principais meios de comunicação, e estamos agora a fazer um trabalho para estar mais presente nas redes sociais.
4. Dr. Braz Pereira: O espírito que esteve na base da criação do Dec. Lei da constituição das SRUs, e depois toda a legislação que veio depois a seguir a 2004, é dimensionada para tentar envolver os privados no processo e criar condições para não ser o investimento público a resolver os casos todos, mas a criar um enquadramento para deixar o privado, entrar, ganhar dinheiro, reabilitar e resolver problemas, que é aquilo que temos conseguido. Umhas alturas com mais impacto, outras com menos impacto, mas é um pouco o espírito que tem balizado a actuação da Porto Vivo.

### **Grupo III – Análise da Actividade da Organização**

#### **Pergunta 1: Quais são as principais actividades desenvolvidas? Vão de acordo com a classificação da Área Classificada?**

1. Dra. Liliana Pinto: Sendo esta uma associação que começou muito recentemente, em Fevereiro de 2012, as principais actividades, e objectivos propostos são: Promover o trabalho em rede para o desenvolvimento local; “dar voz” à Comunidade Local; e “abraçar” novas iniciativas em parceria com os seus associados.
2. Arq. Pedro Guimarães: A Associação está presente em várias outras associações internacionais, nomeadamente o Conselho Europeu de Urbanistas. Aliás, o nosso representante no Conselho Europeu de Urbanistas é o actual vice- presidente, e foi presidente até há uns meses atrás. Isto é prestigiante para Portugal, e até lhe posso dizer, que foi aqui no distrito de Viana que a AUP (Associação de Urbanistas Portugueses)

organizou a reunião de há 2 anos, do Conselho Europeu de Urbanistas, em Caminha. Os estrangeiros perguntavam-me muito espantados, porque é que era em Caminha, pois estavam habituados a que estas reuniões fossem em cidades de média ou grande dimensão. E eu respondia-lhe da seguinte maneira: Primeiro, o presidente da AUP é do Norte; Segundo, o presidente da AUP, tem boas relações com a Câmara de Caminha; e terceiro, a Câmara de Caminha soube responder ao desafio e apoiar este evento. Foi agradável para quem cá veio, porque a terra acaba por tirar dividendos a médio prazo, mas conseguimos trazer dezenas de urbanistas que tiveram 3 dias em Caminha. Para além disso, o Conselho Europeu de Urbanistas, a AUP, tem pareceria com a associação mais importante a nível mundial dos urbanistas. E noutras associações, associações de estudantes de urbanismo, há várias associações ligadas ao urbanismo que nós temos lá representantes. Neste momento, estamos, conjuntamente com a associação espanhola, muito empenhados na federação que lhe falei ibero-americana, de criar pontes, com os países da América do Sul. São 18 associações, pois há países que têm mais que uma associação. São países em que o estado de urbanismo lá, é mais atraso que o nosso. Muitos deles ainda não têm, associações tão importantes, então esta federação é que está a ajudá-los a criar, essas próprias associações, e é de facto, um papel importante que temos, dar apoio a outros e por nosso empenho, essa federação deixou uma porta aberta aos países lusófonos. Os espanhóis, têm uma veia comercial muito superior à nossa, e tinham as garras apontadas para a América Latina, especialmente para o Brasil. Nós fizemos questão, desde a primeira hora, que a federação deveria ser de países que falassem as línguas da ibéria, países que falassem a língua portuguesa e espanhola. É algo de uma grande importância, para a qual, nós portugueses, ainda não despertamos, estas duas línguas, o conjunto destas duas línguas, digamos que é a terceira língua mais falada do mundo. A língua é um factor de união, nós entendemos o espanhol, e os espanhóis entendem-nos a nós. É um factor de união e global. Porque nós vamos desde o Oriente até à América Latina.

3. Eng. Vladimiro Feliz: Aliás, nós tentamos puxar pelos activos do Porto, aqueles que são os principais activos, aqueles que têm capacidade de projecção internacional. Um dos primeiros esforços, foi o S. João do Porto. É o Santo mais festejado no Mundo, é conhecido em todo o Mundo, No Porto é muito particular em termos de festejo, e nós tentamos que o S. João fosse para além da noite de 23, que não fosse só aquela noite, mas que fosse um mês de festa no Porto. Com isso, com a oferta da Câmara Municipal e de outros agentes da cidade, criamos uma agenda integrada, que teve no ano passado foi

o ano 0, e este ano já evoluiu, funcionou melhor, que desde o dia 29 de Maio, até ao dia 8 de Julho, nós temos uma oferta contínua que acaba este fim-de-semana com o Extreme Sailing Series, que vai a diferentes segmentos etários, como segmentos de interesse, desporto, música, cultura, arte, tentamos ter uma oferta diversa e que mostre que quem vive a cidade e quem visita a cidade, possa ver do início de Junho ao fim de Julho, sempre uma cidade viva, dinâmica, sempre com uma grande oferta para ser usufruída. O Património Mundial, é uma área de grande preocupação nossa e por isso temos criado alguns programas que permitem cruzar as tradições do Porto, a história do Porto, com os conteúdos que aqui se desenvolvem. O Manobras no Porto, e o 1º Avenida, que estamos também a trabalhar agora em torno da baixa, e do Centro Histórico, são projectos que buscam muito dessas tradições, e que pretendem dar conteúdo imaterial, ao trabalho de recuperação do Património que tem vindo a ser feito nesta zona. Numa primeira fase, a Câmara, teve como prioridade, dinamizar a recuperação do Património material, do edificado, e até arrumar o espaço público, que hoje ainda ocorre, esta requalificação que está a acontecer no eixo Mouzinho/Flores, é para tornar o espaço público mais agradável, mas depois é preciso dar-lhe conteúdo, e trazer cá as pessoas e hoje, com muitos anos de persistência, e uma oferta estruturada, com o Porto Sounds, o Música na Rua, com o Road Show do Rali de Portugal, com o Natal, com a passagem de ano, e com o S. João, conseguimos começar a pôr a Baixa, no mapa das prioridades das pessoas, com uma oferta contínua e sustentada. É isso que agora fazemos, agora tentamos hoje puxar, pelo lado esquerdo de quem desce Campanhã e os Aliados, pois são zonas menos usufruídas, movimentadas, e tentar aqui equilibrar os movimentos, e essa oferta que tentamos construir, no sentido de ter uma baixa continuamente animada, e que respeite as diferentes vivências, quem trabalha, quem vive e quem se diverte aqui.

4. Dr. Braz Pereira: A nossa área de intervenção, é chamada a ZIP, Zona de Intervenção Prioritária, que é um mundo. É praticamente o centro histórico do Porto todo. Na altura da constituição da Porto Vivo, foi feito um plano estratégico que identificou os eixos principais, ou os sítios onde se ia começar a fazer a reabilitação. Identificaram-se 5 quarteirões piloto, que foram os sítios onde puseram-se em prática, as metodologias, e o novo decreto-lei, a testar, e depois foi definido uma cruz, que vai desde os Aliados até ao Cubo da Ribeira, depois cruza com Carlos Alberto com a Praça dos Poveiros. Portanto, em todo este eixo, começou-se a fazer a reabilitação, na expectativa de detonar um processo que depois vai expandindo naturalmente. Havendo um sinal de alguém,

que reabilita um conjunto de edifícios, designadamente à escala do quarteirão, é natural que depois os outros atrás, induza a alguma dinâmica do lado dos privados, e foi aí que centramos a nossa actividade. Neste momento, mais na zona do Centro Histórico, porque a 1ª administração da Porto Vivo, considerou que isto devia ser prioritário, o morro da Sé, porque é onde nós estamos. É um sítio que pelo seu carácter simbólico, e que pelo seu valor patrimonial, e portanto trabalhou-se isso, e é provavelmente a zona onde as coisas têm mais andamento. Está a ser desenvolvida a residência de estudantes, envolvendo um privado, um hotel, envolvendo um privado, estão a ser reabilitados nove/dez edifícios para realojamento, das pessoas que saíram dos edifícios onde irá funcionar a residência dos estudantes, e isto conseguiu fazer-se sem notícias, dramas, com acordos com todos os inquilinos e proprietários porque, há uma equipa que conhece o terreno, e isso faz toda a diferença. Aquilo que eu lhe dizia no início, as pessoas conhecerem-se umas às outras e confiarem umas nas outras, faz toda a diferença, com mais um aspecto. A equipa que trabalha a Sé trabalha rés-do-chão e isto é decisivo. Quando se trabalha numa zona como a Sé, estar no rés-do-chão, e as pessoas poderem entrar, sem ter que marcar, pedir, estar à vontade para chegar e falar, mesmo com o estilo de comunicação própria aqui da zona. Mas deu-se essa confiança, porque as pessoas sabem que estamos na rua, que não nos sentamos atrás de uma secretária, e com gravata, portanto, conseguiu-se fazer isso. Entretanto, trabalha-se também a reabilitação do eixo Mouzinho-Flores, que está a decorrer, a acabar, que inclui a reabilitação do espaço público que está em curso, e esta tem sido a zona mais enfocada pelo nosso trabalho. A freguesia da Vitória tem sido deixado para um segundo plano, também é uma zona institucionalmente mais rica, parte do jardim e a organização do centro presta, um serviço muito importante aquela população, portanto é gente que está mais apoiada, penso eu, do que estão aqui as pessoas na Sé. Embora uma parte deste problema, na zona da Sé, é o tráfego da droga. Se isto, fosse do nosso âmbito de actividade, não tínhamos gente suficiente, porque resolver aquele problema, é a coisa mais importante que pode acontecer para a reabilitação do Centro Histórico neste momento. Resolver aquele problema, o privado entra. Porque a intervenção do espaço público está feita, aparentemente, pode não parecer, pelo estado do edificado, mas já não é nada do que era. Mas em termos de infra-estruturas, tratamento do espaço público, e por aí fora, está tudo tratado. Se limpar a cara aquilo, e tudo o que está associado ao tráfego, porque a questão não é só o tráfego, é o consumo em espaço público, eles vão comprar ali, e depois todas as ruas que andam ali à volta, é aquela desgraça humana que

você conhece. É muito difícil atrair investimento, actividade, dinamizar comércio, quando aquilo acontece. Nós não temos maneira nenhuma, com os nossos recursos e com as funções que nos estão incumbidas, de resolver o problema. Fizemos algumas coisas em cooperação com a polícia, e o departamento de ambiente da câmara, que pontualmente conseguimos resolver. Consegue-se mitigar, aquilo, quando há vontade de o fazer. Porque a polícia, a polícia municipal, sabem, conhecem a zona, já o fizeram, já tiveram isto limpo durante uma temporada, e sabem como é que isto se faz, e têm que pensar na cidade toda. Da mesma maneira que eu estou aqui a dizer que o Centro Histórico é uma prioridade, provavelmente, o homem de Aldoar, ou de Paranhos, também devem ter uma causa muito justa. Agora do meu ponto de vista, é um disparate, porque isto é a sala de visitas da cidade. A única coisa que provavelmente cresce na cidade do Porto é o turismo, e naturalmente, o turista vai a Sé, e acaba no Cubo, e é assim. E o que acontece é que as pessoas acabam por não ir por aquele percurso que é aquele que seria o mais natural, e o mais interessante do meu ponto de vista, e acabam por ir pelas principais vias. E as pessoas que chegam ali a cima ao terreiro da Sé, porque na Sé tem duas zonas, tem a zona que é controlada pelo chefe da polícia turística, que é lá em cima ao átrio, e depois a partir dali até à Mousinho da Silveira, cá em baixo ao pé da Travessa da Banharia, é aquela geometria variável do tráfego e da população local. É o que temos, nós tentamos debater-nos por isso, mas é uma prioridade que tem que ser posta em cima da mesa, não por nós, mas por quem depois tem capacidade para resolver o problema.

**Pergunta 2: Quais os recursos informáticos disponíveis para desenvolver as actividades referidas? Todas as bases de dados são informatizadas?**

1. Dra. Liliana Pinto: Todas as informações são informatizadas, sendo o “recurso”, o computador com o acesso à Internet.
2. Arq. Pedro Guimarães: Grande parte das informações, são informatizadas pela pessoa que tem alguma disponibilidade e conhecimento informático, embora muitas das informações das reuniões, estejam em formato de papel.
3. Eng. Vladimiro Feliz: Uma entidade como a nossa, tem todas as suas informações em formato digital, sendo que todo o edifício tem acesso à Internet. Para além disso, todos os e-mails de contactos, são também disponibilizados em formato de papel.



4. Dr. Braz Pereira: A equipa da Porto Vivo, tem valores muito jovens, e portanto, todos estes estão habituados às novas tecnologias, o que é uma grande valência para a Sociedade. Desta forma, sim, todas as informações, todo o trabalho, é realizado em suporte informático.

#### **Grupo IV – Relações com a Comunidade Local/ Comunicação**

##### **Pergunta 1: Quais são as maiores actividades promocionais dirigidas à Comunidade Local?**

1. Dra. Liliana Pinto: Intermediar projectos de reabilitação da Zona Histórica do Porto, estabelecer iniciativas que “dão voz” à Comunidade Local, e promover o Desenvolvimento Local.
2. Arq. Pedro Guimarães: Não tem havido muitas, porque, como disse, esta associação funciona na base da carolice, pois tudo que se faça é à custa do nosso tempo e do nosso trabalho. O que nós temos é tido uma colaboração muito intensa com a Administração. Já com este Governo, na semana passada, fez chegar ao secretário de estado, um documento, que resultou, de uma discussão muito alargada, porque em Março, o secretário de estado, visitou-nos à associação, neste caso, num politécnico, e o secretário de estado, foi lá a uma reunião, em que sentei à mesa 25 pessoas. Por isso, eram tudo nomes de bandeira do urbanismo. O Secretário de Estado, penso que ficou entusiasmado com puder sair dali com uma colaboração muito intensa. E nós ficamos de elaborar um documento sobre o estado do urbanismo, o que é que entendíamos que era importante fazer para melhorar. Esse documento, gerou, várias reuniões, muitos e-mails, e o documento final, foi entregue na semana passada ao secretário de estado. É um documento que faz, o ponto da situação e aponta quais são os caminhos que nós entendemos que temos que seguir. Um deles é essa participação. A participação das comunidades é muito importante. É um estádio que tem a haver, com o estado de desenvolvimento dos países. Na Suíça, quando querem fazer um chalet, põem uma vara com a altura do chalet. Já fazem isso há muitos anos. A participação, tal como tem vindo a ser feita, é uma participação que a lei impõem, mas que é feita para tapar os olhos aos militantes. Os fulanos convocam, a equipa de urbanistas convocam, uma reunião no início, depois outra no fim, mas não há uma participação. Para haver

participação, é preciso que a população esteja preparada para isso. E a população é preciso que seja formada e que tenha hábito nas escolas públicas.

3. Eng. Vladimiro Feliz: Tentamos que isto seja o mais homogéneo possível, pois o grande segredo de uma cidade ser vivida, é que não haja barreiras à participação. Um dos programas que mais insistiu nesse envolvimento da Comunidade Local, digamos em que muitos dos conteúdos são criados por essa Comunidade, que vive o Centro Histórico é o Manobras no Porto. É uma das prioridades que temos e acho que conseguida.
4. Dr. Braz Pereira: As maiores actividades dirigidas à Comunidade Local, aconteceram no âmbito destas candidaturas, do morro da Sé, e do eixo Mouzinho/Flores, houve um projecto que foi desenvolvido com o Thomas Bach, que é um contador de histórias, e que consistiu no desenvolvimento de um conjunto de histórias que são as histórias de motivação e auto-estima. Em que no fundo, à volta de contos populares, chamar atenção das pessoas para a sua realidade. Tem histórias onde se fala camufladamente do rendimento mínimo de inserção, tem histórias onde se fala da ambição excessiva, da apatia. Foi uma maneira no fundo, de falar às pessoas dos seus problemas sem lhes apontar o dedo. É contar uma metáfora, é atirar aquilo ao ar, para ver a quem lhe serve a carapuça. Foi feito em parceria com as instituições locais, que trabalham os grupos da população com quem nos colaboramos, para nos trazerem este público, nós fizemos a apresentação das histórias sempre com casa cheia, e a correr bem, e depois eles faziam um trabalho posterior, que era fazer o briefing daquilo. Então o que achou que isto quis dizer? Faz sentido? Fazer esse trabalho posterior. Que muitas vezes acontecia na própria sessão. As pessoas olhavam para aquilo, e de certa pessoa, as pessoas de certa forma, sentiam-se mencionadas, não apontando o dedo, comparado aquilo com a vida deles, fazia algum sentido, e alguns reconheciam mesmo. No fundo, foi um pretexto para as pessoas, para tocarem em assuntos que são problemáticos, como o desemprego, a dependência, coisas desse tipo, para depois fazer o trabalho posterior. Foi também feito uma oficina de contadores de histórias, em que treinamos pessoas locais, para contar as suas histórias, de uma forma tecnicamente correcta. Isto é uma zona muito rica em histórias, e de aventuras, e portanto trabalhamos com alguns grupos para depois se apresentar isto com alguma técnica. Eu acho que aquilo teve alguma piada, não teve o impacto que estávamos à espera, mas aconteceu. E depois, essencialmente, o nosso trabalho, nos últimos dois anos, tem sido, não promover directamente as actividades, mas trazer as instituições para a Sé. Aqui à 3 ou 4 anos, as pessoas não viam a Sé,

porque era o Cabo das Tormentas...Portanto esse trabalho que nós desenvolvemos e termos instalado a equipa que trabalha a Sé, dentro daquele espaço, fez com que muita gente entrasse. Fez com que investidores, promotores de projectos a usar a zona. E conseguimos o ano passado, penso que uma vitória importante para a zona, que foi atrair o projecto Manobras, para a zona do Centro Histórico, designadamente para a Sé. O nosso trabalho aqui foi abrir o centro histórico, mostrar o centro histórico, e usar o conhecimento do terreno que temos e dos agentes, ou seja, os senhores do manobras precisavam de um espaço para fazer uma oficina de caretos...a equipa arranja a sala!! Porque no início, realizamos uma ou duas reuniões com os agentes locais com alguma capacidade de mobilização. Porque há sempre 5 ou 10 pessoas que conseguem levar os outros, e quando se tem estas pessoas, a sua capacidade de mobilizar gente multiplica-se por 1000. Porque uma coisa é andar a distribuir panfletos, a dizer que vai haver uma sessão, de não sei o que. Agora se isto é o feito pelo Litos, que é o secretário da associação x, que conhece toda a gente, isto ganha uma capacidade muito mais interessante. Portanto, essas reuniões em que se fez a promoção dos agentes locais, com os promotores dos projectos, com o homem que queria filmar histórias de vida, com o homem que queria treinar o grupo de teatro, com o homem que cria construir o grupo de percussão, apresentá-los à população, foi no fundo fazer ali as apresentações, o casamento. Dali resultaram empatias naturais, o homem dos tambores, simpatizou com o homem do Vasco da Gama, por exemplo, mantiveram os contactos, e organizaram projectos para a população local, e isto é o melhor sinal de todos. Sem ser preciso nós estarmos a promover, criar as condições para esta gente se começar a relacionar sozinha. Nós este ano tivemos esse exemplo, com muito menos esforço da nossa parte, sabemos que há projectos que vão acontecer na Sé, que resultam dos contactos já feitos o ano passado, por haver coisas que correram bem, e este ano estão a dar continuidade a esse trabalho. Ou seja, há uma certa barreira psicológica que foi construída sobre o morro da Sé, que foi vencida junto dos agentes culturais e das indústrias criativas, que já conhecem a zona por um lado, e junto dos investidores do mercado imobiliário por outro. Porque antes do subprime, até 2008, era como aparecer gente na Porto Vivo à procura de oportunidades no mercado imobiliário. Hotéis para fazer, coisas deste género. Muitas vezes, era eu que fazia este atendimento, e portanto, fazia sempre este atendimento a passear nas ruas da Sé. A gente entrava logo com terapia de choque na cruz do souto, e eles começavam a stressar, mas as pessoas conhecem-nos e começa aquela conversa com a população local. À medida que vamos passando, vamos falando

das oportunidades, ou seja, foi possível atrair investimento para a reabilitação na Sé, de pessoas que queriam comprar hotéis em Sá da Bandeira. E porque é que isto foi possível? Porque alguém lá foi. Isto há um mito à volta destas coisas e esta zona ficou com as etiquetas. O Aleixo há de ser sempre um local associado ao tráfego de droga. Ou se abre isto, e se põe as pessoas a ir, e a interagir com as pessoas e a ver o que é de facto, a população local, para desmistificar isto. Porque depois há os que gostam e os que não gostam, mas não ficam com a dúvida, com o mito na cabeça. Há alguma reabilitação, foram transacionados vários edifícios na zona, por exemplo, para reabilitar, para fazer habitação e outros para alojamento turístico. Eu diria que esse foi o trabalho principal que foi feito pela população. Foi um trabalho de abertura, de apresentação dos agentes locais, aos agentes do exterior, para promover o projecto, e organizar iniciativas e por aí fora. Nós tivemos o Flea Market, aqui na Sé, que foi uma coisa fantástica, encheu-se a Avenida da Ponte, um sucesso, porque as pessoas já não têm esse receio de vir à Sé, ou à zona do Centro Histórico.

**Pergunta 2: Quais são as maiores actividades promocionais dirigidas aos Visitantes?**

1. Dra. Liliana Pinto: Não existem. A Associação está vocacionada apenas para a Comunidade Local.
2. Arq. Pedro Guimarães: Não existem. Nós temos um par de iniciativas vocacionadas para a Comunidade Local, que podem melhorar a qualidade de vida das pessoas, e indirectamente beneficiar os visitantes da cidade, mas não existe, actividades unica e exclusivamente vocacionads para os visitantes.
3. Eng. Vladimiro Feliz: Um visitante que aqui passe, sente-se parte deste ecossistema, e o Porto, sabe acolher, tem um Património e gastronomia única, e não se globalizou. Tendo uma oferta contemporânea, ainda consegue conservar muito da sua riqueza patrimonial e cultural, e é este o Caminho que o Porto tem que seguir. O Porto se quiser ser o que não é, está a perder competitividade, em termos posicionamento no mercado externo. A grande vantagem para os turistas que nos visitam, é encontrar uma cidade diferente daquilo a que estão habituados, em que cruza uma grande riqueza patrimonial e cultural, com uma oferta contemporânea, que não sendo massiva, no Porto, encontramos um bocadinho de tudo que se encontra nas grandes cidades, e num curto espaço de tempo, e isto é uma vantagem que o Porto não pode desperdiçar, em nenhum momento, e há algo que eu não me canso de dizer “Se uma cidade quer ser aquilo que não é, rapidamente

vai perder a sua clarividência”. Aquilo que é o maior activo do porto é a sua autenticidade, e a sua genuinidade, que são a sua imagem de marca.

4. Dr. Braz Pereira: Nós pontualmente, em datas festivas, como o dia dos Centros Históricos, e o aniversário disto ou daquilo, nós criamos grupos de visitantes, interessados normalmente em património e arquitectura e isto acontece diversas vezes ao longo do ano. Nacionais, estrangeiros, de todo o tipo, institucionais, a Porto Vivo, é considerado o case-study de exemplo, no caso da reabilitação, portanto, Câmaras Municipais, grupos de património, associações de municípios vêm muitas vezes ao Porto, ver como é que nós fazemos, o que é que nós achamos, as dificuldades que nós tivemos, e esse trabalho nós fazemos. Nós em 2009, identificamos, quando começamos a trabalhar a candidatura do morro da Sé, tínhamos como prioridade abrir o centro histórico à cidade. Identificamos o mercado jovem, como sendo um target preferencial, na medida que são muitas vezes eles que condicionam as visitas dos pais e do grupo familiar. Trabalhamos em parceria com a direcção de educação da Câmara Municipal do Porto, e conduzimos umas dezenas de visitas guiadas das escolas da cidade. Desafiamos as escolas a desenvolver trabalhos, a trabalhar na zona, a fazer os seus trabalhos práticos acerca da zona. Tivemos por exemplo, o curso de joalheria a fazer peças fantásticas sobre o Centro Histórico, fizeram-se coisas que chegaram a ser comercializadas em pontos de venda na cidade, pusemos uma turma de alunos de arquitectura de interiores, a fazer propostas para projectos na área da reabilitação, a interagir com a população, fez-se o jogo da glória do Centro Histórico, a caça ao tesouro, ou seja, houve uma série de escolas que desenvolveram algum trabalho, e conseguimos largamente ultrapassar os objectivos propostos na candidatura porque houve adesão das pessoas. Este é um assunto que tende a estar na moda, e a questão é que um professor no centro histórico do Porto, tem imensas coisas para falar. É o que ele quiser!!! Se for azulejos, é azulejos, se for batentes de porta, é batentes de porta, se for geografia humana, geografia, história de arte, ou seja, temos de tudo aqui para poder dimensionar percursos diferentes para diferentes tipos de público. Foi feito um trabalho grande, e eu penso que com algum impacto.

### **Pergunta 3: Qual é o público que mais privilegiam?**

1. Dra. Liliana Pinto: Comunidade Local. Os Visitantes são uma prioridade futura, devido à importância da área onde a associação está inserida. No entanto, actualmente, a associação trabalha sobretudo para a Comunidade Local, uma vez que as apostas

políticas e técnicas esquecem-se da componente Humana, que a Comunidade Local possui, para uma área classificada.

2. Arq. Pedro Guimarães: Neste momento, estamos muito mais empenhados em ajudar os nossos colegas do que defender o urbanismo, se bem que a participação pública é essencial.
3. Eng. Vladimiro Feliz: . Nós estamos a trabalhar um conjunto de conteúdos que envolvem esses mesmo actores, que são os residentes nessa cidade, e que vão construindo, digamos conteúdos, que também tentamos que sejam o mais replicáveis possível, ou seja, que possam ser o mais vendáveis, a outros destinos, cidades, por exemplo, Guimarães Capital da Cultura, já usou muitos dos conteúdos do Manobras no ano passado, mas tentar sobretudo que essa Comunidade acima de tudo, viva a cidade de outra forma, e que se abra a cidade, fazê-los sentir parte da cidade.
4. Dr. Braz Pereira: Embora como lhe disse, o code-business da Porto Vivo, é reabilitar edificado. Existe a consciência que é preciso trabalhar a população, trabalhar com a população, envolver a população, mas há também uma consciência clara que penso eu, correcta, nós não estamos vocacionados para isso. Nós não temos experiência, know-how técnico, para ser promotores directos para promover esse tipo de actividades, agora somos a melhor entidade para pedir os outros para fazer, e desafiar as entidades que fazem coisas nos outros sítios, e perguntar, “e porque não no centro histórico?” Nós facilitamos a actividade de quem queira fazer coisas a traze-los o mais possível para cá. Isto é um trabalho constante. Quando conseguimos fazer isto na Sé, óptimo, se não é na Sé, que fique na Baixa, se não é na Baixa, que fiquem na ZIP.

### **Grupo V – Enquadramento**

#### **Pergunta 1: Qual a visibilidade por parte da Comunidade Local da vossa entidade?**

1. Dra. Liliana Pinto: Há um misto de confiança e desconfiança. Existe uma desacreditação por parte da Comunidade Local das iniciativas de mudança. Uma vez que é um “discurso repetitivo”. Pois todos os projectos que existem, quando o projecto acaba, os resultados são muito poucos.
2. Arq. Pedro Guimarães: Actualmente temos um site que está com bastante actividade. É um site, que além de trazer as noticias importantes da associação, como dá destaque a tudo aquilo que é importante a nível nacional e internacional na Área do

Urbanismo. Qualquer cidadão pode consultar. Eu tenho acesso às visitas, e há visitas que não identifico ninguém ligado à área do Urbanismo.

3. Eng. Vladimiro Feliz: A Porto Lazer hoje, por vezes as pessoas não têm a percepção, clara da situação, porque a Porto Lazer é Câmara, e nós digamos trabalhamos, no sentido de perceber que somos Câmara. A actividade de Porto Lazer, confunde-se um pouco com a Câmara, mas o nosso envolvimento com a comunidade, parece-nos cada vez mais enraizado, sendo muitas vezes imperceptível pela Comunidade, pois as coisas vão acontecendo sem grande problema, e quando acontecem sem problema, as pessoas não valorizam as entidades que os ajudam. Agora precisamos sempre de melhorar, de estar mais perto. Precisamos de melhorar dos dois lados, precisa a comunidade de estar mais aberta e disponível para participar e é esse trabalho que temos vindo a construir e estar mais disponível para responder às enúmeras solicitações que temos. Dou-lhe um exemplo, num mês, como o mês de Junho, nós temos mais de 300 eventos a desenvolver na cidade, num único mês, que é uma coisa... para uma equipa que na área logística, digo montagem e desmontagem têm 20 pessoas, é muito complicado, pois o dia só tem 24 horas, e as pessoas têm que estar em diversos sítios ao mesmo tempo. A nossa equipa também está de parabéns a esse nível, e portanto, acho que todos os dias temos oportunidade de melhorar, e esse é o nosso desígnio, também, mas acho que estamos a prestar um bom serviço à Cidade, e que a cidade também hoje, também está diferente, muito pelo trabalho da Câmara Municipal, da Porto Lazer, e dos outros agentes da cidade.

4. Dr. Braz Pereira: Eu acho que a comunidade local olha para todos nós como sendo a Câmara. Pode ser a CRUARB, a Porto Lazer, somos todos a Câmara. Portanto, eu acho que as pessoas estão cansadas de projectos, estão cansadas do projecto piloto, do projecto de reabilitação, do projecto, projecto...estão cansadas das apresentações públicas, estão cansados da malta na altura das eleições. Eles já estão cá à 20 anos. As pessoas que vêm com os projectos e com as ideias, estão com a melhor das intenções, acreditam-se piamente naquilo, estão entusiasmados, agora às vezes as pessoas esquecem-se que quem cá está, já assistiu aquele entusiasmo à 30 anos. As pessoas aqui, gostam, valorizam a presença, valorizam não quem vem de 2 em 2 anos com os jornalistas, mas quem está aqui todos os dias. Quando está a cheirar mala, ali na Viela do Anjo, e é em Janeiro, e cai um bocado do telhado, as pessoas vêm falar cá connosco. Nós tecnicamente não fazemos nada, mas as pessoas vêm cá, e nós conseguimos reencaminhá-las e dar-lhes algum apoio. As pessoas reconhecem no caso da Porto Vivo

e no caso da Sé, algum do trabalho que temos feito. Naturalmente que, sempre que se pergunta às pessoas, os primeiros cinco minutos são de aliviar o stress...mas depois é possível começar a conversar com elas acerca das coisas. Eu acho que cada vez mais a população local, valoriza as pessoas. A relação com a Porto Vivo, é a relação com o Braz Pereira, com a Dra. Margarida, entre outros. Porque as instituições, eles olham com alguma desconfiança, de uma forma geral, para estas que estão do lado de cá da reabilitação, as Câmaras, os CRUARBS, esta gente toda, que está lá todos os dias, e que lhes segura a mão quando as coisas correm mal, aí eles têm outro tipo de carinho.

**Pergunta 2: Para pessoas com mobilidade reduzida, é fácil encontrar o vosso espaço?**

1. Dra. Liliana Pinto: O espaço é muito limitado, e não existe atendimento ao público. Mas como o espaço encontra-se no edifício do Centro Paroquial de S. Nicolau, existe elevador, em todos os acessos.
2. Arq. Pedro Guimarães: Sim, até porque eu próprio, como consegue ver, não tenho a melhor mobilidade do mundo, e tenho que estar no edifício.
3. Eng. Vladimiro Feliz: Nomeadamente ao nível desportivo, nós temos uma preocupação grande com o desporto adaptado. Ainda não atingimos o patamar que pretendemos, mas é uma das nossas principais prioridades. É a informação, a igualdade de género, e o desporto adaptado. Relativamente às nossas iniciativas, e como também há um esforço grande da Câmara Municipal, em adequar o espaço público, por ser usufruído por todos, fomos a primeira Câmara a ter um provedor do deficiente, estes eventos, tudo aquilo que acontece, ocorre em espaços que são acessíveis a todos. Pontualmente, acontecerá situações em que não, mas nos Aliados, D. João I, na Praça Parada Leitão, na Ribeira, hoje em dia, o acesso é fácil no Porto, embora o Porto tenha uma geografia com muitas subidas e descidas, mas isso, é algo que não podemos contornar, mas esse tipo de preocupação existe. É uma preocupação do Sr. Presidente da Câmara desde que aqui chegou, criando como lhe disse o provedor do Deficiente.
4. Dr. Braz Pereira: É muito complicado. Repare, são feitos esforços, agora numa zona como esta, em que para pregar um prego na parede é preciso 30 autorizações, 4 carimbos e 5 pareceres, há situações em que não têm solução. É preciso aliviar algum dos pressupostos. Ou se alivia o pressuposto do bombeiro, do regime, ou da mobilidade, ou efectivamente nós não podemos explodir com isto tudo para cumprir com a legislação toda. É impossível cumprir com a legislação num edifício que tenha uma



implementação de 8m2, mete-se um vão de escadas e depois como é?? Portanto, tem que haver aqui algum bom-senso. Agora, eu acho que tem sido feitos esforços, eu acho que a cidade do Porto não é a melhor do mundo para quem tem mobilidade reduzida, de certeza absoluta, nem para quem, até para quem tem mobilidade normal, às vezes é complicado, mas eu acho que a consciência dos agentes e dos promotores. Nós sempre que há condições para o fazer, quando o único obstáculo é apenas euros, que é preciso mais ou menos investimento, nós apertamos com isso, agora há circunstâncias em que não dá. Um edifício com 25m2, se mete uma caixa de escadas e mais uma rampa, o edifício desaparece. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Não aconselho ninguém a vir viver para a rua da banharia se tiver uma cadeira de rodas. Não dá!! Não me parece que faça sentido.

### **Grupo VI – Perspectivas Globais e Principais Dificuldades**

#### **Pergunta 1: Quais são as dificuldades mais evidentes do vosso espaço? Pessoal, Financeiro, Instalações...**

1- Dra. Liliana Pinto: As instalações ainda não são uma dificuldade, devido à fase embrionária da associação. Ao nível financeiro, não há qualquer tipo de apoio, excepto as cotas dos 14 associados, e isso é de facto uma dificuldade. Seria necessário uma pessoa especializada pela sustentabilidade financeira da associação, e uma pessoa virada para o financiamento público, ou outras vias de financiamento, ou outras formas de financiamento, que é a necessidade de todo o Centro Histórico, por forma a descentralizar todos os apoios. Ao nível pessoal, seria importante ter mais pessoas a ajudar a associação, mas dada a dimensão da associação, actualmente, é o suficiente.

2- Arq. Pedro Guimarães: A Associação...sem ovos não se fazem omoletes, e sem dinheiro, não se faz nada. É muito complicado gerir uma associação, onde se tem que contar os tostões. Eu já nem sequer admito que o presidente, ou alguém trabalhe, recebendo, mas há muitas despesas, que muitas vezes se têm, e que deveriam ser pagas, mas muitas vezes, nem há esse dinheiro. Quando olho para as outras associações, as outras associações, nem se quer têm este apoio que nós temos. Nós temos uma funcionaria permanente, temos os contactos sempre activos, e quando é preciso, toca-se a sineta, e alguma coisa aparece. E não posso convidar as centenas de associados que temos, porque as reuniões não são produtivas. De maneira que relativamente a assuntos mais importantes, não é juntar os sábios, mas juntar as pessoas que têm, uma ligação mais forte ao assunto em questão. Tenta-se com base nessa discussão/reunião, gerar

consensos, que é um dos grandes virtudes da AUP. Eu não sei o que é politicamente são os anteriores presidentes, sei que a AUP tem associados dos mais variados partidos políticos...Temos vereadores em várias Câmaras, como a de Lisboa. Por isso, sabemos que temos deputados de todos os quadrantes políticos, mas ninguém põe a política dentro da associação. Nem ninguém pergunta o que és, ou deixas de ser. No entanto, política há em tudo, mas não quero é que haja partidarismo. Muitas vezes, até nas posições que os meus associados assumem, tenho dificuldade em saber qual é o partido político deles....e muito me honra quando tenho associados, que quando é necessário apresentam muito bem a associação.

3- Eng. Vladimiro Feliz: Isso, digamos que para o resultado final, é o menos relevante, as instalações da Porto Lazer. Quando falo nas instalações administrativas...não são as ideais, mas digamos que a equipa que se consegue motivar, e que anda muito na rua, e que a base é o menos importante, mas relativamente às instalações desportivas, estamos com um bom nível de oferta, falta-nos provalvemente nos espaços exteriores, um ou dois campos relvados de grandes dimensões, de futebol, râguebi, com isso, a oferta está perfeitamente alinhada com aquilo que a cidade precisa.

4- Dr. Braz Pereira: O espaço acho que resolve todos os problemas. Seria obscuro dizer outra coisa. Num sítio onde está tanto por fazer, nós estarmos num edifício novo, com as condições que tem. A última coisa que nos podemos queixar é do espaço. Embora o edifício esteja concedido para ser uma escola de hotelaria, com restaurante, por isso é que esta entrada é esquisita. Mas não, até porque um edifício com 4 pisos, reúne-se, trabalha-se, puxa-se uma mesa, não temos problemas desses.

**Pergunta 2: Sendo o Porto uma área classificada, quais são as principais perspectivas de desenvolvimento a médio e longo prazo?**

- 1- Dra. Liliana Pinto: A médio prazo, o objectivo fulcral passa pela existência de mais associados e o estabelecimento de mais protocolos. A longo prazo é promover uma ligação mais forte com a Comunidade Local, e obter uma maior visibilidade junto desta. Para além disto, tornar o Centro Histórico do Porto “mais visível”, externamente.
- 2- Arq. Pedro Guimarães: Como lhe disse à pouco, sem ovos não há omeletes, estamos numa altura de profunda crise, por acaso conheço bem o Porto, pois durante 4 anos fui assessor do Urbanismo da Câmara Municipal do Porto. O que é que eu acho? O Porto tem que estancar o declínio. O Dr. Rui Rio com erros que muita gente lhe aponta, teve para mim um mérito, há 10 anos atrás. Lançou 2 chavões muito importantes, que até aí,

nem esquerda nem direita tinham lançado, que foi a coesão social e a reabilitação. Até aí, a reabilitação, vinha desde o tempo do CRUARB, mas que o espírito de reabilitação era feito peça-a-peça. Foi no primeiro mandato do Dr. Rui Rio, que foi a génese da lei da reabilitação. Aqui defende-se que a reabilitação tem que ser ao quarteirão. Porque as concessões, da antiga cidade, nem sempre são compatíveis com as que se têm que lá meter. A residência dos estudantes da Sé, é paradigmático. Agora os visitantes, já vão aquela zona...antigamente, na minha infância e durante alguns anos, as pessoas iam, porque se aventuravam. Quando começaram os trabalhos para a residência dos estudantes, começou a bulir um pouco e a droga não gosta de movimento. Meter ali, no coração da Sé, num quarteirão da Rua da Banheiria, Rua Escura, Rua S. Sebastião e Rua da Pena Ventosa, é obvio que não acabamos com a droga, mas no fundo estamos a reabilitar, um património do melhor que nós temos. Em Portugal, as coisas chegam sempre atrasadas, e o antigo, já era há muito tempo recuperado lá fora. Eu lembro-me há 15 anos, acompanhei, um grupo de franceses, que vieram ao centro de formação da construção civil, e em França, já havia há muitos anos, empreiteiros específicos para reabilitar, pois tinha que ter um alvará específico, não era qualquer empreiteiro que podia reabilitar, e nós ainda não temos cá isso. Exige muito mais, atenção, mais conhecimento, delicadeza. O que é que eu penso da Baixa?? A Baixa do Porto, não é só a Baixa, aí a minha diferença de opinião relativamente ao Dr. Rui Rio. Concentrou-se na Baixa, e a cidade é um todo. Eu sei que apoiar fortemente a reabilitação, mas não nos podemos esquecer que temos outras zonas. Mas, também este empenho exagerado, que começou a dar alguns resultados, não tão rápidos como ele desejava, mas começa a haver, qualquer coisa, mais do que outras cidades. (um aparte, uma coisa que orgulha ser português, é a forma como o espaço público nacional foi reabilitado. Há 3 anos atrás, em plena Roma, eu dizia à minha mulher e às minhas filhas, reparem, isto em Portugal não estava assim. Este espaço público em Portugal, estava diferente, nomeadamente no Norte. Isto também tem a ver com políticas de financiamento e fundos comunitários. Porque é que os Italianos não reabilitaram? Porque durante muitos anos, em vez de reabilitarem, tavam a dar-nos os fundos a nós. Mas o que é certo, é que em Portugal, nomeadamente no Norte, na última década, houve uma aplicação bem feita de fundos estruturais para a reabilitação e para o desenvolvimento do espaço público e a riqueza da cidade começa por aí). No Porto, em Guimarães, em Viana, mesmo em Caminha, Cerveira, Valença, os centros estão bem arrançados, e o espaço público é essencial, é onde a comunidade vive em conjunto.

- 3- Eng. Vladimiro Feliz: Manter esta estratégia, este estágio que o Porto atingiu, e ter sido considerado este ano melhor destino europeu para se viajar, não se constrói por acaso, não é um passo de mágica, que as pessoas se lembraram-se do Porto e apanharam o Avião para cá. O Aeroporto ajudou muito, as rotas ajudaram muito, obviamente, mas depois é preciso ter conteúdos que alimentem essas rotas. E esta estratégia que se montou de aumentar o grau de notoriedade do Porto, atraindo eventos de grande notoriedade internacional, e com projecção televisiva internacional, são uma estratégia que deve ser mantida e sustentada. O circuito da Boavista, o Red Bull Air Race, o Optimus Primavera Sound, o Extreme Sailing Series, são eventos com muitas horas de televisão nos media internacional, alguns deles com grande bilheteira internacional, e o Optimus Primavera Sounds, é um grande exemplo, onde 70% da bilheteira foi internacional, mas as horas de televisão que estes eventos levam a todo o mundo, por exemplo, o Circuito da Boavista teve 17 horas contínuas de transmissão, no Eurosport. O Eurosport, é o canal mais visto no Mundo. E portanto, 17 horas de Porto, na montra mundial, e não é o Porto no espaço fechado, o circuito da Boavista, ocorre em torno do Parque da cidade, com imagens de helicóptero, mar, é muito bom, a imagem que o Porto leva daí, e portanto aos termos esta aposta em eventos que levam o Porto mais longe, e temos uma oferta de cariz mais local, que anima a cidade, e faz sentir aqueles que nos visitam que o Porto está vivo, que tem sempre algo para ser visto, tem algo para ser vivido, a par da grandiosidade patrimonial, que o Porto tem, temos aqui os eventos ideais. Por aí, se nós mantivermos cuidado com a manutenção património, cuidado para a forma como arrumamos o espaço público, olhar para esta praça, e virmos normalmente livre de grandes acessórios que gerem ruído, por exemplo a publicidade, é muito cativante, para quem vive na cidade. Depois, com isto alimentarmos a cidade em termos de conteúdos, que façam digamos que as pessoas que cá vivem, e que nos visitam, vivam experiências diferentes, e temos os ingredientes ideais, e temos que manter o Porto no mapa da procura turística global, e isto faz-se com eventos de grande dimensão e relevância nos media internacionais.
- 4- Dr. Braz Pereira: Isto é um diamante em bruto. Não tenho dúvida nenhuma acerca disso. Digo isto desde 2005. Quando entrei em 2005, andava com uma coisa em 3D, com 25 m2, para os investidores acreditarem que era possível fazer um produto imobiliário com essa dimensão, e diziam todos que eu era maluco, e hoje estão todos aí. O Turismo cresce, temos um património cultural, brutal, inigualável, temos coisas absolutamente únicas. Temos alguma incapacidade. Eu acho que temos a galinha dos ovos de ouro. E

nós conseguimos a pô-la alguns de cobre. O ouro propriamente dito, eu acho que estamos condenados a fazê-lo, a lá chegar, é o meu ponto de vista. O Turismo cresce, é uma zona muito diferenciada, eu acho que a crise pode funcionar a favor do centro histórico na medida em que, as pessoas com a crise e com a mudança do regime de arrendamento urbano vão tender a alugar, a arrendar. E quem arrenda, prefere o centro de cidade, sente essa necessidade. Quem arrenda, prefere a centralidade. Eu acho que isto é decisivo. E o Porto tem que andar à volta disto. Acho que há muitas oportunidades à volta do turismo por explorar. Não se esqueça que o produto estrela do merchandising no Porto, é a camisola do Cristiano Ronaldo. Que é uma coisa inadmissível do meu ponto de vista. Com o património, com a quantidade de gente, de histórias, e imagens e tudo o que podia ser feito à volta da cidade do Porto, o que mais se vende é o Galo de Barcelos e Cristiano Ronaldo. Isto é um exemplo. Até há pouco tempo, a referência de qualidade que tínhamos a volta do hospital de S. António, onde andam todos os dias 5mil profissionais de saúde, olhavam a volta, e o que é que tinham para comer?? Portanto, há uma série de oportunidades. A primeira prova disso vai acontecer com a abertura da intervenção que está a ser feita em frente à Torre dos Clérigos. Do meu ponto de vista, vai ser um projecto de sucesso na área do retalho imobiliário desde 2012. Porque isto é tudo o que ninguém prevê que possa acontecer. Aquilo vai ser um sucesso. É um produto bem pensado, direccionado e segmentado e que aproveita as potencialidades e o mercado que o Porto tem. Eu acho que temos tudo para fazer coisas bem-feitas, e para nos sermos mais e melhorarmos mais do que toda a periferia. Eu acho que temos mais potencialidades e recursos para dar a volta, e a médio e longo prazo estamos condenados a que corra bem.

### **Grupo VII – Outras Perguntas**

#### **Pergunta 1 e 2: Quais são os pontos fortes e fracos e as oportunidades e ameaças do Centro Histórico, desde que foi reconhecido como Património Mundial?**

(As primeiras duas perguntas, optamos por agrupá-las numa só, uma vez que falavam dos pontos fortes e pontos fracos (pergunta 1), e das oportunidades e ameaças (pergunta 2). Assim, ao juntar-se numa só questão, conseguimos aferir mais facilmente e com maior qualidade qual a opinião dos entrevistados.)

1. **Dra. Liliana Pinto:** Reabilitação Urbana; não está a ser realizado da melhor forma; Desertificação; sendo o Porto uma zona cada vez mais vazia, considero do meu ponto de vista, um problema mais grave que o estado de conservação dos edifícios; e o

território cada vez mais envelhecido, embora este seja um problema europeu. O Património Humano que ainda não existe, ou seja, a riqueza cultural e histórica da Cidade; obviamente, também o Património Cultural e Arquitectónico; e oportunidades: a própria classificação em si, embora há que trabalhá-la; o Turismo; e o potencial criativo, das indústrias criativas.

2. Arq. Pedro Guimarães: Há grandes oportunidades. Eu costumo dizer que o Porto, está vendido por natureza. Quando a Rynnair, começou a voar para o Porto, estava eu na Câmara, e disse ao vereador das actividades económicas “Pense a sério nisso, vão ser 900.000 pessoas ano”, hoje em dia já é muito mais. E ninguém estava a pensar, o que era aquilo. Agora começam-se a criar mecanismos para que essas pessoas, gastem o seu dinheiro, e venham e voltem mais vezes. O Porto tem coisas riquíssimas, e isto de estar considerado destino nº 1. O Porto tem um património de inegável qualidade, que está mais ou menos bem conservado no Centro Histórico. Foi abandonado, há muito tempo, mas se tivesse lá um prédio destuante era pior. O Porto é conhecido em todo, tem cidade Património da Humanidade, tem o Douro, também Património da Humanidade e tem o Futebol Clube do Porto (eu tou à vontade...nem sou adepto do Porto, mas é uma mais-valia). Por isso, o Porto está vendido por natureza, o que temos é que o enriquecer, continuar a melhorar o seu espaço público, dar vida ao seu Centro Histórico, atrair know-how, massa cinzenta. O Porto chegou a ter 360.000 habitantes e tem 240.000 habitantes. Perdeu muito, em grande parte pela lei do arrendamento urbano, que as casas do Centro Histórico, estavam arrendadas por valores ridículos, os senhorios não faziam obras...agora a nova lei parece que introduzir alterações, que poderão ajudar a reabilitar o Centro Histórico. Mas é necessário um grande investimento, e a era do crescimento acabou. O volume imobiliário acabou, pode ser que daqui a 20 anos retome, mas até lá não vai haver grandes novas construções. Podem haver nichos muito pontuais, mas nada de específico, apenas construções de primeira. Mas, eu acho que no Urbanismo, eu tenho defendido isso, no início quase que me batiam, porque achavam que não devia defender isso, mas agora começam-me a dar razão, mas tem que haver planos de demolição de periferias. Repare, nos últimos anos a nossa população não tem crescido, tem estado estável, nas últimas décadas, e das duas uma: ou importamos chineses ou populações africanas, pedimos a ajuda do Futre, ou não temos maneira que encher o imobiliário que temos. Acho que temos 700.000 construídos novos, que estão em mau estado para habitar. Por isso, acho incorrecto tudo aquilo que foi feito, até com Fundos Comunitários, aquelas parecerias para a

reabilitação, que muitas vezes está-se a investir para reabilitar o que não é reabilitável. Conhece a Vila d'Este em Gaia? Agora aquilo está bonitinho, mas do ponto de vista social, não sei se estará a ser bonito, porque há ali uma concentração excessiva. Eu lá na altura defendida que se demolisse parte. Se nós temos excesso de construção, há que nesses casos demolir, e pôr as populações noutra sítio. O caso da baixa, nos imóveis reabilitados que sejam da Câmara, não passa a haver imóveis para a Reabilitação Social. Grandes concentrações não. A habitação social deve estar misturada com as outras. O equilíbrio social, é muito importante para haver equilíbrio.

3. Eng. Vladimiro Feliz: Os pontos fortes são de facto, e assim no imediato, acima de tudo, a grandiosidade e a autenticidade deste património, acumulam muitos séculos de história. É um quadro perfeito, e uma paisagem perfeita, que nos ajuda a atrair muitos destes eventos que trazemos ao Porto, é um anfiteatro natural, que desde o Douro até aqui às Cardosas, também recuperadas, que ganharam outro elã, mas, o descer daqui, digamos dos Aliados até à Ribeira, Rua das Flores, Largo de S. Domingos, Travessa de S. Nicolau, se descermos por aí, é quase um recuo no tempo, em que pudemos viver experiências únicas, e num ambiente, que eu considero mágico, e por exemplo os turistas americanos, quando cá chegam, menos ligados a questões históricas, ficam maravilhados, portanto, é a magia, autenticidade, é genuinidade e a diferenciação, que esta paisagem, para quem chega ao Centro Histórico. É uma cidade que tem rio, mar, e que tem um parque que termina no mar, isto é uma coisa única para quem visita uma cidade, e que está num curto espaço geográfico. Como pontos fracos, sobretudo a tipologia do edificado desta zona, pois estamos a falar de residências, que hoje nem que tivesse recuperadas, com a configuração que têm, ao mais alto nível, não têm a tipologia que possa acolher um residente contemporâneo. Ninguém mora hoje, num T2, com 40m<sup>2</sup>...eu digo “ninguém”, mas as coisas não funcionam por aí. A tipologia do edificado, e o abandono do património provocado por uma lei do arrendamento que não favorece os proprietários são os grandes pontos fracos...Nós vamos sempre perder população, isso também é um mito que se criou. Nós tínhamos configurações de 40 m<sup>2</sup>, que acomodavam famílias, e que hoje não vão acomodar. A população terá que reduzir no Centro Histórico, e se quisermos ser sérios a discutir esta questão, não podemos aqui criar...hoje falamos de casas, que para fazer uma casa, precisamos de três, e para morarem menos pessoas, pois as famílias são mais pequenas, e as tipologias procuradas são outras. A tipologia, a questão do abandono provocado pela lei do arrendamento, pela taxa de natalidade são os únicos pontos fracos...Como oportunidades digamos, o

retorno do esforço de requalificação material e imaterial que está a ocorrer, acho que vai trazer um potencial enorme para a cidade. Como ameaças, não sabermos conservar aquilo que o Porto, tem, autenticidade e genuidade, e fazer disparates, estragando, digamos, aquilo que está bem feito, e que não pode ser mexido ou alterado, na sua génese.

4. Dr. Braz Pereira: Mobilidade. Eu acho que houve dois factores que foram decisivos, para a atractividade do Porto. Em primeiro lugar, o tratamento do espaço público feito na Porto 2001. Se reparar, todos os sítios, onde passou a Porto 2001, com intervenção no espaço público é onde o Porto acontece. Rua do Rosário, Passos Manuel, Zona das Galerias, Zona do Piolho e de Carlos Alberto, foi a parte onde se fez a reabilitação do espaço público. Os privados, depois limpando a cara e abrindo a via pública, todos os privados vão fazendo as suas operações. Portanto, isso é um dos pontos fortes, é o tratamento do espaço público que se conseguiu. Outro dos pontos fortes, e que se conseguiu, é a mobilidade do Metro, isto é decisivo. Não há conversa à volta disto. É outra geração que frequenta isto. Depois tem coisas únicas, nós no Porto, temos outra vantagem, que é o facto de que a periferia é genericamente muito má. Houve muito desenvolvimento da habitação, houve muita gente que foi para a periferia, mas a qualidade urbana, a qualidade do espaço, chegar lá e sair de lá, é tudo genericamente mau. A zona do condomínio, pode estar bem tratada, mas depois para sair de lá ou para entrar lá é uma chatice. Portanto, nós temos isso, temos o Turismo que cresce. Temos uma oferta cultural e patrimonial enorme, e temos a capacidade de atrair os agentes. Ou seja, um estudante de Erasmus, se poder estar a dormir no Centro do Porto, não vai para o pé da Circunvalação, não tenho dúvida nenhuma sobre isso. O turista, de fora, porque os homens da hotelaria da baixa, já mais que uma vez me referiram, que os turistas dormem uma/duas noites na Boavista, e que depois cancelam o reato das noites, e que vêm dormir para o Centro do Porto. Portanto, tem a capacidade de atracção das pequenas actividades. O arquitecto, que quer abrir o escritório, acabou o curso, tem mandado currículos, mas ninguém lhe tem respondido, juntou mais dois ou três colegas, e abriu uma sala de trabalho. Este tipo quer estar na rua do Almada, não quer ir para Leça, ou para Matosinhos, nem para um espaço de divulgação de uma associação qualquer, não quer. Quer estar aqui, é aqui que as coisas acontecem. Portanto, têm essa enorme capacidade de atracção. Depois, o turismo é incontornável. Se reparar, se passar na zona do Centro Histórico, e começar a olhar à volta, olhe para dentro dos estabelecimentos e veja, quais é que tem ar de ter feito obras nos últimos



anos? Quem é que remodelou? Quem é que mudou o mobiliário? Quem é que mudou a montra? Se pensar, que não houve projectos de apoio a actividade comercial nos últimos 4 anos, isto tem que vir de algum lado. Portanto, este público que circula aqui, em primeiro lugar, há uma onda, que é criada pelo turista, pelo Erasmus, e pelo estudante, que dá uma onda cosmopolita à cidade. Porque o ambiente do centro do Porto, é isso, tem aqui de tudo. O casado, o recém-divorviado, o rasta, o queque, portanto, tem esta mistura, e isso é uma riqueza que o Porto tem. Por outro lado, eu acho que o ciclo do shopping está a chegar ao fim. Da parte do público também, mas essencialmente por parte das marcas. Eu acho que há uma tendência natural para eles voltarem à rua. O novo regime de arrendamento urbano pode despoletar, alguma substituição do comércio. Porque eu não tenho dúvida nenhuma, que se eu tivesse, três espaços, relativamente contíguos, com boas dimensões, eu conseguia trazer, a Zara, a Massimo Dutti, entre outras. Nas outras cidades, estão todas no centro da cidade, nos edifícios emblemáticos do Centro da Cidade. No Porto não estão. Estão no Norte Shopping, Mar Shopping, entre outros. Portanto, isto é natural que venha a acontecer, do meu ponto de vista. Porque eu acho que é um fenómeno de moda. A noite do Porto, o ambiente das galerias, não tem nada a ver com a Zona Industrial. Eu acho que isto aqui, não vive apenas de um estabelecimento e de uma marca, mas do facto de haver muitos, desta diversidade. Do meu ponto de vista, com o enorme contributo que a lei do tabaco deu ao processo todo. A lei do tabaco conseguiu acabar com os consumos mínimos, acabou o cartão, as pessoas têm esta solidez que promove o espaço público, que é o grande activo que a zona tem. Acho que estes são alguns dos principais pontos fortes do Porto.

Pontos fracos, os mecanismos de propriedade. Os estabelecimentos que só são abertos nos melhores metros quadrados da cidade, porque pagam uma renda de 11 €, não tem custos com os empregados, porque têm lá a mulher e o miúdo. Os inquilinos, que se arrastam nos sítios, os proprietários que estão descapitalizados e não conseguem investir para promover os seus imóveis, fazem com que as pessoas passem na baixa do Porto, e tropecem nas oportunidades. Há dezenas de edifícios que olha para eles, e está aqui um potencial enorme, há uma riqueza que não está a ser aproveitada. Por existirem, alguns factores de bloqueio, tem a ver com proprietários, com inquilinos e com a falta de capacidade de investimento e acesso a crédito neste momento.

**Pergunta 3: A Comunidade Local habitante na área classificada como Património Mundial tem conhecimento, de onde está inserida?**

- 1- Dra. Líliliana Pinto: Têm noção disso, mas não vêem como uma “mais-valia”.
- 2- Arq. Pedro Guimarães: Eu acho que sim. Tripeiro até é muito característico. Vá a Ribeira falar com eles. Eles vivem bem a sua terra. Eu estive numa reunião um dia à noite, estava lá a polícia à paisana, porque se não aquilo não andava, por causa do corte do trânsito...aquilo é pesado. Eles vivem muito o seu bairro. Se calhar, as populações que estão em novos bairros, já não vivem da mesma maneira. Porque se calhar o urbanismo falhou por alguma razão. O caso de Matosinhos Sul, eu vivo lá, mas acho que é um mau exemplo de urbanismo. Pegou-se numa cidade industrial, e transformou-se numa habitacional, sem criar os pontos de encontro da população. O presidente da Câmara, diz que temos a marginal, mas a marginal não é um ponto de encontro. Tem depois um ponto de encontro, mas que foi fruto de incidentes de morada, que é as casas de pedra que tinham ali 2, 3 ou 4 cafés e uma praçinha. O resto não tem. Mas são esses pontos onde as populações, ganham massa crítica e se identificam que acabam por identificar as cidades.
- 3 - Eng. Vladimiro Feliz: É um bocadinho de tudo...há um grande sentimento de pretença e cuidado. Muitas vezes, é preciso um maior esforço de sensibilização, para os comportamentos, e como esses comportamentos podem influenciar a procura turística da cidade e a capacidade de acolhermos. Daí que nós, também ao nível turístico, trabalharmos muito a formação dos diferetens públicos, para acolher melhor, para trabalhar melhor o acolhimento do turista. Acho que hoje a população do Porto, percebe que o Turismo é um sector importante para a vida da dinamização da cidade, para o desenvolvimento da economia local. Há um sentimento de pertença grande do nosso património, e nem que ele não fosse património mundial, as pessoas do Porto também, por este sentimento bairrista e de pertença, acabariam por digamos, tentar potenciar e cuidar este património da melhor forma possível. É obvio que isto nos leva a todos a ter, digamos um tipo de atitude perante a cidade um pouco diferente, que é todos nós, podemos a cada dia e hora que passa, construir uma cidade melhor, se o nosso comportamento, se não deitarmos o cigarro ou chiclet para o chão, se não colocarmos o lixo na rua num momento indevido, nós estamos a contribuir para um melhor turismo, para uma melhor cidade, e que depende de todos nós, e não depende só de um agente que pode mudar isso. Nós podemos ajudar a mudar isso.
- 4 – Dr. Braz Pereira: Tem. Eles sabem que estão numa área classificada, mas depois a maneira como lidam com isso é que pode não ser a melhor. As vezes se calhar, lidam mal, com a área classificada, pois vêm uma parede branca, e põe: “O Ruben ama a

Vanessa”. Isto acontece naturalmente, mas a mudança de gerações altera um pouco isso. Eu lembro-me quando entrei para a Porto Vivo em 2005, havia uma senhora que na hora de almoço, limpava o prato da janela para a rua. Portanto, sabem que estão numa zona classificada, só que depois, há gente responsável, e há outra questão, agora não tanto, mas quando nós começamos a fazer levantamento, quando era para fazer o plano estratégico dos bairros, começa a haver obras clandestinas, gente que põe tijolos, em cima de placas de madeira, num 5º andar, é uma selva. Eles sabem que vivem no Património classificado, são conscientes disso, e gostam muito de cá viver, quando têm condições para isso. Quando têm uma casa onde não lhes chove em cima. As pessoas só saem daqui quando têm problemas com o tráfego de droga, na zona onde é mais acentuado, e as pessoas pedem por favor, para saírem, ou então, porque de facto os edifícios não têm condições. Porque é uma zona privilegiada, uma zona, onde têm relações de vizinhança, onde a terceira idade é menos solitária, porque há vizinhança, porque se tiram uma pessoa que nasceu aqui, e a põem num bairro, nem que seja XPTO, a pessoa vai-se sentir sozinha. Eles vêm ao fim-de-semana, vêm à zona da Sé, e estão todos na periferia. Aquele convívio de rua, à volta do café, e à soleira da porta, é algo intrínseco às pessoas. Eu acho que as pessoas são conscientes que vivem no Património da Humanidade, da sua especificidade, nem sempre agem de uma forma responsável em relação a isso.

**Pergunta 4: Tomando como exemplo que a Comunidade tem que pagar para visitar os monumentos da sua zona de residência, este é um dos factores que fazem com que as pessoas saiam da zona classificada. Existem algumas ideias/projectos que pretendem ir ao encontro das necessidades da Comunidade, fazendo com que a população se fixe nestas áreas?? Não têm condições especiais?**

- 1- Dra. Liliana Pinto: Este tipo de projectos ou ideias promovidos pelas instituições sociais do Centro Histórico, têm muitas dificuldades, uma vez que não existe abertura por parte dos equipamentos locais para “abraçar” este tipo de iniciativas, porque estão dependentes do poder local (Restrições Económicas).
- 2- Arq. Pedro Guimarães: É evidente que a Cultura é essencial, mas também não é acessível, mas também tem um custo. O que está a ser feito em cidades pela Europa fora, de riqueza patrimonial, é pôr o Turista a pagar. Mas as pessoas têm que ter preferência, como os parques de estacionamento. O cidadão do Centro Histórico, tem que ter tarifas especiais no Parque de Estacionamento.

- 3- Eng. Vladimiro Feliz: De envolver mais a comunidade local? Não. Directamente não. O que fazemos muitas vezes, é quando actuamos numa determinada área, uma maior proximidade com a comunidade envolvente. Depois trabalhamos muito, na questão, digamos, de criar condições de acesso aos públicos mais desfavorecidos, nomeadamente, as crianças e os idosos. Tentar nesses segmentos, eles possam ter, um tipo de acesso e experiência diferente, ao nível dos espaços culturais, muito com as escolas, e ao nível dos idosos, muito com projectos que eles estão envolvidos também, não só a Porto Lazer, mas aí, até mais a Porto Social, e outras entidades.
- 4- Dr. Braz Pereira: Não têm condições especiais? Aquilo que eu conheço melhor... Se for num dia normal, tem que pagar bilhete. Mas é muito simples, resolver o problema, e há muitos dias de actividade abertas, em que as próprias instituições, aconselham a população a ir visitar, a realizar as suas actividades, a fazer o lanche, a cascata na Casa-Museu Guerra Junqueiro, a cascata lá em baixo no Convento... Há oportunidades, para as pessoas conhecerem as coisas sem terem que pagar. Agora não há preços para a população local discriminados, isso não há. Nunca ouvi ninguém dizer que não podia entrar por causa do dinheiro, nunca ouvi ninguém a queixar-se disso.

**Pergunta 5: Outra das razões de afastamento da Comunidade desta área, é a degradação do edificado. As juntas de freguesia em parceria com a Câmara Municipal do Porto, estão a fazer algo nesse sentido?**

- 1- Dra. Liliana Pinto: Mais uma vez, as juntas de freguesia não podem fazer muita coisa, uma vez que os apoios estão muito centralizados.
- 2- Arq. Pedro Guimarães: Eu acho que nas grandes cidades, as juntas não têm o mesmo peso do que nas pequenas cidades. As pequenas cidades, têm uma proximidade muito grande, e nas grandes cidades não. Eu por acaso, como lhe disse, sou de Matosinhos Sul, e sei quem é o presidente da Junta de Matosinhos, mas se perguntar, a 10 pessoas, talvez 8 não saibam. Não há uma relação da população com a junta. Muita da população não conhece a junta. Porquê? Porque as juntas têm um papel diminuto. Tratam dos cemitérios e pouco mais. Isso tem a ver com a lei. A lei não atribui tantas competências às juntas de freguesia. O poder local é a Câmara Municipal, e depois ocorre normalmente o seguinte, se a junta é da cor da Câmara, as coisas ainda funcionam... eu acho que devia haver aí uma alteração política.

- 3- Eng. Vladimiro Feliz: As juntas de freguesia não têm grande poder, e o que nós tentamos fazer na Porto Lazer, é ajudar as juntas de freguesia nas pequenas iniciativas que pretendem realizar.
- 4- Dr. Braz Pereira: Todo aquilo que não está na mão, quando estamos comprometidos com o projecto, que é a reabilitação e a população, tudo aquilo que não está ao nosso alcance, nós pressionamos. A quantidade de vezes que nós sinalizamos para a polícia, e para o departamento do ambiente, os problemas de limpeza e segurança são enormes. Agora para quem identifica, é relativamente simples, é pegar e sinalizar. Agora no nosso caso, é preciso fazer o antes e o depois, reportamos, chateamos a cabeça, e muitas vezes conseguimos... Nós identificámos a situação dos telhados das casas mais degradadas do Centro Histórico. O que é que nós fazemos? Sinalizamos as autoridades, à Segurança Social, à Câmara, notificamos proprietários. Agora, quando chega o ponto em que é preciso fazer uma obra, e o proprietário não tem dinheiro e do lado de cá não existe dinheiro para expropriar, realojar as famílias e remodelar o edifício, é complicado, porque tem uma dimensão enorme. Se tivéssemos a falar de uma ou duas situações, mas não, começa a contar de cabeça, algo histórico de trabalho a esse nível, que ninguém pode dizer nada, à Câmara, não é deste executivo, mas durante anos, que foi o CRUARB. O trabalho feito pelo CRUARB no Barredo foi esse. Há uma casa que está em risco, nós expropriamos o edifício por um valor simbólico, porque é uma ruína, alojamos as pessoas temporariamente, fazemos as obras, as famílias regressam e pagam uma renda simbólica. O Barredo foi feito assim. A Câmara assume a responsabilidade de reabilitar, e devolver aquilo para a disponibilidade da população como habitação social. O que muitas vezes, as rendas não pagam a manutenção do edifício. Portanto, isto não é sustentável, no nosso país. Não temos recursos, não temos condições. É preciso retificar e criar formas sustentáveis, em que há um proprietário que ganha o seu, há um inquilino que também paga o que deve pagar, e esta é a tendência. Isto não pode ser levado à letra, porque se não, retira a população que não tem capacidade financeira, e o dia em que isso acontecer, mata o Porto. No dia em que chegar ao Porto, 2 dias depois do Porto ser campeão, e não vir as camisolas do Porto, não ouvir o fado ao meio-dia, e não ouvir as mães a chamar pelos filhos na janela, isto já não é o Património da Humanidade. É um parque temático, porque a população e os hábitos da população fazem parte do Património da Humanidade. Existe a consciência da parte das autoridades. O privado pode ter a tentação de não o fazer, e de se ver livre sempre que possível dos autóctenes não pagantes. Agora no nosso caso, como lhe disse, o exemplo

da Sé, o exemplo é gritante. Conseguimos fazer as coisas sem problemas. Neste momento, estamos a fazer a reabilitação dos edifícios, para trazer a população que saiu temporariamente, para fazer a residência dos estudantes e trazer os filhos desta geração. Portanto, há esse esforço de centralizar as pessoas, mas eu acho que têm que haver mistura, que é aquilo que eles querem. Eles querem é gente nova, quanto mais novos, mais eles gostam. Eventualmente os traficantes não gostam, mas pronto.

**Pergunta 6: Não acha que a zona classificada deveria ser interdita ao trânsito, um pouco como já acontece na zona da Ribeira?**

1. Dra. Liliana Pinto: Na minha opinião, tem aspectos positivos e negativos. Devem ser implementadas restrições ao trânsito de carros particulares, isso sim, mas não pode impedir as rotinas diárias, como por exemplo as cargas e descargas, viaturas de emergência, entre outras.

2. Arq. Pedro Guimarães: Eu tenho um estudo, para a Ribeira, para as esplanadas da Ribeira. Eu estive um bocadinho na guerra da arquitectura da Ribeira. Há dias, quando o JN me contactou, para saber a minha opinião sobre a arquitectura da Ribeira, é evidente que o Centro das Cidades, gradualmente, devem ser entregues para as pessoas. Eu, sou uma pessoa que tenha dificuldades de locomoção, e se tiver que andar uma grande distância já não ando. Por isso, é preciso, contrariamente ao que alguns ideólogos defendem, nomeadamente o PDM do Porto estava em elaboração quando o Dr. Rui Rio foi para a Câmara, e haviam quem defendesse, quase um corte radical dos automóveis à Baixa!! Puxa!! Achei um contracenso, e agora vem estes jovens, dizer, que sou da sua opinião. Ao fim de dois, três anos, repare, eu tenho que ter o carro. O jovem ao início acha muita piada, mas depois, gradualmente, começa a perceber que o veículo é essencial. Se nós chegarmos ao estado de Nova Iorque, aí não é preciso carro, as pessoas alugam o carro ao dia, pois eles têm uma rede de transportes fantástica. Nós aqui não, eu para ir para o lado de lá...é uma questão de dimensão e o automóvel há de ser sempre essencial. Temos que pensar na sustentabilidade e tirar a carga poluente, temos que retirar ao máximo dos centros históricos, mas temos que arranjar maneira com que ele vá lá, nem que seja por baixo. Em Paris, há parque de estacionamento debaixo das ruas, paga-se. Aqui também, em Viana, paga, mas tenho alternativa.

3. Eng. Vladimiro Feliz: A Ribeira, ganhou muito com o fecho do tráfego aquela zona e há horas em que está aberto. Eu acho que os processos de mudança são sempre

complicados, e quando nos mudam os hábitos, eles são sempre contestados. Temos é que ver que muitas vezes, que a liberdade individual de cada um, ou digamos o direito individual, termina, quando há um favorecimento maior de todo um conjunto de pessoas. E eu acho que o preço de morar num espaço daqueles, tão fantástico, tem também os seus custos. Mas eu acho que hoje para os próprios moradores a situação é mais agradável do que era antes, a confusão está reduzida, a cidade está mais arrumada mais limpa, e na zona de Ferreira Borges, tudo aquilo que vai acontecer, vamos ficar, digamos, eu acho que desde os Aliados até à Ribeira, vai ficar muito cuidada em termos de arrumação pública, e isso é um cartão de visita excelente, que beneficia a cidade, mas beneficia todos aqueles que aí usufruem, ainda mais os moradores, que vão tirar muito partido disto que está aqui a acontecer.

4. Dr. Braz Pereira: Cortar o trânsito à Baixa? Isso é conversa dos comerciantes!!! Não há nada a dizer, aquilo é sem trânsito e acabou. No dia em que condicionarem o trânsito na Rua das Flores, toda a gente se vai torcer, passado uns tempos, toda a gente vai gostar. A mudança é inevitável. Porque isto tem a ver com a tradição da utilização do espaço. O uso que tem. Se pensar, a Rua das Flores, é uma rua maioritariamente de armazenistas. O grossista, do tempo em que passava o viajanete que ia para Bragança, carregar tudo, e ia dar a sua volta, era importante ter a zona de cargas e descargas, mas agora com os shoppings e o conceito de compras das pessoas é diferente, logo deixa de fazer sentido. A zona da Ribeira, que era zona para comprar bacalhau, e mercadorias a granel, agora aquilo precisa de trânsito para quê? Para quê que é preciso ir de carro à frente do rio, em frente ao Restaurante. É preciso ter um canal aberto para passar uma ambulância, não é preciso mais do que isto. Quando o espaço público está tratado, há que usá-lo e incentivá-las, e acaba naturalmente por acontecer. Eu acho que genericamente, eles saem beneficiados.

**Pergunta 7: Não sendo uma entidade claramente turística, existe alguma noção da quantidade de visitantes que passam por ano na área classificada?**

1. Dra. Liliana Pinto: Existem muitos visitantes. A base da “Rynnair” foi fundamental. No entanto, são visitantes que “vêm e não voltam”, também porque a cidade do Porto não dá aos visitantes condições (motivos) para regressarem.

2. Arq. Pedro Guimarães: Não sei, não tenho, porque a minha memória é fraca. A ANA manda-me o e-mail com os milhões que passam no Aeroporto Francisco Sá Carneiro, mas não sei os valores. Têm vindo a crescer brutalmente, e o terminal de paquetes de Matosinhos, é uma realidade que poderá ainda destacar ainda mais o papel

do Porto. Hoje em dia, o turismo de paquetes está com um crescimento brutal. É barato, não sei como é que conseguem fazer aqueles preços, mas o que é certo, é que há muita gente, a viajar de paquete. Se houver, em Lisboa já estão uns passos há frente nesse negócio, mas no Porto, lá havemos de chegar. Vai começar a haver guerra, com Gaia a querer levá-los para as Caves, o Porto tentar levá-los para outro sítio, Vila do Conde a puxá-los. Não vale a pena essas guerras, o Porto tem que pensar como um todo, é uma área metropolitana, que é um passo que falta dar. A Área Metropolitana não é nada, e era importante, que houvesse um órgão (que até aqui o que tem acontecido, é que quem lidera, está ligado ao partido que está nas principais autarquias), mas era importante que fosse uma pessoa que tivesse à frente da Área Metropolitana fosse alguém com prestígio, com uma visão supra-nacional, que percebesse que era muito importante colocar o Porto na Europa. Se olhar, para uma fotografia de Satélite à noite, vai perceber que o Porto, é a terceira aglomeração mais importante da Península. Porquê? Porque o Porto é visto de Viana à Aveiro. Ainda ontem dizia um amigo e associado ao Sidónio Pardal o seguinte: Se calhar, vamos ter o TGV, porque agora até parece que nos metem cá o TGV por 5% do seu custo. O TGV ou uma linha de alta velocidade. Mas eu, não apoiei a Linha do TGV para Madrid. Eu acho que o Porto, especialmente o Porto, mas Lisboa também, deveria defender uma linha, Lisboa, Porto, Vigo, S. Sebastian, ou eventualmente, Valladolid. S. Sebastian. Porquê? Eu vi bens da capacidade atractiva de Madrid, como se relaciona na Comunidade. Madrid, ganhou uma força que chocou Barcelona e Lisboa. Madrid está no Centro, e tudo que seja facilitar as ligações para Madrid, nós temos é que facilitar as ligações para a Europa. Até porque o TGV para Madrid, hoje em dia, o TGV é caro, e as pessoas acabam até por preferir as low-cost, em viagens de 500km como é Madrid.

3. Eng. Vladimiro Feliz: Eu não me atrevia a dizer assim de cor, existe, tem crescido significativamente, eu depois mando-lhe os números, mas está um crescimento significativo, a mais de dois dígitos. Nós o ano passado, crescemos em termos da procura turística nos postos de turismo, eu estou a falar de cor, 19,3%, o que é muito relevante para a cidade. Se nos mantivermos a este nível, este ano os números, são mais-ou-menos os mesmo, o que em contexto de crise também é bom, e agora o que temos que fazer é que aqueles que nos visitam sejam também embaixadores da cidade, e a nível das rotas, são questões muito relevantes, e a importância da Rynaair.

4. Dr. Braz Pereira: Não temos. Temos pontualmente quando falamos com os postos de Turismo, quando falamos com os agentes locais, os homens da hotelaria, que



nos falam dos picos, da taxa de ocupação, dos ciclos, vamos tendo ideia disso, agora valores absolutos não.

**Pergunta 8: Assim sendo, existe algumas actividades orientadas para o visitante?**

1. Dra. Liliana Pinto: As próprias estruturas não fazem com que as pessoas façam um gasto médio maior, e que fidelizem o destino turístico. O Porto já foi mais destino turístico, através das pessoas, porque encontravam no Porto, algo que não encontravam em mais lado nenhum, algo que actualmente não existe, graças à inexistência das características típicas.
2. Arq. Pedro Guimarães: Como lhe disse anteriormente, a nossa instituição está mais preocupada em fazer o que lhe compete ao nível urbanístico.
3. Eng. Vladimiro Feliz: Manter esta estratégia, este estágio que o Porto atingiu, e ter sido considerado este ano melhor destino europeu para se viajar, não se constrói por acaso, não é um passo de mágica, que as pessoas se lembraram-se do Porto e apanharam o Avião para cá. O Aeroporto ajudou muito, as rotas ajudaram muito, obviamente, mas depois é preciso ter conteúdos que alimentem essas rotas. E esta estratégia que se montou de aumentar o grau de notoriedade do Porto, atraindo eventos de grande notoriedade internacional, e com projecção televisiva internacional, são uma estratégia que deve ser mantida e sustentada.
4. Dr. Braz Pereira: No nosso caso não, mas na Porto Lazer, há essa preocupação. Aliás, se constatar a programação da Porto Lazer, no S. João, é isso, muita valorização do espaço público, não tanto agora nesta fase, o concerto, mas a sequência de actividades. O Porto tem oferta cultural, artística e de inovação, suficiente para alimentar o nosso mercado. Agora é necessário alguma coordenação. Porque não há agentes grandes. Há muitos agentes pequenos, mas precisam de eventos e acontecimentos onde se possam articular, para que tenham significado, pois um acto isolado, não tem grande significado. Agora a diversidade há tanta, e há tanta gente a quer fazer tanta coisa, umas melhor, outras pior, que são suficiente para isso. Agora há uma preocupação com isso. A sazonalidade não nos preocupa directamente, mas é evidente que quando ponderamos alguma iniciativa, o promotor do evento, tem que ter isso em consideração.

**Pergunta 10: Qual é a obrigatoriedade que a cidade tem com a UNESCO?**

(Esta pergunta foi apenas realizada às duas entidades ligadas à Câmara Municipal do Porto, a saber, a Porto Vivo e a Porto Lazer, nas pessoas do Dr. Braz Pereira e do Eng. Vladimiro Feliz respectivamente.)

1. Eng. Vladimiro Feliz: Não sou eu que trato dessa parte, até é a Prof. Guilhermina. Mas a obrigatoriedade acima de tudo, é de conservar aqueles que são os requisitos essenciais para que o Porto mantenha o estatuto de Património Mundial. Ter muito cuidado com a construção, nessa zona, e nos processos de requalificação, e nisso o Porto tem tido esse tipo de cuidados. Por exemplo, projectos como o Cais de Gaia e o teleférico, são projectos, que dentro daqueles que são os requisitos, poderão influenciar negativamente numa decisão futura. Portanto, Património Mundial, salvaguarda acima de tudo a preservação de um património que digamos, em primeiro, é considerado relevante para a história da humanidade, está mantido e há um processo de manutenção e evolução desse património. Nós temos que manter o mais possível, introduzindo-lhe, obviamente soluções de modernidade, a paisagem como ela é, e é isso que temos feito no Porto, um processo de requalificação baseado naquilo que já existe, não introduzindo aqui elementos de ruído e que possam perturbar uma futura avaliação da UNESCO. Existe o Plano de Gestão da Cidade do Porto Património Mundial, gerido pelo Pelouro da Cultura e pela Porto Vivo em paralelo.

2. Dr. Braz Pereira: Tem que passar pela entidade responsável, que neste caso específico, delegou algumas coisas à Porto Vivo. As responsabilidades são muitas, e sobretudo é conhecer a legislação internacional, respeitar todas as convenções, e ficar sempre actualizados, porque eles lançam todos os anos coisas diferentes. Nos últimos tempos pediram um Plano de Gestão, e monitorização sistemática, prevista todos os anos. Em cada 6 anos, lançam um relatório de avaliação sobre a conservação, e é mais ou menos esse timing. Há que fazer promoção a nível municipal, nacional e internacional. Fazer a relação com outros países e cidades, e boas práticas. Eles não fazem um controlo aleatório por amostra, mas sobretudo confiam. As visitas não são anunciadas, mas quando eles vêm que alguma coisa não está bem, informam. Pois estão sempre em contacto com as agências nacionais, neste caso em Lisboa, que está relacionada com o Ministro dos Negócios Estrangeiros. Há troca de informações e boas práticas, mas não há obrigações, apenas recomendações. Agora se uma cidade tem uma oportunidade, vai a um congresso, fala-se, faz-se intercâmbios. Há uma coisa muito importante, não é a UNESCO que obriga a nada, mas são as cidades que criam uma candidatura, criando umas regras de acesso, e promove-se de várias formas. A

UNESCO criou a sua, mas por exemplo o Canadá criou a sua. É uma responsabilidade, mas a contrapartida é que estamos numa rede mundial, onde somos conhecidos mundialmente. Temos também a ICOMOS, que nasce da UNESCO, quando se criou a NATO, e é uma das redes também muito importantes. A UNESCO saiu na altura dos bombardeamentos mundiais. Saiu com o objectivo de salvaguarda durante a Guerra Mundial e com a missão máxima de conservação e salvaguarda, e depois desenvolveu-se, com os critérios estarem sempre a ser revistos. Mas por exemplo, quando entrou a Palestina na UNESCO, toda a comunidade aceitou, menos a América, que saiu a lista. Por exemplo, os chineses não estão em quase nada, porque não estão interessados.